

Raphael Cruz Lima

2º Ciclo de Estudos Mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação

ESTUDO DE CASO DO GRUPO SOCIOCULTURAL “CÉLULA DE TRANSFORMAÇÃO”
DE SÃO PAULO NOS ANOS DE 2007 A 2013, FRENTE À FALÁCIA DE POLÍTICAS
PÚBLICAS

2014

Orientador: Professora Doutora Helena Carlota Ribeiro Vilaça

Coorientador:

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

UNIVERSIDADE DO PORTO - FLUP

RAPHAEL CRUZ LIMA

**ESTUDO DE CASO DO GRUPO SOCIOCULTURAL
“CÉLULA DE TRANSFORMAÇÃO” DE SÃO PAULO
NOS ANOS DE 2007 A 2013 FRENTE À FALÁCIA DE
POLÍTICAS PÚBLICAS**

Dissertação apresentada como
exigência para a conclusão do Curso
de Mestrado, em História, Relações
Internacionais e Cooperação, da
Universidade do Porto, Faculdade de
Letras, sob orientação da Prof.(a)
Doutora. Helena Vilaça

PORTO

2014

Universidade do Porto – FLUP

Curso de pós – graduação Lato Sensu Mestrado em
História, Relações Internacionais e Cooperação

RAPHAEL CRUZ LIMA

**ESTUDO DE CASO DO GRUPO SOCIOCULTURAL
“CÉLULA DE TRANSFORMAÇÃO” DE SÃO PAULO
NOS ANOS DE 2007 A 2013**

Dissertação apresentada como exigência total para conclusão do curso de pós-graduação em História, Relações Internacionais e Cooperação . Após análise feita pelo professor responsável, o trabalho foi considerado _____, tendo obtido o conceito _____.

Porto, __/__/__

Profa. Doutora Helena Vilaça

À Banca Examinadora

Profa. Doutora Paula Guerra

Prof. Doutor Jorge Manuel Martins Ribeiro

Dedicatória

Dedico este trabalho à todos aqueles que me ajudaram neste caminho tortuoso e gratificante e à todos aqueles que se envolvem diretamente com causas socioculturais.

Agradecimento

Agradeço a Deus por cumprir mais uma etapa em minha vida.

Agradeço a todos que me deram um apoio, em especial minha família em constante incentivo e troca.

Agradeço meu irmão Gabriel Cruz Lima pela parceria e incentivo nos momentos difíceis

Agradeço meu amigo Rui Manoel Madeira pela força e pela amizade criada nos anos do mestrado.

Agradeço a minha orientadora Prof.(a) Doutora. Helena Vilaça.

Agradeço ao coordenador do mestrado Prof Doutor. Jorge Manuel Ribeiro, que foi a primeira pessoa da Universidade do Porto a me recepcionar.

Agradeço a minha primeira educadora em âmbito escolar Sra. Neusa Boni Freire.

Agradeço ao grupo Célula de Transformação pelo acesso e pela contribuição.

Epígrafe

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o que fazemos para mudar o que somos...”

Eduardo Galeano

Declaração de Honra

Declaro que esta Dissertação é resultado da minha investigação pessoal e das orientações do meu orientador; o seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia final.

Declaro ainda que este trabalho nunca foi apresentado em nenhuma outra instituição para a obtenção de qualquer grau académico.

Porto, Setembro de 2014

Raphael Cruz Lima

RESUMO

LIMA, Raphael Cruz. A dissertação orientada pela Prof.(a) Doutora Helena Vilaça visa fazer um estudo de caso do grupo Célula de Transformação, situado no estado de São Paulo, Brasil. O período avaliado corresponde aos anos de 2007 a 2013, frente à falácia de políticas públicas. Far-se-á um estudo e uma observação desses atores, como oportunidade de inovação para a própria política pública.

O referente trabalho parte de um estudo de caso, e o grupo observado é avaliado sob a perspectiva inicial de um grupo com traços e peculiaridades de agrupamentos coletivos socioculturais, que possuem uma auto-organização, inovação e atividades criativas, os quais realizam suas ações em diversas áreas da região metropolitana de São Paulo e em outras cidades, como Ubatuba, Santo André e Diadema. Foram várias as razões que motivaram a pesquisa, entre elas uma necessidade de aprofundamento sobre as novas realidades que emergem devido à ausência do Estado.

A abordagem incide inicialmente na temática de cultura, tendo como foco os conceitos de cultura, dimensão estética e o grupo coletivo sociocultural.

O desenvolvimento da dissertação tem como berço o campo sociológico e perpassa pelas definições das ideias de ator social, ação social coletiva e empoderamento. A partir dessa perspectiva, foram separados todos os componentes que fazem do grupo Célula de Transformação, o principal enfoque teórico do estudo.

Definido o cerne da dissertação, foram analisados todos os componentes do grupo sob a ótica dos Novos Movimentos Sociais. Chegou-se a essa dimensão devido a uma análise profunda sobre as características, potencialidades e limitações do grupo. A investida incide, por fim, em uma abordagem de ordem empírica, analisando as respectivas fontes primárias obtidas.

Ao final, foi feita a correlação do material empírico e teórico, assim observando a dimensão, condição e atuação no campo social do grupo mencionado.

PALAVRAS-CHAVE: Célula de Transformação. Intermediários culturais. Mediação cultural. Atores Sociais. Ação Social Coletiva. Empoderamento Social. Inovação. Novos Movimentos Sociais.

ABSTRACT

The related work is part-of a case study about a group called Célula de Transformação from 2007 until 2013. The observed group is appraised under the initial perspective of a group with traces and peculiarities of sociocultural collective groups, that possesses an auto organization, innovation and creative activities, which accomplishes its action in different areas of the metropolitan region of São Paulo and other cities, like Ubatuba, Santo André and Diadema. There were plenty of reasons that motivated this research, among them, a necessity of getting deeper into new realities that aroused because of the State's absence.

The approach initially occurs in the culture theme, having as the focus the concept of culture, esthetic dimension and the social cultural group.

The dissertation development has as its birthplace the sociological field and it per passes by the definition of the concept of social actor, collective social action and empowerment.

Defined the group Célula de Transformação as the study core, every of its component was analyzed under the New Social Movements optic. It got until this point due to a deep analysis of the group, its potentialities and limitations. The onrush also focuses in an empirical order line analyzing the primary sources that were obtained.

Finally, it was made a correlation between the empirical and the theoretical material, observing the dimension, condition and means of acting in the social field of the group mentioned previously.

KEYWORDS: Célula de Transformação. Cultural mediator. Cultural mediation. Social Actor. Collective Social Action. Empowerment. Innovation. New Social Movements.

Abreviaturas

A Célula de Transformação: (CDT)

Novos Movimentos Sociais: (NMSs)

Teoria de Utilização Progressiva: (PROUT)

United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization:
(UNESCO)

Organização das Nações Unidas: (ONU)

SUMÁRIO

Introdução	p. 15
------------	-------

Capítulo 1

1 Dimensão cultural num contexto teórico de intervenção social	p. 18
1.1 Dimensão cultural: algumas considerações sobre o conceito de cultura	p. 18
1.2 Dimensão artística cultural: a arte como atração a uma experiência estética	p. 23
1.3 Grupo sociocultural	p. 30

Capítulo 2

2 Mediação sociocultural de grupo: atores sociais, ação social coletiva, empoderamento	p. 40
2.1 Atores sociais: uma abordagem teórica da sua atuação no campo da mediação	p. 40
2.2 Ação social coletiva: uma abordagem do componente de intervenção cultural	p. 48
2.3 Empoderamento: a participação dos mediados no contexto local	p. 57

Capítulo 3

3 O grupo cultural dentro da concepção de novos movimentos sociais: potencialidades e limitações	p. 65
3.1 O CDT dentro da concepção de novos movimentos sociais: potencialidades e limitações	p. 65
3.2 Novos Movimentos Sociais: perspectiva , articulação e publicação feitas em rede	p. 76
3.3 Os novos intermediários culturais: uma reflexão face ao contexto moderno e pós-moderno. Sua posição com os novos movimentos sociais	p. 85

Capítulo 4

4 O grupo Célula de Transformação (CDT): um estudo de caso empírico. A Metodologia Adotada.	p. 99
4.1 Estratégia técnico-metodológica	p. 99
4.2 Escolha do grupo	p. 101
4.3 Estrutura e modo de funcionamento do grupo	p. 103
4.3.1 Institucional	p. 104
4.3.2 Área de atuação	p. 107
4.3.3 Projetos	p. 113
4.3.4 Cursos	p. 114
4.3.5-Protagonista Social: análise do multiplicador dentro do CDT	p. 117
4.3.6 Parceiros e contatos	p. 118
4.3.7 Nota final sobre o estudo de caso	p. 119

Capítulo 5

5 Observação indireta, entrevistas e revisitação do enfoque teórico	p.121
--	--------------

5.1 Análise do CDT através da observação indireta e das entrevistas: aspectos culturais e estéticos de um grupo multicultural	p.122
5.2 O CDT enquanto ator social: contornos ideológico, afetivo e circunstancial	p.127
5.2.1 Traços dos NMSs no CDT	p.135
5.2.3 Os novos intermediários culturais face ao pós- modernismo: a ótica dos novos facilitadores	p.140
CONCLUSÃO	p.145
REFERÊNCIAS	p.155
APÊNDICES	p.168

Introdução

O presente trabalho incide pela apresentação do grupo Célula de Transformação (CDT) através de um estudo de caso, verificando suas principais componentes durante os anos de 2007 a 2013.

O CDT é um grupo de mediação sociocultural que atua diretamente nas periferias, com uma proposta que visa ao diálogo entre diversos setores. O grupo, através de um processo cultural, vale-se de técnica de empoderamento, inovação e um desenvolvimento de metodologia que facilite a aproximação junto à comunidade.

A dissertação passa por um desejo pessoal do pesquisador de entender o surgimento de grupos socioculturais que surgem no anseio de mudança e transformação social, como também emergem da falta de políticas públicas pontuais em comunidade.

O pesquisador, desde o início da sua carreira acadêmica, viu-se motivado a estudar esses mecanismos assentes numa prática pessoal efetiva relacionada com arte e educação.

Durante um tempo de trabalho no Brasil, o próprio procurou vários grupos com essas características, quando, numa oportunidade, foi conhecer o Célula de Transformação.

Neste trabalho, a descoberta do CDT foi devida a uma análise de grupos sul-americanos, brasileiros e de atuação no espaço do Estado de São Paulo.

Este fator motivou o interesse por um estudo de campo. O grupo, neste trabalho, é observado sob diversos aspectos, por isso a opção em fazer um estudo de caso, nos anos de 2007 a 2013.

O CDT é uma proposta de integração que busca aproximar estudantes universitários, jovens, instituições públicas e privadas, ONGs e comunidades para transformação de realidades.

É um grupo que procura abrir espaços de cocriação, empoderamento, de realidades mais saudáveis, autênticas e éticas.

O projeto surgiu desde 2007 e atua em diversas localidades do Estado de São Paulo, principalmente nas periferias da cidade de São Paulo.

O grupo elabora e emprega metodologias para inovação sociocultural, respectivamente nos níveis pessoal, comunitário e territorial, entendendo como essencial para um processo de transformação.

Para facilitar o estudo e toda a pesquisa realizada, dividimos o trabalho em cinco capítulos, sendo os três primeiros de natureza teórica e os dois últimos de ordem empírica.

No primeiro capítulo do trabalho, localizar-se-á o grupo na dimensão cultural, artística, e este será analisado com um olhar sociocultural, artístico, enquanto teoria.

Nesta dissertação, procura-se adentrar esse campo teórico observando pontos inerentes da bibliografia, como também fazer ajustes que se fazem necessário conforme estudo.

Ao caminhar e ao estudar estas componentes durante toda a fase de observação, procurou-se atentar para as componentes essenciais do CDT no campo sociológico, podendo, assim, delimitar melhor suas possibilidades de atuação durante o processo de estudo.

O segundo capítulo voltar-se-á para os componentes de atuação do campo sociológico, no qual será feita uma abordagem com o ator social (indivíduo mediador atuante no cenário social, ação coletiva e empoderamento).

Em ambas, o leitor será contextualizado conforme o preceito teórico, além de mostrar alguns pontos que se julgam evidentes.

No terceiro capítulo, olhar-se-á o grupo Célula de Transformação conforme os preceitos dos dois capítulos anteriores, e estudaremos o grupo como um coletivo que se enquadra no campo teórico dos novos movimentos sociais.

Dentro deste contexto, falar-se-á das possibilidades e das limitações que podem ser atreladas ao grupo possibilitando esta análise dos novos movimentos sociais.

Além disso, buscar-se-á uma contextualização com articulação em rede, aliando tecnologia às causas sociais, mostrando como o fator tecnológico pode ser importante nos dias atuais.

Neste ponto, o objetivo é mostrar como é a articulação do grupo, aliando criatividade e tecnologia.

Por fim, ainda no campo teórico, a discussão versará sobre os mediadores culturais no contexto do pós-moderno, a atualidade do tema e a forma como o grupo pode ser enquadrado como os novos mediadores culturais.

Nestes três primeiros capítulos, pois, será elencado um aprofundamento teórico com uma abordagem bibliográfica.

Nos capítulos subsequentes, de ordem empírica, o objeto será o caminho metodológico que foi feito em relação ao CDT.

No quarto, serão mostrados detalhes dos mecanismos do grupo, como também uma separação de ações realizadas pelo CDT, mostrando dados, correspondências e anotações no nosso diário de bordo.

Toda a construção do guião de entrevista também é relacionada para a realização das entrevistas.

Nesta mostra de dados qualitativos é que se perceberá claramente a atuação do CDT e o entendimento dos referidos capítulos teóricos. Serão divididos em subitens, organizando e sistematizando toda a ação social do CDT.

No capítulo final, a entrevista será correlacionada com os pontos abordados nos capítulos 1, 2 e 3, reforçando o caráter argumentativo desta dissertação.

Por fim, far-se-á uma conclusão com as observações e alguns pontos de vista estudados em todo o trabalho dissertativo.

1 Dimensão artístico cultural num contexto teórico de intervenção social

1.1 Dimensão cultural: algumas considerações sobre o conceito de cultura

A dimensão cultural perpassa a necessidade de entendimento do conceito de cultura. No embate, há automaticamente inúmeras variações do termo, e, por esse entendimento, contextualiza-se que tudo que está fora do homem pode ser denominado como cultura. Entretanto, deve-se salientar que cultura permanece além, está na condição do homem e na sua real possibilidade de transformar o que existe ao seu redor. O conceito indica o que se liga à circulação consciente de informação e transmite-se a outros seres humanos.

A proposta deste trabalho é ampliar a palavra cultura. O termo deriva do latim (eu cultivo). Por muito tempo, houve a ligação da palavra com campo e agricultura, culto- e -ura (que significa projeção e futuro). Portanto, em uma definição breve, cultura seria, de forma simples, cultivar o futuro.

Historicamente as mudanças devem ser acompanhadas de contextos que influenciam e modificam o significado dessa palavra.

Assim, o termo passou por uma série de definições, e, por vezes, foi ligado a outros ramos da ciência, como ciências sociais, filosofia, biologia, economia e educação.

Atualmente, pode ser ampliada a dimensão do termo com diversos ramos e, aqui, acredita-se na palavra que ela é, o “amontoado” de significados, aquilo que circula ao redor do homem. O conceito passou por uma série de definições que remonta desde a Grécia Antiga, passando por Cristianismo, Iluminismo, Revolução Industrial, Revolução Francesa e Pós-Modernismo.

Para Edward Tylor (1871), cultura é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade.

A partir daqui situa-se a cultura como forma complexa que inclui os diversos tipos de conhecimento, além do saber sensível, bem como onde há capacidade e hábitos como forma de transmissão de informação.

Esse desenvolvimento é um grande complexo que inclui diversos conhecimentos, hábitos ou formas de viver do homem dentro da sociedade.

Assim, o ser humano como um todo, nessa área estudada, há de possuir um emaranhado de conhecimentos que facilitam o processo de relação entre homem e mundo. Dentre estes conhecimentos, destacam-se: religião, arte, línguas, saber ético e moral, costumes ou qualquer outra habilidade que o ajude a se correlacionar com o mundo que habita. O indivíduo, por sua amplitude, consegue diversificar e transformar através de incorporações materiais ou simbólicas, a sua própria realidade, processo que pode ser chamado de uma reciclagem natural.

Há também a dimensão antropológica da cultura que leva em conta a formação geral do indivíduo, a valorização dos seus modos de viver, pensar e fruir, de suas manifestações simbólicas e materiais, e que busca, ao mesmo tempo, ampliar seu repertório de informação cultural, enriquecendo e alargando sua capacidade de agir sobre o mundo. O essencial é a qualidade de vida e a cidadania, tendo a população como foco (Botelho, 2007).

O processo cultural de cada um pode diferir conforme localização geográfica, população, território, sinais externos como a forma e a maneira de pensar.

O que se quer verificar é a cultura como o formato de relacionamento entre os indivíduos, e como esta se aproxima e se distancia, onde faz as devidas projeções dentro da sociedade civil, de forma que os elementos culturais alimentem a capacidade dos seres humanos de agir sobre o mundo.

Em linhas gerais, a concepção abordada serve de alguma maneira para atender as demandas humanas, as necessidades vitais, a busca por uma melhora. Nisso, a relevância de contextualizar o termo em diversas dimensões.

Os diversos tipos de sociedade, as pluralidades, as diferenças, as similaridades, todos os grupos têm uma forma de vida peculiar, com atuação, disposição e desejos que diferem culturalmente uma das outras.

A cultura é uma condição de vida para todos os seres humanos, é o produto de ações humanas e também o sentido em que as pessoas buscam as suas ações (Geertz, 1973).

Como próprio resultado das ações humanas, é também o contínuo pelo qual faz com que haja por parte dos atores sociais, uma movimentação, uma direção em relação à ação.

Giddens (1984) refere-se ao conceito de cultura como os aspectos que são apreendidos, captados, por isso a questão da continuidade de aprendizado constante para o ser humano, o que torna elementos vitais para a colaboração e a comunicação.

O termo observado deve ser visto como uma captação de elementos simbólicos e materiais exterior ao indivíduo, que pode ser apreendido e partilhado dentro de um ambiente localizado, facilitando a colaboração e a comunicação.

Guy Rocher (1977) faz a definição do tema estudado como um conjunto ligado, que é partilhado por pessoas. Nessa definição, entende-se que o simbolismo e a materialidade servem para uma organização da coletividade. Com isso, o conceito é ligado à organização de pessoas numa coletividade.

A cultura permanece como um conjunto ligado de maneiras de pensar, sentir e agir que, quando apreendidas e partilhadas por um grupo de pessoas, serve de maneira objetiva e simbólica para organizar essas pessoas numa coletividade particular e distinta (Rocher, 1977).

O autor ainda acrescenta que o pensamento, as formas de expressão dos sentimentos, assim como as normas coletivas que regem as relações externas e interpessoais, se partilhadas e comungadas por um grupo, servem para arranjar as pessoas em um coletivo ímpar.

Quando há uma organização de pessoas com suas diversidades e pluralidades, formando um conjunto na maneira de pensar, sentir, agir, há a presença da transmissão da cultura.

O autor Alain Touraine (2006), nessa perspectiva, introduz o conceito de modernidade, e diz que o indivíduo inserido é aquele que escapa à sua consciência.

Nesse indivíduo se projetam desejos e necessidades, mundos de realizações. Essa imagem de indivíduo, que já não é mais definido por grupo

de pertencimento, está cada vez mais enfraquecida e já não encontra identidade em si mesmo, pois não é um princípio de unidade, escapando este sujeito a uma condição pré-estabelecida em sociedade (Touraine, 2006).

Aqui se verifica que o conceito deve ser entendido de uma maneira ampla, e concorda-se com o autor que, muitas vezes, os processos indenitários culturais escapam de nossa consciência na nossa forma de agir e do envolvimento com o que está ao nosso redor.

Mitchel (1986), em sua obra que contextualiza com relações internacionais, define a cultura e se aproxima da relação como ideias discutidas a seguir.

Na definição do autor a concepção compreende artes, bibliotecas e serviços de informação, literatura. O ensino das línguas, ciência e tecnologia, a estrutura social, o intercâmbio de pessoas, as ligações entre as comunidades e as instituições, e ajuda de educação e formação nos países em desenvolvimento.

A cultura é a forma como há aproximação do mundo através de experiências cognitivas, sensoriais e exteriores. Por ela entende-se por onde as relações culturais permeiam, há um englobamento de diversas áreas, como arte, troca entre pessoas e comunidades, literatura, tecnologia, biblioteca, fazendo com que haja um desenvolvimento do mundo.

O que importa é como a cultura faz dos sujeitos os protagonistas sociais e como nascem pactos para fazer a mediação, ou seja, o diálogo entre mediadores e mediados e como ela é feita.

Em um universo amplo e cultural, há normas de convivências, formas que possibilitam uma maneira de os indivíduos participarem, dialogarem e se relacionarem de maneira que se respeite o limite do outro. Há uma permissão para que os indivíduos tenham uma adaptação em relação ao espaço e ao tempo.

O que deve ser entendido são os fatores que possibilitem à atuação do grupo sociocultural frente à sociedade conforme espaço e tempo, colocando o poder superveniente da sociedade civil na figura dos membros atuantes, como fio e polo de transformação.

Esse conceito é variado, mas vê-se, aqui, como o enfoque em cultura se relaciona com grupos artísticos, por conseguinte, arte e também em relação à mediação que é feita entre esse grupo e a sociedade.

Nessa inserção é que se verifica a cultura por si, com seus elementos e suas peculiaridades, está a um passo à frente de políticas estatais, nas quais, naturalmente, há uma reorganização, um reordenamento, que possibilita um avanço de nossa sociedade.

Dentro da cultura é que se observar-se-á os diferentes tipos de apoio relacionados à arte e entendendo os mecanismos que formam os grupos culturais, e como estes conduzem uma mediação sociocultural junto à sociedade.

Crane (1992) em sua obra que aborda produção cultural, fala dos diferentes apoios para as artes. Por conseguinte, sobre relacionar com grupos artísticos, a autora menciona diferentes tipos de suporte à arte, entre eles, patrocínio, mercado das artes, organizações e agências de governos. As organizações serão retomadas adiante, como um coletivo cultural que se organiza, articula e realiza a recriação de um cenário social.

Fundamentalmente, o que se observa é a autonomia dos artistas e como eles conseguem de fato se articular entre si. O foco do trabalho é justamente atrelar parte do estudo junto à parte das pessoas que culturalmente se identificam e, por conseguinte, conseguem estabelecer uma organização para execução de projetos socioculturais.

Quando for abordado o tema, será dada a devida importância de como há a criação e de como isso diretamente dá o impacto fundamental positivo dentro da sociedade. Necessariamente, a importância é de entender o contexto cultura como um termo simbólico, pelo qual o indivíduo se exterioriza, por conseguinte, sua relação com o outro.

Quando se compreende que a arte é um processo cultural, automaticamente temos a noção dos benefícios que esta possa vir a ocasionar para a sociedade.

Quando Mitchel (1986) compreende cultura e dentro do conceito coloca as artes, as relações humanas e outras formas de relacionamento com o mundo, afirma o autor que esta é mais uma possibilidade de desenvolvimento do mundo e da sociedade.

Portanto, é evidente a importância de correlacionar a multidisciplinaridade e, sobretudo, arte com cultura, de contextualizar criação artística cultural e produção cultural com grupos que trabalham com essa vertente e assim estudar os mecanismos de atuação destes.

A cultura está na própria relação do homem, e, na sua articulação com o que lhe é externo, por ela pode-se compreender diversos processos e nela encontra-se possibilidade de ampliação do conhecimento.

Nesta primeira parte, procurou-se sintetizar a cultura como um conhecimento amplo, traçando sua definição e como o homem enxerga o termo técnico, adentrando rapidamente na produção cultural e em sua relação com um grupo coletivo. Esta parte é uma introdução para o que seguirá adiante nos demais tópicos e capítulos, por isso se torna relevante e importante a revisão breve do termo cultura.

1.2 Dimensão artística cultural: a arte como atração a uma experiência estética

A própria manifestação da palavra cultura é, quando se pensa em algo além da existência e exterior, que fundamentalmente auxilia a formação como ser humano. A oportuna manifestação cultural artística dá motivo às possibilidades de inovação que estão em curso dentro da própria sociedade, podendo ser contextualizada com a arte e algum de seus seguimentos.

Coloca-se dentro das multidisciplinaridades a arte como fundamental, pois, através dela, consegue-se sustentar todas as experiências relativas ao grupo.

De todas as atividades coletivas oferecidas pelo grupo estudado, sua composição detém quase oitenta por cento de atividades diretamente ligadas às artes.¹

Primeiramente, compreende-se que as palavras cultura e arte podem caminhar juntas em complemento, dialogando.

Historicamente, o binômio arte e cultura vêm sendo sempre empregado em um sentido de totalidade, não há arte sem cultura, nem cultura sem arte (Gubernikoff in Sekeff, 2001, p.9).

As próprias arte e cultura, conforme a autora, têm um contexto de encaixe e de ligação uma com a outra.

A relação deve ser compreendida como forma e conteúdo, sem ter uma escusa a outra. Hegel (1972) define em sua estética como um modo de expressão de diferentes formas: “O conceito de arte é uno e se expressa de diferentes formas, o que as artes realizam em realizam em cada obra de arte considerada em separado são segundo seu conceito as formas gerais da ideia em desenvolvimento” (Apud in Sekeff, 2001, p.14).

Quando pensa-se nas possibilidades estéticas e na maneira de como a arte pode complementar os indivíduos, fala-se em forma, em conteúdo, sendo aquela o elo e este o elemento, requisitos necessários para a execução de algum processo cultural.

O estudo se justifica pela peculiaridade e pela dinâmica que se estabelece dentro do grupo. A arte não é fechada em si, por isso nossa escolha e o caminho para esta abordagem.

Bastide (1948), por sua vez, diz que o que interessa é o ponto de vista oposto: a arte, criando nos espíritos uma certa imagem do mundo, concretiza-se na sociedade por um estilo de vida por sua vez encarnado nas formas sociais.

Quando se cria nos indivíduos um despertar para realizarem sonhos de um mundo imaginário, isso se reverte na perspectiva social. Pela arte, há o desejo grandioso de uma melhora no mundo.

¹ O CDT, grupo observado, possui “Yoga para Liderança”, “Encontrando o *Clown*”, “Corpo Poético”, “*Dragom Dreaming*” e “Facilitador de Teatro Social”. Em sua composição, as atividades estão relacionadas, o que justifica o estudo relacionado às artes.

A manifestação cultural e artística é que interessa para estudo, pois por ela se compreende a atuação de sujeitos da sociedade civil que criam canais de comunicação e diálogo com os protagonizados.

A arte é a mediação e o campo aberto cuja atuação é o enfoque para possibilidade de mudanças na sociedade civil, na qual existe margem para atuação, organização, incluindo a proposição de alternativas feitas por esses sujeitos sociais.²

A que se deve atentar e o que se deve enunciar são o impacto da criação artística e a ética nos espíritos e nos comportamentos coletivos que fundamentalmente se revestem das consequências nas relações, por conseguinte, na sociedade.

A arte é uma atividade humana que consiste em um homem passar a outros, intencionalmente, por meio de certos sinais externos, sentimentos que ele viveu, com a finalidade de atingir o outro (GRAHAN, 1997, p.44).

Ao darem conta desse sentimento que começa individualmente e, logo em seguida, passa para um grupo de pessoas, no qual todos os aspectos ganham uma configuração de movimento e rotação, a atuação dos membros pode ser considerada como captação dos elementos de vivência que, após um período, passa por uma confabulação de ideias e, possivelmente, vira um interesse de atuação e partilha frente a outras pessoas.

A cultura é essencialmente formadora do ser humano, nela este está contido, ao mesmo tempo em que faz a ação, a própria instrução.

Nessa concepção da relação de manifestação cultural, arte e cultura, tem papel de formação, educadores do espírito, ambos, com o papel de desenvolvimento do indivíduo, facilitando a interpretação e a recriação do mundo ao seu redor.

Devido aos traços do grupo, faz-se necessário, então, o enquadramento nesse prognóstico que trata a arte como, essencialmente, parte de um meio sociocultural formador humano.

Assim, a arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos, comunica-se através de significados que não podem ser transmitidos por nenhum outro

² O Projeto Células de Transformação (CDT) é uma possibilidade real de desenvolvimento local participativo, a partir de processos de empoderamento pessoal e coletivo. Uma proposta de integração. O CDT procura abrir espaços de cocriação de sonhos, de realidades mais saudáveis, autênticas e éticas.

tipo de linguagem, como a discursiva científica, por exemplo. O descompromisso da arte com a rigidez dos julgamentos que se limitam a decidir o que é certo e o que é errado estimula o comportamento exploratório, válvula do desejo de aprendizagem (Barbosa, 2008).

O descompromisso da arte com a rigidez possibilita o pesquisador a fazer um exame sem limitar-se ao enquadramento de estudo do referido grupo ou fechar-se nele.³

A arte, portanto, pode ser o campo para a atuação desses sujeitos que fazem a manifestação cultural através de projetos. O próprio descompromisso artístico cultural possibilita e estimula o caráter de exploração e um desejo de mudança. Nesse campo, a arte pode facilitar todo o processo de mediação cultural.

E essa emoção estética pode vir a ser a própria experiência de atuação dos atores sociais, como aqueles que participam da demanda oferecida pelos mesmos. Com a experiência, há a dimensão sensível artística na qual se acredita que seja um caminho para uma possível transformação individual e, por conseguinte, social.

“ é uma linguagem que evolui e que tem seus dialetos, dialetos que variam entre os grupos e que certamente podemos aprender a decifrar, mesmo que não sejam aqueles do grupo a que pertencemos e apesar de não compreendê-los todos. Diga-se de passagem, essa é, sem dúvida, outra razão para integrar o estudo dos símbolos em nossa sociologia estética, pois o símbolo é um sinal e, como tal, faz parte da gramática social.” (BASTIDE,1948, p.25)

Essa transformação tanto pode ser dos que protagonizam como daqueles que são mediados pelas manifestações artísticas e culturais.

É preciso ter em vista que é necessário ampliar o conceito de cultura e manifestação artística e, no polo de movimentos criados por pessoas da sociedade civil, verificando a existência de modelos criativos culturais inovadores.

Por isso, a importância da abrangência do termo e da correlação com indivíduos que, além de instruir e observar, esses passam também por um processo de transformação pessoal e social.

³ Aqui o grupo faz uma série de atividades e justifica estudar a arte como fundamental nesse caminho. Situa a arte na sua forma de organizar e de atuar.

A própria arte pode ser um campo onde há permissão para experiências, e é destas que resultam outras formas de pensar, como inovação, criação de outras ideais, formas de políticas e relacionamentos interpessoais.

Koneski (2006) correlaciona o tema artístico contemporâneo com as seguintes palavras: desvincula-se da obrigatoriedade de comunicar algo absoluto para a vida dos indivíduos. Arte disposta a experimentos, questionamentos, a causar impactos. Uma arte errante, que se nega a demarcar espaços de verdade, de iluminação, ou contribuir para o bem da humanidade. Enfim, arte fundadora de si mesma (KONESKI, 2006, p. 77).

O próprio fator da arte tem suas peculiaridades com permissão para erro de atuação, negando-se a demarcar espaço, verdades, mas com um elemento que por si já se revela como catalisadora de novas experiências, pois, na troca constante, no hibridismo é que se estão todas as possibilidades reveladoras que se aproximam do campo dos mediados.

Bakhtin (1976) fala e cita o caráter social da arte, já que todas as produções artísticas são criadas para o contexto social. Verifica-se que ela pode facilitar todos os processos de mediação sociocultural⁴. Fala-se dos processos artísticos como reveladores e essencialmente com conteúdo e significado estético.

Para Canclini (2006), pensando-se na correlação entre arte e movimentos culturais, há os seguintes aspectos: as hibridações relacionadas ao tema levam a concluir que, hoje, todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras disciplinas: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e as canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. “Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento” (CANCLINI, 2006, p. 348).

Por ora, assim tudo está próximo de arte e cultura, há um desenvolvimento que envolve uma com a outra e diversos ramos nos quais há um intercâmbio constante. O que de fato é importante salientar é que essa dinâmica possibilita um ganho em comunicação e conhecimento.

⁴ Uma das características estudadas é a abertura que há dentro do grupo: não há uma forma rígida de posicionamento, o que facilita um diálogo e uma mediação.

Barbosa (2008) diz que é preciso levar a arte, que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado, a se expandir, tornando-se patrimônio da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população.

Ao levar a arte às pessoas através de atores sociais, há uma expansão na própria forma de se comunicarem entre si, como também de propiciar aos mediados possibilidades que possam elevar o nível de qualidade de vida da própria sociedade civil. Com isso, a possibilidade de dimensão torna-se infinitamente maior para a proposição de um mundo mais sensível e criativo.

Como o fomento e o enquadramento do grupo são observados através da arte, e esta faz uma interface com outras disciplinas, faz-se relevante abordar essa condução através da educação.

Duarte Junior (2004) fala do assunto, que é também objeto deste estudo por se tratar de processos criativos e de manifestações culturais voltadas para a sociedade.

A educação é uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brincar, em que os envolvidos o fazem prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação, é fundamental a atuação com construção do sentido que deve facilitar nossa compreensão de mundo e de nossas vidas.

No espaço educacional, o indivíduo compromete-se com a própria "visão de mundo", com a própria palavra. Está ali em pessoa - uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não é apenas veículos para a transmissão de ideias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente"⁵ (DUARTE JUNIOR, 1991, p.74).

Correlacionando arte e educação como partes integrantes de uma manifestação cultural feita por atores sociais, faz-se um parêntese com o autor que trata o caminho como fundamental para uma experiência estética, criadora em si própria, como um jogo envolvente com um sentido lúdico.

A própria manifestação sociocultural em si começa a fazer sentido quando as experiências e trocas são únicas. Por exemplo, a atuação de atores

⁵ Aqui fica caracterizada a importância da experiência estética que o grupo realiza. Cada atividade tem um significado e um contexto particular para o grupo.

sociais dentro de comunidades, se encarada como um processo artístico, tem uma significância tanto para quem aplica projetos sociais como também para aqueles que os recebem.

É nesta relação de pessoa a pessoa é que o homem se torna mais humano, envolve-se consigo mesmo e com os outros, e amplia seu leque de possibilidades e sua percepção, constantemente mudando sua forma de pensar.

O autor ainda trata da transmissão simbólica e cita a importância da formação do indivíduo.

É esse cenário de formação, de proposição de novas ideias, e a manifestação sociocultural, itens que possibilitam ser uma experiência estética e que devem ser considerados os vetores da mediação socioculturais, tanto como formação do indivíduo em si quanto proponente do projeto e dos demais envolvidos e participantes.

Reforça-se, então, o argumento de que, na arte, cabe o papel para uma educação do sensível e para a descoberta de outra forma de significação, na qual se apreciem valores de ordem ética, cultural e social (DUARTE JUNIOR, 2001, p. 213).

O próprio autor coloca a importância desse senso estético como fundamental para um processo educacional e cultural.

Assim, a própria arte e a sua dimensão são fundamentais para a existência humana, já que propiciam um desenvolvimento e também alimentam a atuação e formam a própria consciência do homem.

Schawanka (2001) fala que a mediação estética, ou educação estética, seria fundamental para a redução da tendência destrutiva e alienante do progresso regido por capital.

Portanto, quando se cita o caminho, ou seja, a mediação cultural por sujeitos que se interessem, há uma possibilidade para que, através de projetos, diálogos e fomentações de iniciativas possibilitem relativizar o equilíbrio entre capital e Estado. Nessa tensão e nas desigualdades é que surgem, em territórios localizados, grupos artísticos propondo modelos alternativos, como manifestações socioculturais.

Resumidamente, abordou-se nesta parte as dimensões e a arte como um fio condutor situado dentro da dimensão cultural. Além disso, tratou-se do

envolvimento estético dos protagonistas como uma experiência única que facilita o aprendizado, a troca e a participação. Quando se fala em protagonistas, pode-se compreender tanto os mediados como os mediadores e os demais envolvidos.

Segundo Bastide (1971), que diz que a arte é, assim, um instrumento de comunhão, um meio para unir os homens, mas não é somente uma causa, está obrigada a criar uma linguagem própria para permitir comunicação. Nessa linguagem própria é que se coloca a forma como o grupo se enquadra.

É, pois, importante o entendimento de como é feita a mediação. Através da observação de campo realizada durante o processo de pesquisa ficam mais nítidos os traços peculiares e a relação com a arte num amplo sentido pelo qual se enquadra o grupo sociocultural.

1.3 Grupo sociocultural

Ao refletir sobre a dimensão cultural, é importante ter em conta suas manifestações concretas e o modo como as intervenções socioculturais, ainda que traduzidas em microações, podem produzir impacto na sociedade civil.

De forma sintética, falou-se que, através da dimensão cultural e tendo a arte como fio condutor e polo de transformação, atribuí-se a ela um potencial articulador reunindo características como: transformação, projetos e realizações, principalmente em lugares localizados de exclusão. Logicamente é necessário um cenário de atuação para que os sujeitos/atores/protagonistas possam atuar e conjuntamente criar uma relação de impacto com os mediados.

Para isso, entende-se necessário incluir em tal cenário como parte do estudo o grupo sociocultural ⁶, em que pode ser observado como se reúnem, articulam e atuam através da mediação estética.

Não obstante, para isso também é preciso buscar, através de leis, resoluções, definições nas quais se possam enquadrar esses grupos teoricamente.

Primeiro partiu-se de uma realidade e, para isso, buscou-se na última resolução da UNESCO a importância de conectar o termo “cultura” a outros vetores, como os aspectos ambientais e sociais.

A Assembleia Geral das Nações Unidas adotou, por consenso, uma terceira resolução – na sequência das anteriores, de 2010 e 2011 – sobre cultura e desenvolvimento, que reconhece explicitamente a conexão direta entre cultura e os três pilares do desenvolvimento sustentável (econômico, social e ambiental)⁷.

Nessa resolução, é possível, no contexto contemporâneo, pegar o termo cultura e traçar um paralelo com indivíduos que usufruem dessa conotação, de ser um grupo sociocultural que atribui ações coletivas pontuais em periferias. Esse é o maior exemplo de que se pode correlacionar à atuação de sujeitos sociais através de um grupo artístico cultural.

Por social, entende-se tudo que envolve a sociedade, as diversas situações em que os atores possam constantemente atuar, as mudanças, as possibilidades e as transformações. A cultura enquanto movimento cria essa possibilidade se a entende-se como ponte e, ao mesmo tempo, elemento atuante com os demais pilares de desenvolvimento.

Para Bastide (1971), os contatos culturais não se realizam numa determinada área geográfica ou em outras diferentes de uma sociedade, eles se transmitem de um grupo a outro. Independente da classe, quando se dá a transmissão simbólica social artística, o domínio da arte se transforma e, na sua própria passagem, muda de significado ou matéria, revertendo-se para um novo sentido.

⁶ Podemos definir o CDT como um grupo sociocultural artístico, pois reúne diversos elementos pelos quais se chega a essa avaliação.

⁷ Unesco, Terceira resolução. Pesquisado em www.unesco.org. Acesso: 27 jan. 2014.

A questão é ser criativo o suficiente para fazer desses contatos culturais (mediação cultural através de uma série de procedimentos artísticos) pontes para um desenvolvimento social.

A beleza resulta justamente em apontar direções, em ser utópicos o suficiente para acreditar numa transformação social. Isso reside num estudo, em reconhecer que é preciso sustentar diferentes formas de estar no mundo em que se vive atualmente. Quando o estudo aponta um grupo que consegue, através de mecanismos e articulações realizados entre si, criar formas, símbolos e transmissão de conhecimento, acredita-se na possibilidade da mudança e do desenvolvimento social através da cultura.

A própria questão da cultura é atribuir a ela um reconhecimento explícito de que esta se liga diretamente ao pilar social.

Portanto, o termo cultura deve ser colocado juntamente com os elementos socioculturais, além de pensar nas pessoas que disponibilizam ações coletivas através de um grupo sociocultural.

A cultura está em constante movimento, e é por ela que atribuímos mudanças socioculturais, com a atuação do grupo. Para Langer (1971), uma cultura em desenvolvimento requer cisão, mudança, inovação de formas expressivas em linguagem, conceito, objeto e maneira de realizar coisas.

Nessa própria concepção de uma cultura com mobilidade, com grupos e pessoas que interagem entre si, propondo ideias e maneiras de realizar alguma atividade, essas formas de expressão podem ser entendidas como proposições de projetos sociais em uma microescala, com um apontamento para a localização/território, como locais certos e determinados, bem como participação e diálogo da comunidade feita pelos mediadores.

Melucci (1996) argumenta que, não incidentalmente, há autonomia relativa ao campo conceitual de formas não institucionais de ações coletivas em sistemas intrincados. Nos últimos anos, a análise dos movimentos sociais desenvolveu-se dentro de um setor autônomo da formação e da pesquisa teórica, dentro das ciências sociais, e o aumento e a qualidade do trabalho na área têm sido favorecidos.

Assim, dentro da teoria de movimentos sociais, há uma lacuna, e há cuidado em estudar um grupo sociocultural artístico, tendo em vista que as relações sociais estão em constante transformação e movimento, sendo

preciso, dentro das ciências sociais, um redirecionamento para não ocorrerem erros que permitam conclusões equivocadas.

Verificou-se, dentro da dimensão cultura, e pela palavra grupo artístico cultural, buscar parâmetros teóricos que facilitassem o estudo de caso.

Atual e principalmente na América Latina, há inúmeros sucessos de grupos de pequenos contingentes de atores sociais que tiveram êxito dentro de seus projetos.

Ou seja, um grupo atua com características mais ou menos definidas e aponta para a natureza democrática dos relacionamentos sociais. É um jogar junto em que prevalece a interação constante entre os membros atuantes, no qual cada qual, através da disponibilidade e do comprometimento, pode oferecer suas contribuições.

Dayrrel (2001) cita que, nessa mediação, não existe outro interesse além da própria relação. Para ela continuar a existir, cada qual deve sentir que pode contar e confiar no outro, respondendo às expectativas mútuas. Para garantir essa natureza, existem as regras, como as do tato e as da discrição, que atuam como autoras reguladoras das relações.

Quando um grupo se junta através de seus atores, acredita-se ser o passo inicial para uma movimentação, aqui há o compromisso, a confiança que esses aspectos subjetivos tornam e fazem uma relação, tanto para aqueles que estão dentro do grupo como para a passagem, como para aqueles que estão fora, absorvendo as atividades culturais. É necessária uma transmissão de transparência, clareza e objetividade para que, de fato, sejam aplicadas as ideias. Há de ser feita a consideração do grupo atuante com diversas mobilidades culturais e como deve ser analisada a atuação deste grupo artístico sociocultural.

À medida que o homem se transforma, individualmente ou em grupo, tem a possibilidade de pensar com o outro ou para o outro. E, nessa transformação e nesse desenvolvimento é que se pode colocar a mediação como forma de condução. Essa condução é o viés que une o grupo, através de uma dimensão artística cultural por uma experiência estética.

Dentro da concepção cultural há uma definição sucinta de grupo artístico cultural.

Grupo sociocultural pode ser definido como uma composição dentro de um sistema entrelaçado de símbolos compartilhados por atores sociais, por meio dos quais eles se comunicam, desenvolvem seu conhecimento, suas habilidades e seus objetivos, e encontram sentido nos acontecimentos e nas atividades em relação à vida.

Geertz (1989), seguindo a sua interpretação de grupo sociocultural, afirma que a cultura compõe a dinâmica entre as características de um povo e sua visão de mundo, representando uma relação circular entre seus elementos valorativos como aspectos morais e estéticos e os aspectos cognitivos e existenciais.

Ao extrapolar os limites criativos extrapolando o universo artístico, reúne assim uma forma de construção coletiva redirecionada em forma de ações, comportamentos, movimentos e modelos institucionais. Essas são as proposições de atuação desses grupos artísticos coletivos.

Há alguns traços de trabalho para a atuação desse grupo, como: *organização*, com um recurso humano financeiro técnico, didático e físico para garantir o projeto empreendido; *interdisciplinaridade*, em que há um relacionamento com diversas áreas de atuação; *contextualização*, um conhecimento do local de atuação; *flexibilidade*, em que não há uma rigidez seguindo estruturas comuns; e a *inovação*.

A estrutura de um grupo pode ser permeada por uma organização coerente com recursos humanos, ter uma interdisciplinaridade relacionada com as áreas envolvidas, além de uma contextualização que geralmente é feita de acordo com a localização e a flexibilidade vista como alternativa aos problemas que surgem, ou mesmo às situações específicas desenvolvidas pelo grupo.

Esse próprio grupo, quando organizado, faz a transição do que pretende para aqueles que necessitam, ou seja, há uma absorção em relação aos mediados. Com essas características, um grupo sociocultural pode ser visto como o grande responsável por algumas transformações em pequenas escalas, principalmente atuação em periferias, favelas e locais certos e determinados.

Considera-se um grupo legitimado por atuações de seus atores sociais e definido entre seus integrantes pela ação, pela participação coletiva e pela integração inerente de todos os demais envolvidos.

Atualmente, a observação e a escolha deste objeto de estudo se dão principalmente pelo caráter sociocultural de atuação do grupo e pela operação em partes periféricas da cidade de São Paulo, atuando conforme os preceitos naturais.

Yudice (2004) diz que os padrões simbólicos que dão coerência e conferem valor humano a um grupo de pessoas ou sociedade, ou a cultura como disciplina – cedem lugar à conveniência da cultura.

Quando se fala em conveniência da cultura, fala-se no jogo que ela pode fazer e na sua mediação, desafiando as órbitas e as faltas de iniciativas estatais. Por ora, um grupo de atuação é levado a se organizar, a ter mecanismo de articulações para a proposição de novas ideias e novas formas de participação.

Em seu livro *A Conveniência da Cultura*, o autor elabora a cultura como forma de desenvolvimento e mediação. Afirma que a cultura está sendo crescentemente dirigida como um recurso para a melhoria sociopolítica e econômica da sociedade.

Pierre Bourdieu (1998) traça um paralelo entendendo as ações locais desse universo coletivo. Neste, o homem é levado a entender as microações de caráter social (BOURDIEU, 1998, p.14-17). Geralmente, grupos artísticos coletivos atuam de maneira objetiva com as microações sociais.

Aqui observam-se tanto pessoas que atuam e organizam como aquelas que produzem formas de cultura para a sociedade civil.

As práticas culturais almejam campos dentro da sociedade. O papel chave de movimentos culturais alternativos é justamente o caminho entre a ação e a política, evidenciando contradições, novas perspectivas e possibilidades, além de criar um campo de participação.

Esse campo de participação é evidenciado pela proposição de diálogo junto à comunidade. Perante a atuação do grupo cultural, é possível verificar um estudo de campo, e, somente após reflexão e aceitação é que há uma possibilidade de aplicação.

Ao considerar a cultura como algo que está além da concepção reguladora do Estado, fala-se também na omissão deste e, como consequência na criação, na pluralidade e na dinâmica pelo qual se dá a articulação do grupo sociocultural artístico.

As atuações desses homens dentro de um contexto social são avaliadas e também modeladas pelas instituições com as quais se defrontam, sendo que tipos diferentes de regime e formas diferentes de repressão geram tipos distintos de movimentos sociais, com diferentes táticas e culturas internas (SWIDLER,1996) (SANTOS,1998).

O trabalho e a atuação do grupo são modelados pelas instituições e pelas tensões geradas entre Estado e Sociedade. Como consequência disso, se autoorganizam e traçam as diretrizes nas quais acreditam e lutam para o êxito dos projetos.

Essa própria dinâmica pode dar uma perspectiva de transformação à agenda sociocultural do Estado. O grande desafio é considerar estas microações e reafirmar a importância de um grupo cultural artístico e organizado.

É também necessário se ater ao fato de que a velocidade das organizações civis é consideravelmente mais rápida que a do Estado.

Santos (1995) argumenta que esses indivíduos, quando estão à margem e se organizam entre si, oferecendo modelos de gestão, voltam ao polo principal como os verdadeiros protagonistas sociais, gerando um avanço de modelos alternativos e criativos, o que amplia o espaço participativo, podendo servir como futuro modelo para as políticas públicas.

A premissa da análise de grupo artístico é a mediação feita com coordenação, organização e com a promoção sociocultural dos participantes e envolvidos, além das pessoas desfavorecidas em comunidades, desenvolvendo, fomentando e promovendo, assim, o diálogo para a inclusão social.

Em Antonio Gramsci (2001), faz-se uma correlação com esses mediadores, aos quais ele remete o termo “organizadores da cultura”, como os gestores, produtores e mediadores, englobando criação, difusão e organização, aspectos a serem retomados no terceiro capítulo deste trabalho.

É na figura dos mediadores e produtores culturais que existe uma possibilidade de diálogo com a classe excluída, viabilizando, assim, uma aplicação dos projetos socioculturais.

Diálogo este no qual se verificam as verdadeiras possibilidades de mediação, de estudo de realidade, na possibilidade de transformação bem como de um deslocamento de ações sociais pontuais e efetivas.

Esses termos englobam criação, difusão e organização e, também, facilitação. Pois mediação deve ser compreendida como uma ponte efetiva e uma transição de facilitação entre um grupo e outro.

Judt (2010), por sua vez, faz uma série de questões nas quais aponta para erros políticos no século XX. Argumenta que o homem se curva diante do setor econômico e do mercado, e simplesmente invertemos a fé de uma geração anterior na propriedade pública e no Estado.

Coloca-se que há uma lógica pela qual se deve compreender o termo cultura além de uma inversão de valores preconizados pela lógica do setor privado em tensão com o público. Ao perceber isso é que se posicionam os mediadores (grupo sociocultural), num ponto de tensão entre as rugas geradas entre capital e Estado.

Mas o que deve ser observado é a atuação desses grupos frente a essas tensões e nas linhas da incerteza. Mesmo no Brasil, a mediação através de um projeto como o estudado vem ganhando espaço e notoriedade frente à sociedade e também em um contexto teórico. Este contexto de mediadores tem de ser definido, pois sua dimensão é justamente sociocultural e educativa.

Para Barbosa (2008), essa área de mediação sociocultural é algo novo e está começando a se consolidar. A própria arte aplicada é um fator preponderante eloquente de que os projetos sociais de educação possam ter sucesso. No Brasil, há estados associados ao despertar de consciência e da identidade cultural dos educandos.

Enquanto o foco desta pesquisa está em espaços públicos comunitários, percebe-se como atua o grupo em diversos bairros periféricos na área metropolitana de São Paulo. Definiu-se que um grupo sociocultural deve fazer uma mediação socioeducativa de maneira formal ou informal, potencializando recursos através de esforços individuais ou em grupo.

Esta mediação, caracterizada pela atuação do grupo, é aquela que aqui observada. Nela incide, sobretudo, um aspecto de comunidade, e observa-se como a dinâmica se dá, enquanto método de resolução e gestão de conflitos, meio de regulação social e de recomposição tranquila de relações humanas. A

ação pode-se centrar em indivíduos e no seu desenvolvimento e inclusão social, ou em grupos e comunidades, com uma dimensão coletiva e de coesão social.

Pela fala de Crane (1992) sobre as organizações, pode-se situar o grupo sociocultural e a grade de análise pela qual este sobreviveu, sem políticas públicas e à margem da sociedade.

Mucalhy *in* Crane (1992), fala de argumentos pelas quais um governo deveria apoiar um grupo sociocultural artístico. Entre eles, aponta: a) econômico; b) social; c) educacional; d) moral; e , e) político. Pode-se, neste estudo, verificar se essas condições são favoráveis. Entretanto, o que se percebe é que não há uma organização para tais elementos, fato que afeta diretamente a inserção social.

Ao afetá-la, o próprio contexto de criação sociocultural dentro de um grupo é fundamental para apontar direcionamentos, tanto políticos quanto sociais. É pela criação artística que se veem possibilidades e alternativas referentes à sociedade.

Quando um grupo com maneiras criativas consegue despontar, sem recurso, insumos, propostas, ele assinala o que deve ser feito para a melhora da sociedade. Como consequência, surge de fato como uma verdadeira possibilidade de emancipação social.

Hoje é preciso ter novas perspectivas em relação às políticas públicas oferecidas. Há que se olhar o cenário e verificar novas tendências, conjunturas e aplicações futuras. O novo mediador/educador tem de se aproximar de suas raízes, de sua base e da sua própria cultura, além de uma sensibilidade ímpar.

Para Gohn (2004), o atuante em grupo deve ter qualificações, além de ser ativista, assim pode conhecer seus educandos, suas culturas, linguagens e valores de vida, devendo também conhecer a comunidade onde atua e ser sensível aos conflitos que nela ocorrem.

É necessária uma reflexão profunda para reconhecer, nesses grupos, um avanço enquanto dimensão coletiva e de inserção social cultural e artística.

A primeira parte deste trabalho apresenta uma noção e um enquadramento bibliográfico de como se pode analisar esse grupo.

Também é preciso salientar as direções tomadas pela ONU e pela UNESCO, no sentido em que legitimam a existência e a ação desses grupos de natureza artística e cultural.

Tais avanços são vistos numa escala de microações contínuas e, para a realização dessas, é necessária uma abordagem das dimensões culturais, da arte como fio condutor e dos grupos artísticos.

Neste primeiro capítulo, observou-se o grupo no contexto de cultura, procurou-se avaliar a palavra na sua acepção histórica, correlacionando-a com diversas áreas.

A cultura é algo em que se pode situar o grupo estudado. Depois disso, começou-se a compreender os mecanismos de atuação do CDT, por isso um enquadramento em relação à mediação cultural artística e à experiência estética como condutor da transformação de territórios locais.

Sustenta-se que o grupo poderia ser mais ligado a outras áreas, porém, devido a sua configuração, formação e atuação de seus membros, entende-se que o melhor caminho é a relação com a arte.

No segundo item, foi feita uma relação da palavra cultura com a arte, e traçou-se um panorama da mediação sociocultural artística. Foram trabalhados autores devidamente articulados com a atuação de mediação sociocultural artística, possibilitando um aprofundamento sobre o tema.

Na terceira parte, observou-se, de maneira a organizar o grupo sociocultural, que realiza mediação sociocultural artística dentro do âmbito de cultura, e fez-se um enquadramento teórico de modo a facilitar as razões de atuação do CDT. Nessa parte, conseguiu-se sustentar a tese de que o grupo tem traços e organização independente de políticas públicas, ou demandas oferecidas pelo Estado.

Acredita-se, pois, na condução de um grupo que consegue, com ações interessantes e de cunho inovador, propor modelos de organização, atividade e mediação junto à comunidade referida.

2 Mediação sociocultural de grupo: atores sociais, ação social coletiva, empoderamento

2.1 Atores sociais: uma abordagem teórica de atuação no campo da mediação

No primeiro capítulo, abordaram-se conceitos de cultura e sua ligação com diversos ramos interdisciplinares. No segundo momento, verificou-se a arte como elemento condutor de transformação da sociedade civil. Na parte final, analisaram-se teoricamente grupos coletivos culturais, com suas relevâncias, aspectos e definições.

A partir daqui, a reflexão incidirá sobre os atores sociais, a ação coletiva e o empoderamento como traços potenciais e particularidades que o grupo estudado tem como elemento dos novos movimentos sociais.

A importância reside justamente em compreender os mecanismos de atuação do CDT, e situa-lo teoricamente numa passagem recorrentes pelos principais componentes de estudo desse contexto social.

O que permeia um grupo artístico cultural e que trabalha com mediação cultural socioeducativa em diversas comunidades são os atores sociais.

Esses atores são as pessoas que se inclinam a realizar um projeto social, uma mediação cultural ou até mesmo aqueles sujeitos que atuam diretamente em benefício da sociedade civil. Não se sujeitam a condutas estáveis nem condições previsíveis, são jogadores criativos, ousados, com uma capacidade técnica no jogo. São jogadores com domínio próprio, e estão situados dentro do jogo. Estes atores são definidos por personalidade, valores, capacidade e motivações (Muller, 1999).

Teoricamente, identificam-se os chamados “atores atuantes”, que são os membros que compõem um grupo e que possuem certas características, como: poder próprio, valores, capacidade e motivações definidas.

Os valores são os juízos que os indivíduos carregam dentro de si, a formação, as experiências e os processos culturais individuais de cada um. Esses atores capazes são os seres humanos que se dispõem e executam as tarefas necessárias para a execução do projeto, e se interligam diretamente com a motivação. Já esta é definida pelo caráter das ações, pela proposição de ideias, entre outros fatores, como as razões de atuação dos atores.

As ações concretas dentro de comunidade, os resultados obtidos e os envolvimento contínuos com a sociedade civil em projetos variados, são os vetores para a continuidade de certas motivações para atuação destes participantes.

O ator social, de acordo com Touraine (1999), é o desejo expresso da pessoa de ser um ator, a subjetivação é a vontade de individuação, e esse processo somente se desenvolve se existe uma interface entre o mundo da instrumentalidade e a identidade.

As características dos atores sociais, como um todo, são desenvolvidas pelo desejo de emancipação, o que se dá se houver uma válvula de escape que possibilite a criação de uma nova realidade.

Esta identidade é revelada à medida que os projetos são bem sucedidos, e as articulações com os mediados se perfazem através de iniciativas, cursos e programas que imediatamente apresentem algum tipo de resultado.

De acordo com o sociólogo (idem, p.37), ator social é alguém que consegue, além do engajamento, fazer um controle de tempo, organização e trabalho.

Goffman (2011) reflete o papel do ator e diz que ele se ajusta o tempo todo, de acordo com a situação e pela maneira em que atua sobre outras pessoas, ou seja, sobrepujando as condições adversas que possam ser apresentadas, desde condições físicas do ambiente, até mesmo a falta de incentivo do Estado.

A discussão sobre o conceito do ator social remonta à sociologia clássica, é nítido que, tanto para Marx quanto para Durkheim, a análise de ator social remete ao estruturalismo funcional de nossa sociedade. Marx, na questão da dialética, relaciona este sujeito como um produto da relação histórica entre classe trabalhadora e propriedade privada. Já Durkheim vê o

sujeito como um elemento do fato social, que possui uma coerção, geral e exterior ao próprio indivíduo, sendo que este, aqui, tem pouca liberdade para as suas escolhas.

Na pesquisa, compreende-se que o sujeito deve ser visto como um fator elementar dentro de sua teia de relações sociais através da ação.

Para Bourdieu (1984), há uma construção conforme o *habitus*, ou seja, existe uma construção conforme a noção que auxilia a entender o indivíduo, e esta noção é adquirida conforme o relacionamento com o espaço social onde estão esses atores. Já a relação se dá justamente pela distribuição do capital (econômico e cultural).

Aplicando essa conceitualização ao presente estudo, é possível dizer que a atuação desses mediadores culturais é feita num campo de política não institucional. Ou seja, o desempenho se dá na esfera da ausência de políticas públicas.

Conforme os deslocamentos físicos, as escolhas de território e comunidade, pode-se falar em *habitus*, que é a orientação do grupo coletivo. O *modus operandi* é feito através de iniciativa, projeto ou intervenção artística realizada pelo grupo.

Martins (1987) diz que, na concepção desenvolvida por Bourdieu, o *habitus*, enquanto produto da História, determina as práticas individuais e coletivas. Ele assegura a presença ativa das experiências passadas que, depositadas em cada pessoa sob a forma de esquema de pensamento, percepção e ação, contribuem para garantir a conformidade das práticas e sua constância através do tempo.

No artigo citado, o autor menciona a concepção desenvolvida e a orientação das práticas individuais que estão ligadas aos pensamentos, percepções e conformidade com as práticas sociais. Sabe-se que esses três elementos são caracterizados também por objetivos claramente identificáveis quando há a proposição de um projeto.

Para Galichio (2002), o conceito de *habitus* coloca uma perspectiva de relação identificando o real, enquanto o enfoque proporcionado por Bourdieu considera como princípios de estruturação de práticas não só a posição e a trajetória do agente no sistema de relações, mas também os *habitus*

incorporados por este agente, enquanto esquemas de percepção, avaliação e ação.

Através do *habitus*, o ator define seu horizonte sem a intenção consciente de ser regulado, ou que seja fruto de regras previamente determinadas. Os atores simplesmente são protagonistas de suas ações.

Portanto, os atores sociais atuam dentro de um limite no qual podem ter um desempenho em conformidade com suas práticas duráveis e transferíveis para outros participantes, seguindo o próprio Bourdieu (p.89).

Giddens (1984) cita a importância em reconhecer as habilidades desses atores que possibilitam um enriquecimento nas tarefas cotidianas. Aqui acredita-se que, à medida que os trabalhos são realizados, reforçam as habilidades individuais e o caráter de trabalho em grupo.

Os atores atuam dentro de um contexto onde cada um pode oferecer, a partir de sua perspectiva, maneiras diferentes de participação no cotidiano da comunidade. Quando se fala em reforçar as habilidades, que quanto mais se tem a possibilidade de aplicação de um saber sensível/artístico, mais se pode aperfeiçoar as práticas na comunidade, isso inclui também a dimensão financeira, além da cultural e política.

Portanto, o cenário é o entendimento de uma perspectiva individual desses sujeitos. A atuação desses atores pode ser encarada de diversas maneiras, e uma delas é a obtenção da ação para atingir um objetivo. Atingir um objetivo, por sua vez, resume-se em planejar, montar cenários, o que é incerto e causa a interdependência entre as decisões dos atores concorrentes (Matus, 1996).

Para Matus, a importância do ator social é criar um cenário que proporcione o máximo da atuação, e cita ações como: planejar, tratar as adversidades e lidar com infortúnios na esfera cotidiana. Para esta pesquisa, a importância se dá somente no item planejamento, na tomada de decisões que visam atingir um objetivo, assim como um cálculo das possibilidades que oscilam entre as certezas e as incertezas no campo social.

O ator social, quando atua dentro de sua escala da participação, utiliza de sua habilidade, equilibrando-se na linha entre proposta e regras predeterminadas onde conscientemente planeja, recria e participa. O caminho

é a grande chave para seu êxito, e essa noção é percebida na linha entre atuação e mediação.

Yudice (2004), fala da atuação dos sujeitos/atores nas diferenças ou certezas da sociedade, e que esses dois elementos constituem e moldam o sujeito para uma rearticulação social.

Essa rearticulação social faz parte de um mapeamento criado pelo ator social, que busca, pela mediação, uma nova composição e um novo cenário social.

De acordo com Touraine (2007): Quando há o rompimento entre ator e sociedade, quando já não faz mais sentido o que é proposto, ou uma norma para o sistema não corresponde ao sentido que ela tem para o ator. O desejo deste ator social é afirmar-se de oposição à linguagem (TOURAINÉ,2007, p.77).

A partir disso, a atuação dos atores pode ser composta quando esse sujeito busca romper com o sistema, e há um desejo de se afirmar como oposição à linguagem do que é colocado enquanto sociedade, como também propor inovações e soluções práticas. Essa é uma forma de rearticulação social.

Quando se fala em rompimento do sistema, pensa-se em uma série de propostas que se apresentam face aos mediados, por meio de atores sociais com propostas concretas de iniciativas culturais. O exemplo clássico é, quando esses atores estão frente a uma adversidade, ou seja, em um local que apresenta uma série de problemas, eles se veem como parte responsável por esses problemas. Depois, conseguem assumir e pensar, através de um processo de reflexão, qual é a melhor alternativa.

Sendo assim, há uma ótica para o surgimento desses atores sociais e, conseqüentemente, o ressurgimento dos mesmos. Rempel (2011) diz que o pensamento social deve se organizar em torno de problemas culturais e sociais, contexto em que são nomeados novos atores e novos conflitos a partir de uma representação do eu e da coletividade.

Os membros do coletivo, então, enquadram-se teoricamente como um grupo que se constitui de modo orgânico, no qual essas pessoas evocam novas formas de entendimento e novas formas subjetivas. Nele se libertam individualmente e, posteriormente, em movimento com as pessoas envolvidas,

com o intuito de construir a própria autonomia. Essa autonomia, que vem representada através de criatividade e inovação, é o que diferencia e possibilita um diálogo entre atores e comunidade, o que leva à conclusão que o representar social faz parte de uma série de características destes atores. Tal liberdade pode ser entendida como novas concepções, modelos, proposituras e diálogo com a comunidade.

Para Souza (1991), por sua vez, o ator é alguém que representa, ele encarna um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações. Uma determinada pessoa é um ator social quando representa algo para a sociedade (para o grupo, a classe, o país), quando propõe uma ideia, uma reivindicação, um projeto, uma promessa, uma denúncia. Sendo assim, conclui que, para constituir-se ator social, pode ser: uma classe social, uma categoria social ou um grupo.

Acredita-se que este conceito se amplia à medida que o grupo social, através dos indivíduos cria, dialoga e traça uma teia de relações na qual a representação ganha legitimidade no que eles imaginam e projetam para a sociedade, o próprio ator passa a ter ideias, reivindicar e querer algo. No caso de um grupo cultural artístico, além da perspectiva de melhoria social, há a própria atuação dos atores, que frequentemente desenvolvem cursos, palestras, *workshops*, além de um permanente diálogo como meio de criar um canal de comunicação entre projeto e comunidade.

É preciso haver uma ampliação de conceito de ator social, não se limitando somente aos indivíduos e aos grupos com características sociais, mas ampliando e se estendendo a grupos culturais.

Reafirma-se aqui que, para uso do conceito de ator social, os sujeitos devem estar no centro da representação social, além de traçar diretrizes que possibilitem entender um engajamento sociocultural destes envolvidos.

Já Sabourim (2002) define que esses atores são os agentes sociais e econômicos, indivíduos e instituições, que realizam ou desempenham atividades, ou, então, mantêm relações num determinado território.

Quando os indivíduos posicionam-se, organizam-se, desenvolvem-se e desempenham atividades em determinado território, a atuação do grupo, composto por atores sociais, mantém essa comunicação através de projeto com diversos bairros, geralmente caracterizados por favelas ou periferias.

Ao falar desse diálogo entre atores sociais dentro de um processo cultural, deve-se entender as razões destes expoentes como forma de estabelecer relações, criticar e, nessa medida, ser traduzido como uma ação criadora dentro de seu campo participativo.

Entrelaçando o campo participativo e a atuação do ator social conforme Freire:

No próprio contexto de cultura, a atuação do ator se mostra uma experiência reveladora. Em termos de aquisição crítica e duradoura, a cada experiência o homem se transforma. Neste sentido, é lícito dizer que o homem cria a cultura no ato de estabelecer relações, no ato de responder aos desafios que lhe apresenta a natureza, como também, ao mesmo tempo, de criticar, de incorporar a seu próprio ser e traduzir por uma ação criadora a aquisição da experiência humana feita pelos homens que o rodeiam ou que o precederam. (FREIRE, 1979, p, 21)

Temos que questionar as razões de como surgem estes atores sociais e os motivos pelas quais se organizam, definindo as características de grupo. Na proporção em que essas pessoas têm contato com outra atividade, têm diversas experiências e são levados a responder aos desafios que lhes são apresentados, há a criação, através de ações sociais, de forma que possibilitam o estabelecimento de relações.

A própria natureza desses grupos através da experiência possibilita uma criação de relações internas e externas, respondendo grandes desafios.

A ação criadora em si é uma grande maneira de solução que, além de proporcionar modelos, começa um diálogo efetivo com a sociedade civil.

Alberoni (1984) fala que os fundadores/atores nascem da antiga ordem como portadores da aspiração de uma nova e, nesse sentido, a experiência dividida, que constitui o grupo como tal, não se dá em um vácuo, mas nasce no interior de uma ordem estruturalmente definida e em conflito com ela.

Essas pessoas se inclinam para recriar um cenário, e na experiência partilhada é que há essas possibilidades de mudanças.

Através da experiência compartilhada e em conflito com a mesma elas recriam outro cenário. As atuações dos atores se fundam nas possibilidades que os mesmos têm em participar de diferentes formas. O vácuo que se

considera é aquele em que as políticas públicas poderiam propor soluções, medidas de melhorias e não o fazem, e neste ínterim é que novos articuladores, sujeitos, propõem novas maneiras de pensar e agir.

Os atores sociais são as figuras chaves dentro do contexto e do objeto de estudo de um grupo artístico cultural. Nesses sujeitos depositam-se grandes mudanças, transformações e possibilidades. É por eles que se pensa na possibilidade de uma melhora sensível na atuação junto a desfavorecidos.

Começa-se, então, por definir o ator no jogo social; depois, em Bourdieu, situa-se a noção de *habitus*, em que este sujeito atua dentro de um limite, podendo ou não atingir seu objetivo.

Em Giddens e Matus correlacionam-se as habilidades com a atuação coordenada no cotidiano. Mas foi em Touraine que se apoiou a base teórica, a noção de sujeito como polo de movimento constante que é visto em sua teoria, além de sua representação social frente à comunidade e à atuação desses sujeitos onde há significado, quando o sistema já não o satisfaz e ele propõe novas faces de atuação.

Portanto, é nesses atores que esta pesquisa incide, e, é pela ótica de atuação que serão verificados os posicionamentos, as articulações e a mediação, sendo neles (atores) que incide o olhar pesquisador.

2.2 Ação social coletiva: uma abordagem do componente de intervenção cultural

A ação coletiva pode ser brevemente mencionada, quando os sujeitos têm uma frente e uma proposição de ideias, de projeções, de vistas para uma possível melhora em algum local ou ponto desejado incluindo outros participantes, neste caso, os mediados.

Começa-se por entender o conceito de ação coletiva e a mudança histórica pela qual passa o termo.

Há algumas correntes interpretativas de ação coletiva pela qual refere Gohn (1997), a primeira no interacionismo, a segunda na sociedade de massas e a terceira na abordagem sociopolítica, o que determina a participação dos atores e a maneira de como estes atuam. Na quarta, está situada a corrente funcionalista baseada em Parsons e Smelser.

A ação coletiva faz parte de componentes que envolvem os atores, nas palavras de Ana Maria Gohn:

As ações sociais coletivas configuram um grau de organização dos grupos demandatários, onde se aplica a análise cultural e na movimentação dos atores sociais. A linguagem, ideias, símbolos, as ideologias, as práticas de resistências culturais são componentes deste novo elemento. Há mais interesse na simbologia e na composição destes elementos do que propriamente uma abordagem sobre textos. (GOHN, 1997, p. 70)

É através da organização, da participação, das possibilidades, de novas ideias que os atores sociais podem desejar algum tipo de mudança como parte de uma ação social coletiva.

Blumer assim conceitua o interacionismo:

O interacionismo tem seus fundamentos em três elementos, o ser humano age em relação a coisas com base no que determinado

objeto tem para ele: a relação das coisas é derivada e se origina da interação social que o indivíduo esclarece com os outros, estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo de interação. (BLUMER,1969, p. 58)

A ação também pode ser vista através de um interacionismo simbólico, o ser humano atua com base no sentido daquele objetivo e meta que têm para ele (ator social) o alcance de sua aproximação. Esse processo vem sendo alterado pela interação.

Esta, por sua vez, dá-se na medida dos envolvimento dos atores sociais, por conseguinte, alguma possível mudança de ação.

Segundo Carvalho (2010), esta linha de raciocínio revela a influência da filosofia do pragmatismo sobre os estudiosos da Escola de Chicago, a qual teve início com os trabalhos de Dewey e Mead, principalmente no que se refere a processos interpretativos e intervenções psíquicas Segundo o autor, sua eficácia é para a solução dos problemas encontrados pelas pessoas no curso de sua ação.

Na segunda corrente interpretativa, deve ser pensada a condição da sociedade de massa como forma interativa entre o ator social e a ação coletiva. Nessa corrente, prevalece uma série de elementos, como o alto fluxo de informação, o todo sobre o indivíduo, além da dificuldade de execução por livre arbítrio.

A ação coletiva neste contexto é mais difícil para ser observada, pois há uma dificuldade em relacionar as ações pontuais e significativas se considerado todo fluxo de informação.

Na sociedade de massa, a ação é vista conforme o inconsciente coletivo determinista. Essa ação não encontra um respaldo na individualidade e a mediação se dá por diferenciados elementos.

Segundo Gohn, tratava-se de uma corrente preocupada com o comportamento coletivo de massa (GOHN,1997,p.35). Eric Fromm, Hoffer e Korhauser foram os principais representantes dessa teoria que via os comportamentos coletivos como resultados de ações advindas de participantes desconectados de relações em ações normais e tradicionais.

A ação social coletiva para essa corrente histórica está centrada no comportamento coletivo de massa, por ela é que se determina todo tipo de ação.

No comportamento coletivo de massa, a ação individual é avaliada com menor impacto, tendo em vista que tudo o que o indivíduo faz é por causa de um comportamento coletivo.

Na terceira corrente teórica, a ação coletiva é vista através da ótica política.

Para Gohn (1997), autores como Lipset e Haberle proferiram a dúvida das classes sociais e da semelhança de produção dois marcos fundamentais dos paradigmas de lutas sociais em sua versão marxista para a compreensão dos comportamentos políticos partidários.

Essas ações são vistas com o teor político partidário e, no fundo, uma legitimação que pode variar devido ao propósito ideológico.

As ações sociais coletivas possuem um caráter de objeto de estudo.

Como ponto de partida para tal, observar-se á teoria geral da ação funcionalista.

A ação implica logicamente no ator individual ou na pluralidade de atores perseguindo objetivos claramente identificáveis. Os elementos objetivos são correlacionados com a situação apresentadas para o ator.

Segundo Parsons (1968), esse sujeito confronta-se com meios alternativos de atingir objetivos na situação e sua escolha obedece a uma orientação normativa. Esta compreende elementos cognitivos, catéticos (a atribuição, pelo ator, de significados afetivos ao objeto) e avaliativos.

O autor vem com a ação feita pelos sujeitos sociais com algumas características, que são as condições, os objetivos, a situação e os meios, as condições da ação que envolve e compreende elementos avaliativos: como organização, escolha, percepção e plano de ação.

A ação, portanto, é algo premeditado que envolve os atores com situações claramente identificáveis, as condições são os fatores que motivam os atores sociais a agir com as metas estabelecidas, e outros elementos que citados como importantes dentro desse objeto são: organização, escolha, percepção e plano de ação.

O próprio Parsons é influenciado pela escola de Chicago, já que essas ações coletivas para esta corrente têm de ser vistas na ação psíquica dos indivíduos, a partir da premissa de que é definido nos pormenores de ação social. Mesmo o interacionismo simbólico deve ser situado como uma representação do consciente dos atores sociais que conseguem através da junção de uma possível aplicação na comunidade ou sociedade vigente. A diferença reside justamente na aplicação da ação através do campo. E esta contrariedade entre interacionista e funcionalista reside no fato de que os últimos atuam com antecipação para atingir um melhor resultado.

Smelser identifica as ações coletivas como a contrariedade, e estuda a relação com alguns movimentos. Os movimentos coletivos referem-se aos esforços de grupos coletivos para mudar normas e valores, os quais se desenvolvem por longos períodos. Podemos avaliar que, para Smelser, o comportamento de grupos coletivos se refere a comportamentos não institucionalizados (IBIDEM, 1997, p.48).

Há uma série de teorias a respeito de ação social coletiva, por ela que se compreendem as diversas facetas de atuação dos atores sociais e teoricamente é onde esta pesquisa se posiciona. O significado do estudo faz sentido devido à lacuna que existe entre as demandas sociais e as rarefeitas políticas públicas voltadas para essas demandas.

O que se observa, é que as ações sociais coletivas dizem respeito aos processos não institucionalizados de grupos que os desencadeiam, com a finalidade de mudar a distribuição, a organização e o cenário social proposto pelo Estado, fazendo, assim, com que haja uma interação sociocultural.

A própria ação social coletiva tem a finalidade de mudança, de querer uma atuação radical frente a um cenário com uma distribuição vigente de recompensas e sanções sociais com grandes ideais culturais.

Por essa atitude, os atores sociais desenham o caminho de como devem e como querem atuar. Nessa mediação, a ação coletiva é fundamental em termos de organização, de planejamento e ação direta para colheita de resultado.

Nossa proposição é verificar as formas de interação social coletiva e ver que os membros de um grupo sociocultural aplicam os projetos com o intuito da interação, além de ideais culturais e de uma representação social.

A ação coletiva é o próprio meio de atuação dos atores sociais, é o caminho que eles fazem para atingir seus objetivos, por elas é que são medidos qualitativamente os impactos que têm dentro de uma comunidade.

Quando o grupo publica seus projetos sociais metodologicamente através de um *site* ou de uma programação, e mostra o que quer e como quer, além de ações pontuais, são evidenciados esses componentes como características marcantes da ação coletiva.

Tilly (2006) propõe que se houver interesse, oportunidade, organização, mobilização e ações, esses são os elementos do campo de atuação dos atores. Nessa relação entre indivíduos, há a proposição das ações coletivas.

Gohn (2012) analisa, em seus estudos, a superação das dicotomias entre “ação x estrutura”, “ação x contexto”, “criatividade x determinação”, demarcando, de um lado, a capacidade de agenciamento e a criatividade dos indivíduos, pois o agir em conjunto não se resume a uma resposta às condições vivenciadas e, de outro, enfatizando os constrangimentos estruturais que limitam as possibilidades de ação coletiva.

Aqui, conforme o autor, na ação deve se verificar a capacidade de agenciamento e a criatividade dos indivíduos que são determinadas para o agir em conjunto, independente das respostas ou condições vivenciadas.

Para Swidler (1996), através da ação se usam táticas de políticas não convencionais, sendo isso mais eficiente e mais ágil em relação aos problemas encontrados. As agendas de muitos movimentos sociais giram em torno de recodificações culturais.

Esse autor sugere que o tipo de ação social coletiva integrada por atores sociais definem uma recodificação cultural, ou seja, partem para uma mediação sociocultural com um caráter inovador.

Salienta-se, aqui, a dificuldade do modelo político convencional em organizar o cenário social, essa recodificação cultural parte muito mais de uma iniciativa de base civil do que de um ordenamento sociocultural proposto pelo Estado.

Habermas (1987) se refere aos crescimentos das forças produtivas, apontando que se modificaram as atribuições do Estado. A empresa passou, de forma crescente, a intervir em questões como planejamento econômico, posicionando decisões da esfera social, assumindo atribuições do Estado. O

Estado, por sua vez, passou a intervir e mediar os interesses econômicos. Sendo assim, abre-se um precedente para o vácuo existente na esfera social. A ação social coletiva parte da sociedade civil como forma de posicionamento e maneiras de recriar o cenário social.

Para Touraine (1994), a ação coletiva pode ser considerada quando é dotada de objetivos sociais, e reconhece a existência de valores sociais gerais, posicionando-se de maneira coerente, conforme interesses particulares.

Somente nas sociedades democráticas é que os grupos sociais se formam sozinhos, pois a livre escolha política obriga cada ator social a lutar simultaneamente pelo bem comum e pela defesa de interesses particulares.

A tratativa deve ser colocada quando a ação coletiva é dotada de objetivos sociais. Esse enquadramento pelo qual inserimos um grupo artístico cultural não é reduzido a confrontos de classe nem mesmo aos ideais políticos. Aparentemente se organizam de forma espontânea. O interesse individual comum de cada participante os torna protagonistas de sua própria história.

Para Meluci: As novas formas de agregação social têm uma natureza permanente e não conjuntural. Elas coexistem com outras categorias mais consolidadas (como as classes, grupos de interesse e associações) e, embora variem em suas formas empíricas, são um componente estável e irreversível dos sistemas sociais contemporâneos. (MELUCI, 1989, p.3).

Meluci (1989) propõe que a avaliação de um grupo coletivo pode ser estudada como um movimento permanente e não conjuntural, e que são partes de um sistema social contemporâneo. O que caracteriza que a ação coletiva situada como fluxo de um movimento de um determinado grupo são formas de uma profunda reflexão. Na ação coletiva aplicada por um grupo é que se dão a dimensão e a proporção do êxito dos projetos sociais.

E por ação coletiva entende-se como algo que envolve não só a aplicação do projeto, mas como se dão o envolvimento e a participação dos participantes e envolvidos.

Este estudo incide pela dimensão e pela proporção que toma uma ação social coletiva, mesmo levando em consideração o tamanho do grupo estudado.

Quer-se um posicionamento teórico dos atores sociais e da atuação em grupo com ação coletiva.

Hipoteticamente, o grupo em estudo detém características de ação coletiva.

Para o autor, os fenômenos empíricos de ação coletiva são um objeto de análise que é unificado e significativo em si próprio, e que pode dar, quase diretamente, explicações satisfatórias sobre as origens e a orientação de um movimento.

A própria ação social como parte integrante de um movimento deve ser observada num campo social vasto. Nessa microação proposta é que se devem identificar características para compreender todos os elementos da ação do grupo, e observar se há ou não essa homogeneidade.

Através da ação coletiva é que devemos estar atentos para a relação que liga social, grupo e comunidade. Quando se fala em ação deve-se observar as relações no interior do grupo, ver alguns aspectos que são subjetivos, se encarados da perspectiva que a atuação desse grupo está na mediação da relação de poder.

E nessa tensão é que se posiciona a ação coletiva, e é por ela que há mobilização para atuar de forma específica.

Smelser (1962), como já foi mencionado, fala de comportamento não institucionalizado. É por ele que há verificação na atuação dos atores em forma de ação coletiva.

Nesse sentido, pode ser afirmado que o grupo cultural é uma atuação de pessoas que operam na tensão entre falta de políticas públicas em determinada localização, e a sua ação se dá como um comportamento não institucionalizado mediante iniciativas próprias.

A ação coletiva tem como objetivo, a partir de processos frequentemente não institucionais, mudar a ordem social existente e influenciar os resultados de processos sociais que envolvem valores ou comportamentos sociais, ou na instância de definição de políticas públicas.

Gradativamente, a ação coletiva que tem por característica mudar o cenário social em que a influência é o impacto e a relação direta com a comunidade. Os atores sociais são os protagonistas da movimentação feita pela ação social.

Habermas (1987), na teoria da ação comunicativa, fala que o Estado sai da decisão da esfera social e passa a ser regulador atrelado aos mecanismos de interesses financeiros. As decisões sociais ficam submetidas a critérios técnicos de decisão racional, isto é, burocráticos, o que tem como consequência dificuldades no atendimento na demanda social e a falta de políticas públicas participativas.

Por essa razão, as ações coletivas são incorporadas primeiramente fora do escopo político do Estado. Só numa fase posterior é que, virtualmente, vem a se estabelecer o diálogo.

Machado (2007) afirma que, com a dissipação das brumas do conflito ideológico, as iniciativas da sociedade civil incorporadas na ação dos movimentos sociais, mesmo que originadas “fora” do escopo político do Estado e de seus mecanismos de controle, ao invés de serem vistas como subversivas, revolucionárias ou marginais, passaram a ser entendidas como manifestações próprias, típicas e até mesmo sadias de um ambiente político e social plural.

Aqui o autor reverencia o contexto de movimento social, entretanto há características de grupos artísticos pertinentes que devem ser postos dentro desse contexto de ação coletiva. Pois, além de relevante, objetivamente é nítido o caráter e os elementos que possui um grupo, que reúne todos os quesitos para enquadrá-los teoricamente como atores sociais e que agem através de ação social coletiva em função de uma política não institucionalizada.

Goulart (2009) cita que, no novo cenário de confrontação política, os movimentos redirecionaram sua esfera de ação para a participação na definição de políticas através dos conselhos de representação de interesses, na tentativa da construção e negociação de novos direitos, não somente, tratando do plano dos direitos oficiais estatais, mas considerando os direitos emergentes da prática social, ampliando a esfera de participação dos diferentes movimentos e priorizando o canal institucional de conquistas, o que gera uma aproximação das ONGs (Organizações Não Governamentais), de grupos como os movimentos sociais.

A ação coletiva é vista como forma de manifestação e vetor de transformação da realidade social.

Quando se trata de ação social coletiva, entende-se, numa ampliação de conceito, que é maneira de participação, movimentação, transformação e realização. Muitos autores colocam o termo “ação coletiva” ligado a grandes movimentos, ou trabalhadores. Acredita-se que é preciso repensar inclusive o termo ação coletiva, considerando pequenos grupos que conseguem grandes realizações. Na relação histórica dialética e no atual século XXI, é que se deve entender a correlação do fenômeno de pequenas células que fazem grandes transformações, tanto da perspectiva individual, como na social.

Na ação social coletiva, conforme a estrutura funcionalista, a ação dos atores na comunidade serve como plataforma para outros tipos de projetos sociais e outras iniciativas.

Esse campo de políticas não institucionalizadas pode servir como margem para atuação desses sujeitos. É nessa linha de atuação e responsabilidade que se refletem todo o cenário social.

A ação é uma das partes mais importantes no trabalho de um grupo artístico cultural, através dela que adquirimos a noção de como colocar um grupo cultural como objeto de várias disciplinas e, assim, alargar as possibilidades de interpretação.

Conclui-se, pois, que uma ação é efetiva pelo modo funcional e na oportunidade de atuação que esta tem no campo político. Parte da tese ora defendida, além do enquadramento teórico, é permitir uma possibilidade de pensamento e reflexão na forma de atuação de um determinado grupo que, com poucos recursos, consegue ir além da expectativa.

Este elemento é o modo operacional dos atores sociais, é por este conceito que iniciativas, fomentam novas ideias, perspectivas e programações dentro de uma comunidade.

2.3 Empoderamento: a participação dos mediados no contexto local

Os atores sociais foram vistos dentro de um grupo com ações socioculturais em comunidade. Vale ressaltar as mudanças que ocorrem durante as transformações, como a aproximação, o diálogo e a mediação entre mediadores e mediados.

Com o passar do tempo, o que se pode perceber é a atuação dessas ações em espaços públicos que ainda não detêm políticas institucionais localizadas, que agem em torno do território com redes de articulação, fóruns e agrupamentos coletivos artísticos culturais.

Uma das características do grupo observado é que, em relação à atuação nesses ambientes localizados, as ações possuem uma particularidade peculiar que é o conceito de empoderamento.

A origem da palavra empoderamento é o inglês *empowerment*. O dicionário *Oxford* traz a seguinte definição: “1 *authorize license*. 2 *give power to, make able, empowerment*.” (autorizar, permitir, dar poder, tornar possível).

O termo empoderamento no Brasil aponta um processo em que há mobilizações que dão autonomia para a comunidade. Esses processos visam incluir os excluídos, possibilitando crescimento, participação e envolvimento.

A definição de empoderamento está atrelada à noção de autonomia, pois se refere à capacidade dos grupos poderem decidir sobre dúvidas que lhe dizem respeito. É a opção por um caminho, dentro de várias esferas, como: política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Assim, trata-se de uma característica, mas também de um processo pelo qual se legitima, o poder e as liberdades negativas e positivas. Pode-se, então, pensar o empoderamento como resultante de processos políticos no âmbito dos indivíduos e grupos.

O conceito pode ser modificado, alterado e ampliado e está próximo da autonomia, o próprio empoderamento é um resultado de processos políticos no

âmbito de grupos e indivíduos em que se busca poder no sentido de emancipação social e liberdade.

Para Kleba (2009), o termo é multifacetado e se apresenta como um processo dinâmico, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos e condutais. Nesse debate, o processo de empoderamento é mostrado a partir de dimensões da vida social em três níveis: psicológico ou individual; grupal ou organizacional; e estrutural ou político. O empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos.

Um grupo sociocultural que tem como vetor tal aspecto, tem uma rede de articulação feita através de projetos, multiplicação dos formadores e aplicação constante por meio de uma ação social coletiva.

O que os atores fazem através desse conceito é dialogar e propor uma nova forma dos excluídos e marginalizados poderem abordar o tema e ambos, quando tomam consciência disso, podem escolher novas opções em benefício próprio.

Ou seja, o empoderamento é um processo pelo qual as pessoas assumem o controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida, e tomam consciência da sua habilidade e da sua competência para produzir, criar e gerir. Sobre isso, Romano diz:

No combate à pobreza, a abordagem de empoderamento implica no desenvolvimento das capacidades (capabilities) das pessoas pobres e excluídas e de suas organizações para transformar as relações de poder que limitam o acesso e as relações em geral com o Estado, o mercado e a sociedade civil. (ROMANO,2002,p.17)

O termo empoderamento pode ser utilizado quando o grupo se articula através de redes sociais, pronuncia-se e trabalha para a autonomia individual, por conseguinte em grupo.

É, então, o processo através do qual os excluídos adquirem a capacidade de criar ou recriar cenários sociais. O grupo cultural, através de um projeto, consegue fazer a mediação e outorgar elementos de emancipação para os marginalizados, possibilitando a estes criticar, organizar e transformar.

Para Romano (2002), a ideia é que o empoderamento é um meio para a transformação das relações de poder existentes e para superar o estado de

pobreza. É um meio de construção de um futuro próximo, palpável, capaz de recuperar as esperanças da população e de mobilizar suas energias para a luta por direitos no plano local, nacional e internacional.

Mas este caminho também é um fim, porque o poder está na essência da definição e da superação da pobreza. O empoderamento necessita ser constantemente renovado para garantir que a ligação de forças não volte a reproduzir as relações de dominação que caracterizam a pobreza.

Este, então, passa ser essencial na superação da própria realidade, por isso a necessidade estratégica de reorganização de um cenário para mobilização do plano local, essa luta por direitos é a esperança de todos os mediados para uma renovação. Não há caridade, mas processos de melhoria gradativa, de emancipação e de luta pelos quais os indivíduos possam garantir parte de suas escolhas. Para Gonh (2004), o empoderamento é um conjunto de processos bem definidos, que têm a capacidade de gerar outros de desenvolvimentos autossustentáveis. Os novos mediadores são fundamentais na organização dos projetos. Esta nova demanda tem ocorrido predominantemente sem articulações políticas mais amplas.

Com articulações políticas mais amplas e na possibilidade de desenvolvimento através dos atores sociais, o empoderamento tem como pauta uma autorregulação mediante projetos. A articulação se dá justamente para aqueles que têm o intuito de ter a autonomia individual ou em grupo. E há uma motivação para tal.

Romano (2002) diz que o ato ocorre dentro do grupo através de organizações de base ou movimentos sociais, em que o agente é interno ao grupo, não vivencia o problema de fechamento em si. Ao contrário, a relação com o agente externo, como o governo, ainda que possa ser conflitiva, é de seus objetivos, uma vez que estes são vistos como responsáveis pelo *status quo*, e como capazes de alterar a situação de pobreza em que vivem os excluídos. Quando obtém sucesso, este movimento tende a se ampliar.

Aqui os mediadores propõem, observando lacunas em políticas públicas, ações que tem como objetivo um diálogo com o Estado como maneira possível de alteração da realidade sociocultural.

Quando se fala nas articulações dos processos em que os mediadores têm a possibilidade de atuação, estes educadores socioculturais são os atores

que desenvolvem os projetos. O grupo estudado tem essa característica de abordagem/estudo e, com a instrução e o desenvolvimento, torna as pessoas/excluídas/marginalizadas verdadeiras protagonistas. Esta é uma forma de ampliar o movimento, abrir-se, além da inovação no campo social.

Schiavo e Moreira (2005) dizem que o empoderamento implica num processo de reflexão e tomada de consciência quanto à sua condição atual, é uma clara formulação das mudanças desejadas e das condições a serem construídas.

Esta articulação é feita através de um aparente processo de reflexão e a tomada de consciência se dá por articuladores e articulados, proporcionando uma clara formulação nas mudanças desejadas. Isso deve se somar à mudança de atitude que impulse a pessoa ou grupo.

Conforme Gohn: “A mudança pode ser vista através do micro e, a partir do micro é que se dá o processo de mudança e transformação na sociedade, é no plano local, especialmente num dado território, que se concentram as energias e forças sociais da comunidade, constituindo o poder local daquela região” (GOHN,2004,p.24).

O empoderamento tem alguns elementos e um deles é o envolvimento em zonas locais. A partir disso correlacionam-se as mudanças de fato ocorridas com a participação dos mediados. Outro componente importante é que, de acordo com essas transformações, há uma constituição do poder local, que valoriza o indivíduo e também a comunidade. “Estas novas redes estão contribuindo para o *empowerment* dos setores populares em nossa sociedade, ainda que de forma pontual, por trabalharem com projetos focalizados” (IDEM,2004,p.25).

A rede a que a autora se refere trata de grupos que trabalham com projetos focalizados, contribuindo para diversos setores populares. Essa contribuição pode ser revestida de um caráter em forma de proposição de novas ideias pelos envolvidos.

Freire (1986) fala que a questão mostra como a classe trabalhadora, no caso os agentes culturais, através de suas próprias experiências e de sua própria construção de cultura, empenha-se na obtenção do poder político como forma de emancipação. Isso faz do *empowerment* muito mais que um evento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas

que buscam a própria liberdade de dominação, um longo processo histórico em que a educação é uma frente de luta. A relação do empoderamento como uma emancipação da classe desfavorecida é ponto de partida para uma grande transformação.

Vê-se que, à medida que a emancipação dá ao indivíduo sua importância, seu contexto e relevância, agindo diretamente na autoestima, havendo automaticamente o reconhecimento e identidade, este se vê mais autônomo para criar seus próprios mecanismos de sobrevivência.

O grupo CDT, ao se aproximar da comunidade com ações locais pontuais, consegue, na prática, aplicar o conceito de empoderamento.

Lopes e Melo (2008) dizem que os atores permitem que direitos constituídos em espaços delimitados passem a influir em novos modos e estilo de vida e, portanto, em novas configurações de reivindicações de direitos, em que entrecruzam lutas por reconhecimento e por redistribuição de recursos materiais, como as reivindicações de emprego, formação.

O próprio termo pode ser visto como um atrativo devido aos efeitos que ele pode possibilitar, e alguns deles são a redistribuição de recursos materiais, reivindicações de emprego e formação.

À medida que há autonomia para o cidadão comum, começam a surgir possibilidades reais de emancipação, como emprego, faculdade e estudos.

Esse empoderamento deve ser colocado na esfera pública, localizando o conceito para ser discutido em uma relação dialética entre as tensões pela margem de exclusão da sociedade civil. Segundo Jovcheolovitch (2000), nessa esfera o espaço introduz a noção de transparência, e encontra no diálogo e na ação comunicativa o que se sustenta na diversidade e na pluralidade humana.

E quais os fundamentos que possibilitam para a atuação dos mediadores? Para Walrren:

A atuação é no sentido de resgatar as dignidades do sujeito dos sujeitos socialmente excluídos, porque sem a desconstrução das discriminações introjetadas pelos dominados socialmente não há luta por direitos; agir no sentido de desempenhar positivamente suas raízes culturais, simbólicas, estéticas, sem abrir mão de ponderações autocríticas transformadoras, potencializando as ações da base para afrontar os problemas sociais, por exemplo, as redes de arte e

cidadania, desenvolvidas através de vários projetos sociais (WALRREN, 2006, p.122).

Há uma necessidade de potencializar as iniciativas de base, com visão de transformação e potencialização para o enfrentamento aos problemas sociais localizados. Assim, há a criação de uma rede que possibilite integração através da arte e da cidadania desenvolvidas com projetos socioculturais.

Aqui se visa à promoção de ação coletiva feita através de medidas socioeducativas, bem como um reconhecimento das diversidades dos sujeitos, tanto mediados como mediadores, e também associando a outros grupos ou coletivos, para promover uma integração, como: participação e mobilização de base.

Seguindo o autor (WALRREN, 2006, p.130), que argumenta : “Há preparação para os sujeitos se tornarem atores de novas formas de governança requer a participação em diversos espaços: mobilizações de base local na esfera pública; empoderamento através dos fóruns e redes da sociedade civil.”

Os sujeitos que estão neste jogo social devem ser preparados para sua atuação que requer principalmente doses de criação, inovação e formas de participação. As próprias mobilizações fazem parte de um resultado de trabalho em conjunto, numa articulação em rede. O que se salienta é a importância desses sujeitos que fazem da problemática social uma mudança no quadro na sociedade civil. Essa dimensão política e na medida da participação do cidadão comum é que se deve observar.

Horochovisk e Meireles (2010) relatam que, do ponto de vista político, o empoderamento passa pelo aprofundamento da democracia mediante ampliação da cultura política e da participação cidadã. Empoderar significa a conquista de espaços por indivíduos, organizações e comunidades, de modo que esses tenham elevados níveis de informação, autonomia e capacidade de fazer suas próprias escolhas culturais, políticas e econômicas.

À medida que estes têm autonomia, podem ser protagonistas de sua própria história local, podendo assim ter maior liberdade de decisão. Com os elementos como escolha, autonomia e liberdade, o termo empoderamento

pode vir a ser relacionado com a autossuficiência e a auto-organização dos atores sociais que atuam em conjunto.

Em relação ao empoderamento, nada mais é que do que você reunir os atores sociais e, com ação direta, contribuir para o diálogo junto aos mediados.

O empoderamento significa atrair parceiros, propor uma mediação, com isso é possível criar uma rede, que possibilite uma relação dialética de aprendizado. Essa criação no campo social se dá quando há a possibilidade de enxergar solução para problemas pontuais.

Para Antunes (2002), a ação envolve condições de envolvimento de parceiros que implicam em compromissos e responsabilidades. A suposição é um envolvimento ativo, organizado e criativo nos processos. Por isso, é estratégico. Externo faz alusão à sua natureza e ao papel que desempenha. Destaca que não é o essencial, mas que sua presença pode seguir adiante e que nunca deve substituir aquele, e que o mérito menos deve ser o que marca o ritmo do processo, mas sob nenhum ponto de vista é sinônimo de alheio ou passivo.

É fundamental o papel dos atores sociais com novas formas de participação no combate à exclusão. Quando existe o compromisso na ação como forma estratégica, esses atores dão noção de como podem, junto da comunidade, organizar-se, reunir-se e formar frentes de liderança local.

Outra característica para a implantação do empoderamento através dos atores sociais é a participação. À medida que há participação, a demanda e as oportunidades começam a surgir.

Para Vilacorta (2002), a estratégia dessa ação envolvendo empoderamento deve contemplar a construção de alianças dos sujeitos das mesmas, abrigando os pobres com a mais diversa gama de atores no campo do desenvolvimento, com o propósito de transformar o meio à sua volta e abrir caminho a tais processos. Aqui entra, portanto, que um componente fundamental das estratégias de empoderamento é a participação.

A participação ocorre quando essa gama de atores sociais consegue construir uma aliança no campo do desenvolvimento, fazendo a aplicação do empoderamento. Como elemento essencial é preciso atuação de todos, inclusive na estratégia, para que se obtenha êxito e relação constante entre mediadores e mediado.

Tal ligação pode ser feita através de uma reunião de pessoas que se comprometam a adotar medidas com um propósito de melhoria e benefício das zonas locais.

A falta de políticas públicas permite surgir na América Latina um novo cenário em que a organização dos que estão à margem pode ser uma grande oportunidade para a emancipação social.

Logicamente, no desenvolvimento, é possível um pensar para organização, mas uma organização dotada de elementos do empoderamento, para que as pessoas envolvidas, no caso os participantes inseridos na comunidade e os participantes das atividades em grupo, possam se autogerir. É na autogestão, na própria coordenação, que podem se relativizar os alcances necessários para um êxito dentro da comunidade. A autogestão é o mecanismo que a própria comunidade adota para se autorregular, por ações de menor impacto e na reorganização comunitária. Para Gadotti (2009), a autogestão significa as relações sociais democráticas coletivistas e igualitárias que fazem da produção associada mais do que uma organização econômica, na medida em que se configura em um espaço privilegiado para experiência social e a realizações de ações pedagógicas no âmbito político e cultural.

À medida que têm a experiência social, o grupo artístico cultural faz, através de ações pedagógicas, um modo de aproximação, proporcionando aos indivíduos participantes como eles podem se organizar. A partir disso, os participantes conseguem definir para eles o que é prioridade para uma reorganização social.

Viu-se que o empoderamento sempre esteve ligado a autonomia e poder, e acrescenta-se aqui a liberdade de poder repensar novos caminhos, traçar estratégias, enfrentar adversidades e outras possibilidades.

Não bastou somente a acepção teórica neste trabalho. Procurou-se dar elementos essenciais ao empoderamento, como atuação dos atores sociais, atuação de grupo, participação e, por conseguinte, autogestão.

3 O grupo cultural dentro da concepção de novos movimentos sociais: potencialidades e limitações

3.1 O CDT dentro da concepção de novos movimentos sociais: potencialidades e limitações

No segundo capítulo, falou-se do ator social como membro atuante e objeto de estudo de diversas disciplinas. No segundo ponto do segundo capítulo, tratou-se da ação coletiva social em seu termo e procurou colocar o ator atuante dessas ações como chave para uma mudança de um cenário social.

À medida que se foram identificando os elementos essenciais da ação coletiva, procurou-se entender qual era a vertente principal deste grupo e a maneira como atua, e foi observado o empoderamento como componente constitutivo essencial da ação social coletiva.

Para o entendimento do próximo componente, há a identificação dos principais dados estudados anteriormente. Inicialmente, o trabalho far-se-á por distinção dos movimentos sociais.

Os movimentos sociais são aspectos de ações coletivas realizadas em curso na sociedade, evidenciando a encarnação e a mobilização para um projeto de mudança social. Os novos movimentos sociais (NMSs) se

distinguem de movimentos sociais clássicos no que diz respeito à sua área de atuação. Os NMSs ocorrem no decorrer do século XX, enquanto os clássicos se referem à classe operária e à esfera de produção social.

Depois de um tempo, na Europa, na década de 1960, a abordagem clássica passou a ser criticada pelos teóricos acionistas, representado por Touraine, cuja aproximação a outros autores resultou na teoria dos NMSs.

Neste terceiro capítulo, abordar-se-á o CDT como um grupo atuante e com traços de NMSs.

A dissertação observará grupo cultural com suas particularidades, falando da atuação do grupo cultural em rede e, por fim, de uma observação dos intermediários culturais sob a ótica pós-moderna.

O grupo será analisado com traços de NMSs, sendo que ainda estão se aglutinando, são movimentos plurais e muitas vezes descentralizados.

O CDT possui alguns traços e potencialidades, ainda que com todas as limitações possíveis, para ser enquadrado dentro de um contexto de NMSs.

Embora de pequeno porte, tem ideias criativas universalizantes e consegue transmitir passagens, informações de circulação cultural e social.

Reservando a ideia de ação coletiva, neste estudo parte-se de um pressuposto da transformação social.

Correlacionando com Touraine (2006), um dos precursores do tema, já na teoria da ação preconizava a ideia de movimento social a uma ação coletiva que coloca em causa um modo de dominação social generalizada. Pela dominação, podem-se apontar diversos fatores, como um Estado opressor com falta de políticas públicas localizadas em territórios certos, Estado mediador de interesses econômicos financeiros e Estado menos participativo da esfera social.

Aliás, é mais aceitável que as ações coletivas consideradas possam ser analisadas mais em termos de busca de participação no sistema político, mas não há dificuldade de princípio em aplicar essa categoria a todos os tipos de ação coletiva. (TOURAINÉ,2006,p.6)

Retomando Touraine(2006), ao falar sobre movimento social, o autor coloca o indivíduo no ponto de vista dos atores, isto é, dos atores que são, ao mesmo tempo, conscientes do que têm em comum, ou seja, dos mecanismos

de conflitos e dos interesses particulares que os definem uns contra os outros. Por isso a necessidade de passar de um objetivismo científico e aliar a consideração de NMSs através da atuação de um grupo sociocultural.

Na atuação dos atores sociais através de ações é que pode ser refletido o papel deste, delimitando suas potencialidades por ele é que há uma definição de tópico para ir além de certo objetivismo e propor aqui uma reflexão em termos de pensamento sobre NMSs.

Touraine (2006) faz a observação de que o essencial é preservar a ideia de uma ação coletiva que coloque em causa um tipo de dominação cuja figura principal e agente de transformação é o sujeito. Já na esfera social, plural, há a participação com o protagonismo dos atores sociais.

No campo de participação, Habermas (1987) fala de um Estado contemporâneo que está cada vez mais submetido aos interesses de mercado e perdendo instituições como direito, política e economia. O próprio Estado se vê em uma crise, pois seus aparatos burocráticos são as ações voltadas para um fim. Esta burocratização é também um dos empecilhos dentro da eficácia da gestão de problemas sociais.

Procurando compensar as disfunções do sistema capitalista, as sociedades industriais desenvolvidas adotaram o estado de bem estar, que busca proporcionar à população condições de educação, saúde, habitação e trabalho. Promovendo à população segurança social e oportunidades de promoção social, esse programa estatal pretende garantir, ao mesmo tempo, a forma privada de revalorização do capital. (HABERMAS,p.70,1987)

O Estado não consegue ampliar seu campo de participação e, com isso, dá oportunidade para pessoas da sociedade civil optarem por sua reorganização da solução. É esse o papel dos atores que começam por uma ação pontual local cujos aspectos se revestem de cidadania.

Além da atuação dos atores há de ser visto o enfraquecimento das políticas públicas enquanto espaço de discussão da realização de fins socioculturais atendendo interesses coletivos.

Melucci (2001) coloca essa nova tendência como um sistema de ação que operam num campo sistêmico de possibilidades. A organização ou grupo

se torna ponto de observação. A maneira como os atores constituem a ação é a conexão concreta entre orientações e oportunidades.

NMSs são a ação coletiva, plural e organizada por um grupo, ou vários, com o intuito de promover alguma mudança, ou alteração do cenário social para efetiva melhora da sociedade civil.

Observou-se o início dos componentes dos movimentos sociais, a validade de estudo é compreender os mecanismos de atuação do grupo em fase embrionária o que reforça a ideia de conduta coletiva.

E a conduta coletiva em fase inicial pode ser determinada pela autonomia que o grupo cria se organizando, reunindo e propondo formas de atuação que antecede a qualquer iniciativa de políticas públicas.

Esses grupos compõem tanto uma crítica à regulação social capitalista como uma análise à emancipação social socialista, assim definida pelo marxismo. Através da identificação das novas formas de opressão que ultrapassam as relações de produção e sequer são específicas delas, como a guerra, a poluição, o machismo, o racismo e o produtivismo; e a defesa de um novo modelo social, mais baseado na cultura e na qualidade de vida do que na riqueza e no bem-estar material (Santos, 1995).

Sendo um grupo atuante na esfera sociocultural, cabe aqui ressaltar a importância de contextualizá-los dentro dessa nova dinâmica social.

Quando se percebe que, atualmente, os novos padrões estão atrelados na defesa de um paradigma social, as pessoas propõem atividades centrais valorizando atividade local, circulação periférica, autoestima coletiva, elementos essenciais nesse novo cenário social.

Estas orientações e oportunidades podem contextualizar como os atores têm sua orientação voltada mais para a qualidade de vida e na riqueza humana, do que necessariamente na questão material.

Os componentes do NMSs estão muito mais ligados ao surgimento de novos atores com novas propostas, se na falta de condições básicas que deveriam ser propostas pelo Estado como atuante da esfera social, estes atores mediam com base em novos apontamentos sociais através de iniciativas próprias a atuação em territórios localizados.

Os NMSs, enquanto estudo, possibilitam pensar as razões pelas quais estes se constituem na atualidade. Por exemplo, um assíduo movimento social

por vezes é reflexo de uma política inerente, e pode fazer parte de um contexto político, económico e cultural.

De acordo com Boaventura Sousa Santos (1995), a identificação de NMSs é uma tarefa árdua, porque são grandes as diferenças desses movimentos e porque há dúvidas de que essa diversidade possa ser conduzida a um conceito ou a uma teoria sociológica única.

Ao abordar apenas um grupo cultural que está situado na cidade de São Paulo, com atuações sociais pontuais, consegue-se colocar esses atores atuantes nessa conjectura, podendo, assim, considerá-los com traços de NMSs, pois suas características: descentralização, pluralidade e autonomia, são traços que o caracterizam como parte dos NMSs.

O que o autor enquadra é que, de acordo com os NMSs, há inúmeras formas de tratar grupos, Por exemplo, se for de menor contingente de pessoas, mas com causas socioculturais, pode-se estudá-lo dentro de um contexto de NMSs.

O ponto ao qual se atenta dentro da análise deste grupo cultural é a relação entre regulação e emancipação e a analogia entre subjetividade e cidadania. O que se deve olhar é para a questão da emancipação pelo qual estes dois elementos estão intimamente interligados.

A subjetividade deve ser considerada pelo cotidiano e pelos efeitos, a qual Sousa Santos chama de opressão gerada pelo Estado, aqui deve ser apontada a falta de políticas públicas, ou um estado ausente atuante em locais determinados.

A cidadania deve ser observada sob o ponto de vista da emancipação. Na falta de condições, grupos se organizam social e culturalmente, sem um objetivo ideológico, mas com trabalhos pontuais e com impactos universalizantes.

A lista dos diferentes movimentos citado mostra por si mesma que essa nova relação entre regulação e emancipação sob o impacto dos NMSs é simplesmente a manifestação de uma constelação político-cultural dominante, diversamente presente ou ausente nos diferentes movimentos concretos (Santos, 1995).

A luta pela emancipação dispõe de um carácter temporal e não se sabe ao certo o comprometimento de projeção e continuidade. Como os momentos

são “locais” de tempo e de espaço, a fixação momentânea da globalidade da luta é também uma fixação localizada, e é por isso que o cotidiano deixa de ser uma fase menor ou um hábito descartável para ser o campo privilegiado da luta por um mundo e uma vida melhores” (SANTOS, p.10,1995).

Saiu-se do objetivismo clássico e adentrou-se às particularidades e às singularidades de vivência dos atores. Por meio deles que a voz desta escrita é dada, nas atuações destes sujeitos sociais conscientes é que se defendem os traços característicos desse grupo atuante com alguns traços de NMSs.

Os NMSs podem ser encarados da ótica dos atores através de diversas iniciativas, promoções e diálogo efetivo dentro da comunidade. Dentre as características importantes, deve ser abordado que toda ação coletiva e a ideia de conceito de movimento coloca em causa um modo de dominação social generalizada.

Não deve aqui desvincular a ação coletiva e a atuação dos atores dentro do campo de participação. Ao falar do local e da ação comunicativa, pode-se compreender o campo de participação destes atores.

E não se fala de luta de classes, fala-se em grupos sociais que propõem alternativas através do interesse coletivo. Os protagonistas dessas lutas não são as classes sociais, mas sim grupos sociais, às vezes maiores, às vezes menores que as classes, com contornos mais ou menos definidos em função de interesses coletivos, ocasionalmente muito localizados, mas potencialmente universalizáveis (Santos,1995). Destaca-se, então, que o autor se refere à atuação desses grupos sociais é pela emancipação social cultural, e a sua relação com o Estado é mais aparente do que real, pois suas reivindicações locais, sempre terminam em exigência em termos de políticas públicas, e o Estado, mediante ao cenário, sente-se na obrigação de dar-lhes uma resposta.

Ponto interessante é que, muitas vezes, como o caso do grupo estudado, é que o ponto de partida para um diálogo com o Estado se dá somente num segundo momento, através de edital ou fundo de subsídios para manutenção do projeto.

Este Estado pelo qual se fala é o ente público de racionalidade instrumental e técnica que nestes casos se esquivava da participação no campo sociocultural, abrindo oportunidades para a atuação dos atores para a

interação comunicativa. Esta interação comunicativa próxima é onde se tem a noção da participação coletiva mediante participação, organização e diálogo.

Nas margens proporcionadas pelo Estado, há uma autorregulamentação dos grupos que proporciona uma efetiva atuação dentro de zonas locais.

É muito comum, na América Latina e em regiões de exclusão espalhadas pelo mundo, haver um tipo de dominação social. Essa dominação poder ser dimensionada de várias maneiras, e é oportuno criticar muitas vezes uma responsabilidade estatal por falta de implementação de projetos, iniciativas e fomento de novas ideias, o que caracteriza pontos que refletem uma manutenção de dominação social.

Quando o acesso é restrito, quando as possibilidades são escassas, quando em determinado lugar não são oferecidas condições, estes são fatores que geram descontentamento. No descontentamento há inúmeras possibilidades de solução, onde podem ser colocados os pequenos grupos com iniciativas, fomento e projetos, os quais conseguem redirecionar a questão do movimento social com ideais socioculturais para determinada região.

O CDT, enquanto parte de uma tendência, é observado sob diversos ângulos, verificando-se assim, a sua complexidade.

Acredita-se que os grupos atuantes como o observado têm características de NMSs.

Há uma revisão no conceito de movimento social que, pode ser defendida vendo a posição dos atores como legítimos defensores dos seus próprios direitos culturais, e fazendo parte do contexto dos NMSs. É na ação, tanto como realizadores ou articuladores, que estes proporcionam aos demais a informação para a defesa de seus próprios direitos.

Correlacionando os NMSs com Munck (1997), que diz que os movimentos somente nascem dentro de um campo de relações sociais que tenha uma dinâmica própria e seja autônoma em relação à esfera político-institucional. Os movimentos sociais, para o autor, constituem-se no interior da sociedade civil. De outro lado, como foi dito, os teóricos europeus sublinham, corretamente, a importância da identidade coletiva de um movimento e as implicações desta para uma análise da ação coletiva. Mas os teóricos têm se inclinado a enfatizar os objetivos sociais e culturais do movimento.

Os NMSs devem ser vistos no interior da sociedade civil, sendo compostos por relações e por uma dinâmica própria, com objetivos sociais e culturais amplamente definidas.

Os reflexos globais aos quais estão dispostos (os NMSs) não devem ser entendidos somente conforme as questões referentes ao sistema capitalista, mas também é útil pensar o papel responsável do Estado executor de tarefas e políticas públicas para a sociedade civil.

da noção de movimento social é enfatizar que os fenômenos de globalização ou de mundialização deslocaram consideravelmente os espaços e mecanismos de conflitos, de tal modo que os movimentos sociais merecedores de estudos são aqueles que colocam em questão os mecanismos de globalização. (TOURAINE,2006, p.24)

Parte-se da premissa de analisar um grupo em seu interior, por ele podem ser vistas as nuances necessárias que possibilitam entender melhor a dinâmica dos NMSs. E, nessa dinâmica, pode ser atrelada a ideia de um movimento que consegue propor, além de um avanço social, também componentes culturais.

Todo o trabalho de base deve ser incidido como um fator de política pública cultural. Quando o grupo consegue, através de uma intervenção, propor um contato com a arte ou outra disciplina, movimento que possa fazer o indivíduo refletir, repensar o seu caminho através de uma iniciativa ou projeto, fá-lo despertar para uma possível mudança em sua vida pessoal e, por conseguinte, social.

Essa transmissão cultural, num primeiro momento, pode ser o despertar da consciência para que o indivíduo tome noção de sua realidade e pense qual seria o melhor caminho para sua vida. Em breves palavras, o grupo cultural media as relações, dentro da comunidade, por meio de uma ação social coletiva, onde os participantes tomam contato com essa realidade que lhes é proposta.

O que diferencia de muitos projetos é o fato do CDT fazer com que os participantes sintam-se inseridos, o movimento pode ser direcionado para um contato de troca e aprendizado constante, em que tanto grupo quanto participantes conseguem pensar qual o melhor caminho. Neste quesito, a circulação de informação é fundamental para a formação do próprio indivíduo.

Pode-se, mesmo na hora de analisar um novo movimento social, repensar qual o embate da movimentação e como fazem essa articulação.

A preferência pela ação política não institucional é contextualizada fora do compromisso corporativista, dirigida à opinião pública, com enérgica utilização dos meios de comunicação social, envolvendo quase sempre atividades de protesto e confiando na mobilização dos recursos que elas proporcionam. Dialeticamente, essa novidade nas estruturas organizativas e no estilo de ação política é o elo que une os NMSs aos velhos movimentos sociais, que através dela continuam e aprofundam a luta pela cidadania. Nesse sentido, não se pode justificar um pretenso desinteresse dos NMSs pelas questões da cidadania com base nessa novidade, como fazem Melucci (1988) e outros (SANTOS, p.12, 1995).

Sendo o grupo com ações de traços e características pertinentes, faz com que os atores atuem fora da política não institucionalizada como também atuem em direção a cidadania. As ações são voltadas com enérgica utilização dos meios de comunicação sociais pontuais. Analisa-se que uma ação pontual dentro desse campo pode ter um grande impacto e uma forte abrangência universalizante.

Não é de se surpreender que, ao regressar politicamente, o princípio da comunidade se traduza através de estruturas organizacionais e estilos de ação política diferentes daqueles que foram responsáveis por seu desaparecimento. Daí a preferência por estruturas descentralizadas, não hierárquicas e fluidas, em violação da racionalidade burocrática de Max Weber ou da “lei de ferro da oligarquia” de Robert Michels (Santos, 1995).

É preciso acreditar na possibilidade de mudanças e, no âmbito das ações desses grupos, tentar abrir espaço para a emergência de uma nova forma de pensar, que favoreça sempre a reconstrução da sociedade e a reinvenção da cultura. Esse processo é viável no desenvolvimento de uma ética e de uma cidadania que visem ações ao bem coletivo, isso que criem mecanismos de possibilidade e acessos a quem tenha contato com um projeto sociocultural localizado.

Observa-se a atuação paralela ou em potencial como uma nova ressignificação no conceito de abordagem movimento social. Entende-se que uma ação com pontualidade e organização é fruto de esforços conjuntos

emancipatórios. É necessário um esforço para a tradução de diversas bibliografias e correntes de pensamentos.

Boaventura Sousa Santos⁸, em entrevista para o *Diário Liberdade*, posiciona-se da seguinte forma: diz que tudo mudou nos últimos trinta anos, sobretudo quando os novos movimentos sociais que defendem os direitos humanos e cidadãos, das mulheres, dos indígenas, dos camponeses, à moradia, etc., começaram a ter uma presença muito forte frente aos velhos, como o movimento trabalhista e os sindicatos. Além disso, os movimentos acabaram competindo com os partidos, e é esse o caminho percorrido até agora. O Fórum Social Mundial, de alguma maneira, é um sintoma de que os partidos já não tinham o monopólio da representação e, ao contrário disso, dava-se uma grande prioridade aos movimentos sociais, assim passamos a última década.

Há de ser construída, na esfera cotidiana, a possibilidade de uma nova conjuntura. Através de microarticulações, dá-se a possibilidade de compreender a novidade nesses tipos de movimentos. Nessas atuações constantes, é que vem a real noção da perplexidade em que está inserida a atuação de um grupo multicultural.

No campo de ação de política não institucionalizada é que ocorre noção da perda da eficácia da discussão e reflexão da esfera social por parte do Estado a que se refere Habermas, há uma atuação deste ente atrelada a mecanismos de interesses financeiros. O que tem de ser visto é que um grupo não surge aleatoriamente, mas ele nasce de acordo com diferentes aspectos aqui já mencionados.

Cabe, aqui, partir de um momento em que se vê uma crise programática e de valores do Estado, surgindo uma oportunidade para serem repensados os caminhos de políticas públicas. Depara-se com quais as razões que levam os atores sociais a se organizarem entre si e propor uma alternativa ao modelo proposto. Também dentro deste campo de possibilidades, há um vasto caminho de criação e possibilidades em que grupos, atores permeiam dentro de uma realidade local, conseguindo de fato uma transformação real na vida

⁸ Santos, Boaventura de Sousa. Entrevista <http://www.diarioliberalidade.org/mundo/batalha-de-ideias/24452-entrevista-com-boaventura-de-sousa-santos-sobre-neoliberalismo-e-o-sequestro-do-direito.html>. p.3. Acesso em 02/mai.2014.

das pessoas. Obstante estas ações coletivas pelas quais há algumas observações é que faz todo o sentido na mudança de ressignificação social, política e cultural.

Nessa nova configuração, é que os cidadãos conseguem a articulação, isto é, puro exercício de cidadania e efetividade dentro da sociedade. A mudança vem pela atuação do grupo, ela não é partidária, ela vem como um complemento para a democracia participativa, pois não exclui, mas inclui através da participação. A premissa é que, quando existe este tipo de autonomia, há articulação, eficácia e cidadania.

A própria participação ganha bojo e fomento com contornos de força sociocultural, numa atividade proposta pelo grupo, com a participação gradativa dos moradores, de mediados e outros participantes, dá força para uma nova articulação social.

O que há como ideal é um Estado de fato democrático, sobre qual Habermas (1989) faz um alento de que é a criação de livres cidadãos livres e iguais de forma que possam manifestar suas opiniões a partir da ação comunicativa. Os atores atuantes só poderão chegar a uma regulamentação capaz de gerar consenso se fizerem uso adequado de sua ação e de suas atuações políticas

Portanto a ação destes grupos, de pessoas que atuam dentro de um território localizado pode ser configurada como uma participação de cidadania e, dentro de sua possibilidade, uma atuação no seu campo político.

Importante frisar a atuação do grupo como formador de ideia, iniciador de novos projetos e mais importante com envolvimento e participação com impactos diretos e fundamentais dentro da sociedade.

Para pensar em NMSs, devem ser compreendidas as características e as novas formas de diálogos pelas quais os atores propõem nesse novo cenário social. A novidade é entender esses mecanismos possibilitando uma compreensão na sua atuação, articulação e, sobretudo, na ação coletiva em um campo de política não institucional.

A observação incide em que o grupo avaliado, ou os grupos similares, atuam como uma agilidade interessante em relação às políticas oferecidas; pelo contrário, a velocidade e o sucesso no êxito da atuação servem como

futuro modelo de gestão. E esse sucesso num segundo momento é premiado através de um edital, ou de alguma articulação futura com o poder público.

Por esse olhar, observa-se o grupo quando atua e o vê como um catalizador de novas ideias, novas perspectivas e novas teorias acerca dos movimentos sociais. A atuação pode ser constante ou permanente, ela pode ter um resultado imediato, como também pode ser baseada a médio e a longo prazo.

Acredita-se que o maior exercício de cidadania é justamente o envolvimento e a participação dos atores sociais propondo solução ao cenário social e, assim, aumentando o contingente participativo das pessoas dentro da comunidade.

O ganho social reside, pois, em envolvimento, participação, atuação, e essa é a configuração dos NMSs, que são descentralizados, atuantes e, geralmente, eficazes.

Ou seja, o estudo é sobre o surgimento do grupo com traços, limitações e possibilidades dentro dos novos movimentos sociais, mas também coloca-se a disfunção do Estado como um ente cuja administração esbarra na racionalidade instrumental, e não sendo eficiente na gestão de problemas sociais, proporcionando o cenário ideal para o surgimento destes atores.

3.2 Novos Movimentos Sociais: perspectiva , articulação e publicação feitas em rede

As articulações são as maneiras que o grupo tem de se pronunciar, é por elas que se traça como o grupo se reúne, divulgam-se seus projetos e retêm mais pessoas para uma possível participação.

Atualmente é nítida a importância da compreensão dos mecanismos que facilitam o acesso para outras pessoas, os aumentos da visibilidade e a possibilidade de aplicação do projeto.

O que nestes NMSs deve ser observado é, na passagem simbólica e no utilitarismo da rede, especificamente a internet, como um espaço de diálogo desses atores sociais.

O que caracteriza a legitimidade da articulação em rede é a velocidade da informação, a ausência da pessoa física, bem como a promoção através de redes sociais possibilitando uma dinâmica peculiar que pode ser vista atualmente numa sociedade informatizada.

O projeto é articulado e como forma de publicação, a apresentação é praticamente legitimada através da internet.

A articulação feita em rede é característica da sociedade de informação, as redes desempenham assim papel estratégico, conectando atividades locais, bem como globais.

A própria característica da velocidade é fundamental e benéfica à sociedade, quando se tem a informação.

Percebe-se que, à medida que outras pessoas tomam conhecimento, possam, mesmo que artificialmente, deparar-se com outra realidade, podendo assim intercambiar ideias, processos e projetos.

O ativismo pode ser considerado como um fator preponderante com conexões indenitárias com novas perspectivas, para os novos tipos de movimentos sociais.

O uso criativo da tecnologia é possível para gerar um alcance potencial global, a ação coletiva promovida através de redes sociais concentra suas ações em prol de uma causa. Esta pode ter um aspecto cultural, social ou político. O que deve ser compreendida é a verticalização que está atrelada ao grupo artístico cultural.

As redes sociais são um mecanismo de articulação extremamente poderoso, tanto com articuladores, quanto nas promoções de projetos e eventos.

A novidade está nas entranhas desse processo, se antigamente era difícil atentar para um tipo de projeto, ou movimento, ou até mesmo uma atuação isolada de um ator social, hoje já estamos predispostos a encarar o uso da tecnologia como essencial dentro de um contexto de movimento social.

A ideia é justamente ganhar visibilidade, à medida que percebem a necessidade de se articularem com outros grupos, ou atores, com as mesmas características, produzindo, assim, um impacto imediato na esfera pública, com o intuito de uma articulação para a cidadania.

No desempenho dos atores sociais em rede, podem ser vistos valores como: solidariedade, liberdade, cooperativismo e criação, que são prismas pelas quais a atuação em rede pode reforçar o ativismo dos atores sociais.

Não pode deixar de ser considerada a informatização da sociedade, a própria ação dos atores sociais que tende a ser complexa. A manifestação ou organização através de redes sociais é uma das inúmeras maneiras pelas quais se vale o ativismo social em rede.

Segundo Warren (2006), a ideia de rede de movimento social é, portanto, um conceito de referência que busca apreender o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas dos sujeitos/atores coletivos.

Na sociedade da informação, o que transcende são as novas formas de articulação, se antes, como nas décadas de 50 e 60 não tínhamos a possibilidade imediata de saber de novas ideias, hoje o que se percebe é o inverso. O rumo das ações já começa a ser discutido no momento de sua publicação ou exposição via rede social, e o que se conclui é que é uma nova maneira de mobilização que hoje está em evidência.

Como o grupo estudado utiliza destes parâmetros, é fundamental observar, na análise, as articulações feitas pelos NMSs em rede.

Os atores sociais que atuam numa rede social informatizada valem-se da internet para organizar suas ações. O suporte tecnológico agiliza os contatos e acelera a entrada de temas na agenda de discussão pública, e o processo de tomada de decisões em relação a eles, ainda que num nível simbólico discursivo (PRUDÊNCIO, p.44, 2006).

Deflagra-se que a internet dá o suporte necessário com a rapidez das informações, troca de contatos, acelera a agenda de discussões públicas, além de possíveis trocas, que podem ser vistas na tomada de decisões.

Dentro do próprio movimento, Castells (2013) fala da importância das articulações de grupo e, em alguns níveis, pode-se tomar como exemplo a feita através da articulação em redes. Analisar-se-á o discurso do autor.

Pode ser verificado, dentro do grupo, como decorrem a mediação, as formas de comunicação e a divulgação dos projetos. O autor fala que os movimentos são autônomos e constroem um espaço de autonomia plural.

É quanto atuam a cultura e a tecnologia em uma sociedade. O fenômeno mais importante na sociedade atual é a autonomia⁹.

Castells correlaciona movimentos sociais com a articulação em rede, existindo um elemento fundamental na fala do autor que é a autonomia. Se pensar-se que autonomia é importante, acredita-se que os novos movimentos se tornam mais autênticos à medida que se tornam públicos através de redes sociais.

Com a velocidade e o convite através de *e-mails*, *chats*, ou convites via redes sociais, é possível, num plano simbólico, legitimar o processo pelo qual uma ação social coletiva está disposta a se efetivar.

Com o movimento em rede, existe a propagação da informação, sendo esta uma iniciativa, um debate ou um projeto.

Se a intenção é a propagação, escapam ao controle as formas de divulgação. A velocidade é fundamental na observação da ação coletiva social e sua proliferação através da rede.

Nas sociedades de informação, haveria a capacidade de difusão das informações de forma ampla e rápida, conectando as iniciativas locais com as globais e vice-versa.

Sendo assim, as redes desempenhariam um papel estratégico enquanto elemento organizado articulador, de atribuição de poder de coletivos e na sua relação com outros poderes instituídos (Warren, 2006).

⁹ Entrevista (<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html>). Acesso em 20/mar.2014.

Se, na sociedade civil, se tem o campo da comunicação física entre as pessoas, na sociedade da informação há a difusão das informações de forma dinâmica, rápida e ampla.

A rede é colocada como não sendo a mais importante, mas como uma ferramenta essencial para desempenhar um papel estratégico, organizado e fundamental no poder que o coletivo alcança à medida que seus projetos ganham terreno no campo simbólico.

A transformação social se dá, sobretudo, na formação das pessoas: importante frisar que um movimento começa a ser legítimo quando começa por uma transformação individual e, por conseguinte, há uma mudança gradativa conforme os elementos culturais que um determinado grupo de mediados consegue absorver.

Entretanto, é preciso o mínimo de condições para que ocorra a articulação entre os mediadores e mediados depois de um projeto social e, sendo assim, os envolvidos se sentirem parte do todo.

Culturalmente, o autor classifica como transformação social a possibilidade das pessoas estarem informadas.

Por ora, uma informação propagada através da internet faz uma dissolução do poder, faz com que outras pessoas tenham acesso a outras fontes, além de estarem em contato com diversas realidades. Há uma possibilidade democrática no que se refere ao acesso.

Na rede, o fato de conseguirem ter acesso a outras realidades, faz com que, através de iniciativas pontuais, consigam uma verdadeira articulação social. O descuido e a falta de credibilidade transmitida pelos políticos são fundamentais para a atuação desses atores em rede.

Na falácia das instituições é que pode ser situada a posição dos novos movimentos sociais e a propagação em rede. A desconfiança nos políticos reforça essa movimentação, e a articulação dos novos movimentos sociais, sobretudo em um tema central: em todos os lugares do mundo, ninguém mais confia nos políticos. Há uma grande rejeição a classe política, aos partidos e aos governos. A percepção é que eles não respondem aos interesses dos cidadãos, mas sim aos próprios interesses financeiros. Os movimentos e o reflexo na tecnologia mostraram aos cidadãos que eles podem pensar em atuar

fora das instituições. O que acontece no mundo é o corte total entre os cidadãos e seus representantes.¹⁰

A falta de credibilidade em políticos, a não proposição de políticas públicas, a não resposta aos cidadãos, fazem parte de uma redefinição em termos de políticas. Essa margem faz parte do cenário dos novos movimentos sociais.

A atuação fora instituição é um avanço, ação em rede também é um progresso significativo para o próprio ativismo incluso nas redes de movimento.

Pode ser resumido que o associativismo localizado (ONGs comunitárias e associações locais) ou setorizado (ONGs feministas, ecologistas, étnicas, e outras) ou, ainda, os movimentos sociais de base locais (de moradores, sem teto, sem terra, etc.) percebem cada vez mais a necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania (Warren, 2006).

Nesse processo articulatório, atribuem, portanto, legitimidade às esferas de mediação (fóruns e redes) entre os movimentos localizados e o Estado, por um lado, e buscam construir redes de movimento com relativa autonomia, por outro.

Quando se fala na reinvenção da política, o foco é no dever cidadão que há entre o cidadão com informação reivindicando de alguma maneira uma melhora para aquilo que ele acha conveniente.

Também é fundamental avaliar duas pontas, a primeira pela falta de atuação de políticas públicas, a segunda porque este cenário é propício para a atuação e o surgimento desses atores sociais.

No Brasil, não se pode generalizar, por isso a escolha em avaliar um grupo com uma atuação na periferia da cidade de São Paulo, é por esse contexto e pela possibilidade de entendimento junto ao grupo que se observa como é o andamento dos atores sociais permeando esse tipo de contexto.

¹⁰ Entrevista (<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html>). Acesso em 20/mar.2014.

O que se reforça no estudo de caso é a atuação do grupo fora das instituições, como é o seu diálogo com os demais participantes e se isso é uma tendência para possibilidades futuras.

Pode ser dito que há possibilidade de pessoas informadas começarem a repensar o que está à sua volta e, na tomada de consciência, possibilitar uma melhora do que está ao seu redor.

Por outro instante, é necessário ver que essa diluição é uma atuação constante inclusive de grupos similares a este, que possuem características peculiares e que fazem com que as pessoas atuem de maneira enfática, possibilitando uma interação social e cultural.

Quando se correlaciona a atuação do grupo, com elementos clássicos, constitutivos em diversas ocasiões, o que se averigua é a atuação destes num contexto de rede. Atualmente, com a internet, as possibilidades se duplicaram, a velocidade das informações aumentaram a transmissão e a troca das mesmas. O interessante é que este tipo de gerenciamento pode ser facultativo e de interesse para uma articulação.

Tanto internet e *e-mails* são práticas cotidianas das redes do novo milênio. Os encontros presenciais podem ser mais circunstanciais e espaçados, quando a comunicação cotidiana está garantida pelos meios virtuais (Warren, 2006).

O *modus operandi*, além da presença física pode ser constituída através do *site*, operações em rede sociais como: *vimeo*, *facebook*, *youtube*, *twitter*, uma maneira eficaz e rápida para que o ponto de ações não fique isolado.

O grupo, quando consegue uma realização, automaticamente está propagando a informação para que outras pessoas, além do acesso, saibam de maneira pública o que está ocorrendo.

Essa rede é constituída como um fenômeno autônomo, obstante organizado, que visa pluralizar as iniciativas culturais, tornar pública e efêmera a atuação do grupo artístico cultural, além do mais importante: ela contém o elemento autonomia.

A autonomia é a ligação e a possibilidade de atuação com organização e funcionalidade própria, é a liberdade de ação visando à consciência de um grupo, aqui acredita ser a forma justa para uma rearticulação social.

Santos (1995) e Machado (2007) defendem que as tecnologias não apenas tornaram instrumentos de fundamental importância para a organização e articulação de coletivos, como também proporcionam a formação de novos movimentos sociais e novas formas de ativismo.

Estas ocorrem e se diferenciam com base em uma atuação cada vez mais em forma de rede, pela formação de amplas junções e pelo enlaçamento ou agregação de grupos identitários, frequentemente segundo a geografia das comunidades culturais, linguísticas, ou a identificação e o compartilhamento de certos valores.

A sociedade de informação através da rede é uma realidade de fundamental importância para organização e articulação nas novas formas de ativismo. Existe um movimento operante em pró-organização estratégica de determinados grupos, o que aponta para novas tendências, assim, no agir da ação coletiva.

De acordo com Castells (2013), as mudanças são constante em direção à sociedade da informação, há uma tendência tecnológica que expressa constantemente a transformação entre economia e sociedade.

Denomina algumas características fundamentais: que a tecnologia serve de suporte para o homem criando implementações novas ou adaptando para novos usos.

A segunda característica é que, a informação é parte integrante da atividade humana e possui um alto grau de penetrabilidade.

Outro elemento é que há um predomínio da lógica de rede, o que facilita o acesso. Esse fator permite que as relações e as trocas de informação se fundamentem através da tecnologia.

Os NMSs, através da rede, permitem também uma flexibilidade, possibilitando uma reorganização constante dos componentes informativos aliados aos preceitos tecnológicos.

De acordo com o autor, processos sociais e transformações relacionadas com a tecnologia, resultam sempre de uma complexa interação de elementos sociais pré-existent.

Avalia-se que, nesse mundo contemporâneo informatizado, há integração através de componentes tecnológicos: através deles, implica-se uma força para as transformações socioculturais.

O esforço de um grupo coletivo, neste contexto, é para uma construção, mesmo num plano simbólico, sendo a premissa o oferecimento de estímulos para que outras pessoas tenham acesso, que compartilhem conhecimentos, propiciando um dinamismo condizente com a vida social e coletiva. Esta seria a função utilitarista da rede.

Deve ser interpretado esse fenômeno como uma ação coletiva, pois se está na presença de um grupo de indivíduos que divide um determinado desígnio, possui uma série de rumos parecidos e se organiza para o prosseguimento de seus fins.

A sociedade mundial passa por uma fase nova, uma fase em que as pessoas se veem cada dia mais submergidas com a tecnologia. Mas o que há de fato nessa relação é o conhecimento partilhado para que os recursos tecnológicos sejam cada vez mais acessíveis.

Ao passo que as pessoas se veem cada vez mais envolvidas com tecnologia, é importante o compartilhamento de ideias, de iniciativas, de conteúdos inovadores, o que gera uma sociedade civil que não visa reter o saber, mas ampliar o conhecimento, com o intuito de trazer benefícios a todos.

A internet é uma grande arma em potencial para projetos sociais concretos, abrindo inúmeras possibilidades.

Tornar democrático o acesso, justifica o esforço do grupo cultural em contexto de movimento social querer ampliar seu espaço, estimular novos desafios e trocar novas experiências.

Aqui se cria uma possibilidade de acesso às pessoas de outros locais, o desafio implica na rede em manter o patamar dos conhecimentos gerados, fornecendo um maior campo de participação.

Castells (2005) diz que o movimento gerado dentro da sociedade da informação é mais amplo do que o movimento anticapital, pois na sociedade em rede há liberdade de uso, cópia, modificação, redistribuição, compartilhamento tecnológico e troca entre a comunidade técnica e demais interessados no tema da livre escolha, uso e adaptação.

Observa-se aqui a rapidez que há quando outros interessados têm acesso a projetos através das redes. Em outros locais, pode se aplicar a iniciativa de outra maneira, o que é saudável, pois na rede há liberdade de

recriar, de distribuir, além de partilhar, o que possibilita a troca entre os interessados.

Através da revolução nas tecnologias da informação e comunicação é possível ver grupos locais usando em benefício as possibilidades de interação tecnológica em época de globalização (SANTOS, p.97,2002).

Observa-se que benefício a tecnologia tem em ampliar as possibilidades de interação criadas pelo que ocorre de transformação no mundo.

A revolução da tecnologia da informação e da comunicação pode ser o primeiro passo para uma melhora gradativa, inclusive reforça a atuação de ações de grupos coletivos. A tecnologia é uma arma poderosa nesse sentido, acaba por se tornar um desafio e a melhor maneira de utilizá-la em favor de um benefício social é se apropriando dela.

Segundo Castells, este cita que a própria dinâmica se dá quando se consegue facilitar o acesso permitindo a mudança intelectual e cultural, traçando novas possibilidades para que esta mudança ocorra no campo da informação. Se um grupo faz a tentativa da mudança de paradigma, deve-se valorizar este tipo de iniciativa, e frisar que, num plano simbólico, a política está sendo reinventada.

Por isso a ação social consciente é que poderá transpor todos os limites vistos como barreiras apresentadas por políticas públicas, na figura do Estado.

Esse é o grande desafio que ocorrerá nos anos seguintes, a solução imbuída de ações pontuais locais com uma dinâmica de troca para intercâmbio de experiências.

Portanto, as articulações são os mecanismos que o grupo tem para falar por si, é por elas que se esquematiza como o grupo e se reúne, divulga seus projetos e retém mais pessoas para uma possível participação, por conseguinte, consegue, através da rede, a chamada potencialização de ideias.

3.3 Os novos intermediários culturais: uma reflexão face ao contexto moderno e pós-moderno. Sua posição com os novos movimentos sociais

Neste capítulo aborda-se a atuação do grupo em face dos novos movimentos sociais, coloca-se como item importante a articulação destes movimentos em rede, referindo-se à relevância dos mecanismos de atuação destes.

Neste ponto, a reflexão incidir-se-á sobre esses novos mediadores culturais e sua posição com os novos movimentos sociais.

A expressão “novos intermediários culturais” é designada para os atores sociais que atuam em face de mediação. Estes têm o papel de comunicadores e produtores culturais.

Esses protagonistas escolhem um caminho alternativo de acordo com sua formação. Tal camada intelectual emergente com seus valores, suas peculiaridades são revestidas com um estilo de vida propenso para ação cultural, podem ser enquadrados como agentes da mudança cultural.

Também considerados como facilitadores, mediadores, esses atores são responsáveis pela passagem simbólica da ação cultural e são os agentes que conseguem a proposição de mudanças socioculturais.

Os novos intermediários culturais, por sua vez, podem ser considerados uma categoria particular de intelectuais, uma expressão típica da cultura pós-moderna e dos seus operadores privilegiados (Featherstone, 1991; Bovone, 1993).

Na análise e no enquadramento sociológico, a compreensão deve ser vista em avaliar os facilitadores dentro do aspecto pós-moderno e diretamente correlacionado com traços dos novos movimentos sociais.

Aqui, quando enquadrados os intermediadores culturais como uma categoria particular de intelectuais, tem de ser levado em consideração que o termo é utilizado numa cultura acêntrica, como a da era pós-moderna.

De fato, esses sujeitos são os pensadores das transformações sociais, é sob a ótica deles que eles conseguem avaliar e refletir sobre uma realidade, para assim traçar novos caminhos e novas diretrizes. Quando se fala em intelectuais, não se separam esses atores numa divisão de classes, mas

reafirma-se a posição de pensadores. Entretanto, dentro de um grupo, podem ser vistos diversos tipos pensadores, desde aquele que tem uma relação direta com o local, por exemplo, um morador, como aquele que detém graduação ou qualquer tipo de ensino superior.

Ao se deparar com a atualidade, os atores constroem a sua ação conforme sua condição, seja de artista, intelectual ou produtor cultural, se submetendo à criação, à inovação ou à lógica do mercado.

O fato é que a forma de se colocarem dentro de um determinado local, respeitando as condições, observando através de um estudo de caso, já os coloca na condição de pensarem o que pode e deve ser transformado na realidade local.

A participação, a vivência e o próprio empoderamento são as articulações realizadas conforme a situação local. O fato é que consideram também a perspectiva individual, e, à medida que há mudanças internas individuais, há uma mudança na variável da sociedade.

Na verdade, quando se depara, com uma problemática, os agentes se portam como agentes comunicativos: além de orientar diretrizes e possibilidades, muitas vezes absorvem grupos periféricos, no qual pautam suas ações.

A absorção dos grupos periféricos e o diálogo que realizam como resultados podem ser vistos na criação de Associação, Organização sem fins lucrativos e em outras maneiras de organização social. O que fazem esses protagonistas é conseguir multiplicar as possibilidades de transformação dos envolvidos, proporcionando maneiras e novas formas de pensar.

Na modernidade, esses agentes são vistos dentro de um contexto estrutural e cultural de mudança da sociedade, sobretudo são observados sob uma ótica subjetiva dos próprios intermediadores.

Esta ótica subjetiva deve ser considerada, pois as mudanças sob a perspectiva individual refletem diretamente na forma de atuação dos novos facilitadores.

Há a dimensão cultural da modernidade. Sob certos aspectos, há muito a sociologia se preocupa com a análise dessa dimensão.

A observação é calcada em aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais.

Os sociólogos atuantes colocam e dão destaque à racionalização e ao desencantamento do mundo, duas premissas fundamentais para observar a atuação dos novos sujeitos culturais, nas quais são atuantes e em busca de identidade própria.

Esta busca da identidade é apresentada como um posicionamento destes sujeitos frente às demandas sociais que atuam conforme a inquietação e a perspectiva de um mundo mais justo, harmônico e equilibrado.

A racionalização é um aspecto da cultura moderna e deve ser levada em consideração, pois aqui a racionalização pode ser considerada intimamente ligada ao sistema capitalista. Apresentando características como: comportamento no mercado, a administração racional do Estado e a expansão da ciência e da tecnologia modernas.

A própria formação destas pessoas reside de forma desenraizada com uma busca permanente por uma identidade.

Nas décadas de setenta e oitenta, o que deve ser levado em questão é a descrença do sistema capitalista, que faz as pessoas surgirem com o intuito de reprogramarem das ações em curso dentro da sociedade.

Os inquietos e os insatisfeitos são fundamentais para a modificação social em curso dentro da sociedade. Ao não se identificarem com o mito de progresso tecnológico, para além de capacidade de planejamento, com uma fé intensa na racionalidade, são fatores essenciais para a construção de outra metanarrativa. Estes atores não veem a possibilidade de emancipação com base em elementos como: fé intensa, racionalidade nos aspectos econômicos e na lógica de mercado.

Os intermediários conseguem, de alguma maneira, enxergar todas as diferenças e aspectos negativos resultados de uma construção histórica. Ao reconhecerem essas diferenças, estabelecem pactos sociais através de ações coletivas para uma alteração de mudança social.

A construção de novas possibilidades surge pela inquietação, pelo inconformismo, levando em consideração o saber sensível, elementos essenciais no curso de mudanças.

E esses novos sujeitos são colocados frequentemente na discussão entre o moderno e o pós-moderno.

Entre o moderno e pós-moderno, processa-se uma passagem da procura da ordem, e o modo de superar as ambivalências da modernidade para a pacífica convivência entre elas (Bauman, 1991).

Habermas não credita o termo à pós-modernidade, chamando-a de modernidade radical.

A própria centralidade do trabalho na vida individual, com as peculiaridades da vida moderna, pode ser traduzida como elemento essencial da transformação de um cenário social. A emancipação perante os elementos faz parte de uma nova forma de ver o mundo na sua busca pela transformação.

Ao reconhecer o debate entre um lugar e outro, consegue-se atentamente perceber a situação desses novos mediadores, que tanto de uma ótica quanto da outra merecem devido reconhecimento.

O projeto da modernidade, segundo Habermas, era a promoção do progresso mediante a incorporação de princípios de racionalidade e da hierarquia na vida pública e artística.

As controvérsias atuais sobre o que muitos rotularam de "pós-modernidade" devem ser vistas antes como as primeiras iniciativas reais da ambiciosa tarefa de mapear o universo cultural decorrente da desintegração completa do mundo tradicional. Certamente exprimem o forte sentimento de que os modelos preestabelecidos de análise cultural deixavam radicalmente a desejar (GIDDENS, 1987a: 28-9).

Percebendo que na própria modernidade não houve um aprofundamento para possibilitar um entendimento para esses novos sujeitos, há inúmeros autores e correntes que não somente reconhecem os intermediários como também fazem um panorama do cenário onde atuam.

A arte de *nomear-se* é uma tática respeitável de parte de grupos envolvidos em pendências com outros grupos. O uso de um novo termo como *pós-modernismo*, por pessoas de fora ou pessoas novas no campo, pode ocorrer quando as possibilidades dessas pessoas de subir até mais acima nas estruturas hierárquicas legítimas existentes são restritas. Essas táticas de vanguarda têm o escopo de criar um sítio adiante do estabelecido, um espaço que finalmente ocasione uma reclassificação do campo que redirecione o estabelecido como aquilo que ficou fora de moda (Featherstone, 1996).

Para definir a pós-modernidade e a atuação destes sujeitos, preciso reconhecer a complexidade e colocar o termo como um paradigma.

Pode-se argumentar que o pós-modernismo não representa em si uma ruptura no sistema social, mas um sintoma dentro do campo cultural.

Neste campo sintomático, pode ser percebido o papel dos facilitadores, quando se olha holisticamente para todo o cenário, é possível ver todas as características inerentes para uma análise completa.

Há o reconhecimento de abertura, do pluralismo, da descentralização, da causalidade e da intertextualidade.

Daí a ênfase em teoria pós-moderna que Hassan (1985) detecta e categoriza com tendências para *indetermanências*, o reconhecimento de abertura, pluralismo, casualidade, ecletismo, incoerência, paralogismo, intertextualidade, primado do múltiplo sobre o uno (FEATHERSTONE, 1991, p.54).

Perfilhar toda a realidade significa o reconhecimento do pluralismo, da casualidade, do meio-termo, do inconformismo e da inquietação.

O que se faz é reconhecer esses atores e enquadrá-los teoricamente como fundamental dentro de uma mudança no cenário pós- moderno.

Dentro de algumas características desses novos mediadores, duas são fundamentais, como: a ambivalência e a reflexão (Bauman, 1991). Consideradas elementos de identidades da face pós-moderna. Se antigamente a nossa razão era baseada e ligada diretamente com a questão divina, no decorrer do percurso histórico, a questão se voltou diretamente para o homem, sustentando todos os seus anseios e as suas necessidades.

Quando se volta para a questão das necessidades do homem, é preciso ter o entendimento de que muita das tensões criadas pelo homem moderno surgem à medida que vê seus problemas, já articulando uma busca por suas necessidades e soluções. O objeto de estudo trata os articuladores culturais como agentes provocados a realizar ações socioculturais, conforme os problemas sociais que lhes aparecem.

A própria modernidade vem como apaziguadora a fim de colocar em linhas equilibradas tudo o que foi construído na questão do saber e do conhecimento. A pós-modernidade coloca em xeque a verdade única, esse

termo é multifuncional e nele podemos encontrar inúmeras maneiras de articulações de conhecimento destinadas à sociedade.

Na modernidade, devemos reconhecer avanços e, na pós-modernidade conseguimos reafirmar a posição desses novos mediadores culturais.

Bauman fala da “Modernidade Líquida”, mas que também é uma faceta pós-moderna, pois reconhece a diferença, a pluralidade e a multifuncionalidade das ações.

Não há uma característica pré-definida desses sujeitos nas suas ações, elas variam de acordo com a territorialidade e a situação.

A racionalidade moderna, na busca pelo “único”, deparou-se com o “múltiplo”, com o diverso, com a ambivalência. Ambivalência que seria a constatação de que a sociedade moderna é uma “sociedade contingente, de uma sociedade entre muitas, a nossa sociedade.” (BAUMAN, 1991).

O autor se refere à multiplicidade e à diferença como fundamentais dentro da pós-modernidade: “A solidariedade, ao contrário da tolerância, que é sua versão mais fraca, significa disposição para lutar; e entrar na luta em prol da diferença alheia, não da própria” (BAUMAN, 1991).

Os novos facilitadores culturais podem ser enquadrados, pois são oriundos de ramos ou profissões variadas, com abertura para um diálogo com a localidade, onde também aplicam seus projetos de acordo com as variadas aptidões dentro de um grupo.

A multiplicidade, a aceitação da diferença e a pluralidade são vistas dentro do cenário pós-moderno.

A aceitação dos problemas encontrados por esses mediadores faz com que, automaticamente, compartilhem primeiramente em grupo para depois traçar estratégias junto à comunidade. A própria condição de mediador coloca os intermediários culturais como fundamentais dentro da própria perspectiva individual. Ao estarem em contato com outros tipos de realidade, genericamente pensam na autotransformação e, por conseguinte, naquela em curso dentro da comunidade. A ambivalência é constante.

Se aceita a ambivalência, esses novos intermediadores culturais adaptam parte de sua vida, ou traçam perspectivas com o intuito de um trabalho de afeto e em comunidade. Quando são protagonistas dentro deste cenário fazem da sua própria vida um narrativo extremamente atraente.

Outro ponto fundamental é que, dentro da ambivalência, com ações pontuais locais, é a reflexividade no curso do processo de mediação.

A reflexividade é quando há a direção na produção, num projeto em que os envolvidos levam a sério aquilo cuja interação dá sentido para o que fazem. Enquanto indivíduo que propõe mudanças, e a todo instante se autorrecicla.

Conforme Prandstraller (1990), “a reflexividade é, portanto, própria a todas as ciências, e constitui um modo de estar do intelectual moderno, mas a reflexividade e sua fonte de alimentação a informação - contribuem por si para a própria instabilidade do conhecimento e da consciência”(PRANDSTRALLER, 1990 in BOVONE p.118).

Se consideradas toda essa atuação, também pode ser pensada no sentimento de crise que assola o mundo moderno, podendo situar os intermediários dentro desse cenário.

Ocorre uma crise de identidade em que há uma série de elementos que podem ser abordados, como: uma fé extrema na racionalidade, um mercado regulador e um Estado ligado às políticas de mercado, fazendo com que haja a crise.

Nesse ponto, dentro da própria crise, podem ser traçados inúmeros caminhos, inúmeras propostas, entre elas àquelas que sobrepõem as características individuais, sendo de aplicação em grupo. Tão importante quanto à reflexividade são as características de abertura pelo qual se dá dentro do conceito pós-modernista.

O horizonte se amplia à medida que existe a própria crise, seja pelo sistema, pela tecnologia ou através de sistemas simbólicos. Nesse campo, os sujeitos se definem e realinham ou traçam seus projetos individuais. Quando se fala numa época global, é preciso reverenciar as escolhas, pois há uma interdependência cultural, econômica, social e comunicativa.

Se, há crise, consegue-se fazer um balanço do caminho a ser seguido.

A reflexividade na atuação dos sujeitos pode ser elencada como uma análise importante, pois também através dela se vê uma busca constante para autorrealização. Os indivíduos inseridos dentro desse contexto podem ser interlocutores de inúmeras formas de identidade. Dentro da reflexividade, a decisão é necessária para um alinhamento em um cenário social.

Essa perspectiva individual é transformada em grupo onde, frequentemente, elaboram encontros periódicos para a direção que acham conveniente tomar para aplicação de projetos.

Estes atores sociais estão a um tempo refletindo sobre si mesmo e, sobretudo, sobre seu conteúdo, que podem levar a inúmeros apontamentos.

Bourdieu cita esses novos intermediadores culturais como essencialmente porta-vozes de sutis atividades de manipulação, como rádio, tv, revistas, empresas de sondagem e produção cultural em geral. Distinguem esses novos atores sociais com capital simbólico incorporado como bons hábitos e boas maneiras, além do mérito e dos aspectos subjetivos.

Pode-se perceber que se situam no meio, mas já se pode ver pessoas que não detêm um elevado capital social, começando a participação dentro deste grupo. Como o projeto é embrionário, as entradas e as saídas de membros são constantes, o que é essencial frisar é que são porta vozes nas novas formas de pensar.

Entende-se que a concepção do projeto, e o início são fundamentais, pois, através do comprometimento, da vontade e da disposição, a atuação é eficaz e muito rápida frente ao quadro comparativo traçados com políticas públicas.

Há uma organização que cria maneiras de dialogar com a sociedade civil para, no último estágio, estabelecer uma conversa com o Estado através de Edital.

No contexto pós-moderno, poder-se-ia colocar esses novos protagonistas como interlocutores; entretanto, não se deve descaracterizar de um contexto de interpretação dos novos movimentos sociais, conforme afirma Boaventura.

Já de acordo com Bovone: “ Bourdieu reconhece abertamente a “ambiguidade essencial e a dupla lealdade que caracterizam o papel dos intermediários” (BOVONE,1997,p.112). Seria uma grande oportunidade ou um diálogo em tempos globais?

Acredita-se em ambos, tanto como diálogo, como uma oportunidade de repensar caminhos, sem uma mudança ou ruptura, mas dentro da própria condição de mediador apresentando alternativas e soluções ao sistema vigente.

O que ocorre é que o capital em si determina novas formas de interação e novas dinâmicas, ele inventa novas condições de trabalho, não há uma ruptura possibilitando uma inclusão nessa lógica de domínio permanente.

Se a lógica de domínio é permanente, vale ressaltar que, dentro dessas condições é que serão apresentadas novas formas de qualidade, possibilidade e melhoria de vida.

Já falado anteriormente, é discutida a questão de domínio, o próprio Estado quando não atende a demanda pedida, como está atrelado a um todo (sistema capitalista), enfraquece sua linha política, dando oportunidade para uma recriação de cenários, onde existe uma possibilidade real de oportunidade, onde se inserem estes novos intermediadores culturais.

E, por parte dos facilitadores, a disposição e a vontade de mudanças se enquadram como perfil intrínseco do grupo, é lícito dizer que se organizam, fomentam, criam possibilidades para depois, num segundo momento, fazer um diálogo com Estado. De uma maneira ou de outra, cai-se no campo de política pública.

A posição de Bourdieu é reconhecer estes artistas, produtores, dentro de uma ambiguidade tanto da ótica marxista quanto da observação individual de cada inserido. Detentores do sistema de informação possuem condições de fazer uma mediação. Na nossa crítica, esta mediação é feita para equilibrar as tensões geradas entre Estado e capital.

O reflexo da tensão é mostrado pelos resquícios sociais e pela falta de ampliação de políticas públicas. Esses novos facilitadores percebem e fazem o caminho inverso, possibilitando, organizando-se para depois travarem um diálogo com o Estado.

É importante ressaltar que o desequilíbrio vigente do sistema, as faltas de políticas públicas e um Estado regulador e atendente dos interesses econômicos são fatores essenciais para compreender os novos facilitadores sociais.

O elemento fundamental para entender os mecanismos de atuação destes atores é a criatividade.

A criatividade é permeada, e por ela entendemos que pode ser uma maneira de recriar cenários devido aos desequilíbrios gerados. Como também,

analiticamente, estar atento para uma sociedade que caminha cada vez mais pluralista.

Aqui os intermediadores culturais são figuras interessantíssimas do cenário político social, pois, além de se articularem devido a uma falta de oportunidade gerada pelo Estado, também estão dentro de um campo vasto que proporciona ganho de identidade para sua própria atuação.

Esses homens são protagonistas de alianças inovadoras passíveis de estabelecerem alianças entre classes, além promover informação como forma de aproximação. Nas palavras de Bovone: “Os novos mediadores são capazes de atender diversas lógicas, são expoentes híbridos que tem a capacidade de recriação de cenários sociais”. (BOVONE, 1997,p.113).

Pode-se traçar que é comumente normal a atuação desses atores, pois a mesma atuação é híbrida e é típica do momento pós-moderno. Ao reconhecer o momento de contextualização destes sujeitos, colocam-se os novos intermediários culturais como expoentes na compreensão e na análise.

Por isso a importância da relevância de contextualização desses mediadores, reconhecendo-os em todo o seu contexto, tornando-os passíveis de uma análise mais completa dentro do campo científico.

São essas as razões de importância de se verificar, dentro desses grupos, também os aspectos subjetivos que dizem respeito à história de vida de cada um, os percursos educacionais, observando o posicionamento individual.

Na pós-modernidade, há inúmeras variáveis. Numa época global, esses elementos devem ser devidamente observados para que se possa corretamente correlacionar como atuam os novos intermediários culturais dentro de um contexto de novos movimentos sociais.

Até mesmo a própria relação desses sujeitos em relação à época devem ser observadas, pois se relacionam de diferentes maneiras e sob diferentes aspectos. A relação destes novos atores sociais com o mundo se dá de inúmeras maneiras.

A maneira de se posicionar, na própria forma de enxergar o próximo, são características fundamentais desses novos atores. Estes conseguem de alguma maneira transitar entre as reais possibilidades de emancipação.

Os novos intermediadores culturais possuem como característica essencial um elevado grau de informação, com uma capacidade incrível em se comunicar. Esta comunicação pode ser estendida a diferentes maneiras de interação, como a pluralidade do campo social, na mediação e na forma de fazer política.

No campo pós-moderno, a lógica é que essas pessoas surjam como camadas sociais emergentes. E são considerados emergentes por visualizarem uma problemática, ao reconhecerem-na e, muitas vezes, se inserirem-se no contexto, para depois pensarem em uma solução local.

Os projetos intermediados por esses atores geralmente tem cunho local e conseguem adentrar no campo de políticas públicas, possibilitando um diálogo e uma aplicação de propostas que visem à emancipação social.

Alguns possuem uma formação de ensino pela qual se facilita a aproximação com diversas categorias. Neste objeto de estudo, há de ser feita uma observação quanto à organização destes e como interagem entre si. Na falta de políticas públicas, a necessidade de articulação e da propulsão de oportunidades faz desses sujeitos protagonistas das reais mudanças sociais.

Na verdade é grande a possibilidade de transformação social e política feita por esses atores.

Devido à abertura de trabalho para esses profissionais e às oportunidade, há a tendência de aumento nesse setor, tendo em vista as chances que estes têm em realizar alguma mudança pessoal e, por conseguinte social. Segundo Bovone: Diz que o aumento do número daqueles que perseguem um currículo educacional envolvendo artista ou intelectual na sociedade pós-industrial faz deles, empregados ou profissionais liberais, que resulta que estes projetos possam virar atividade principal de subsistência (BOVONE in FORTUNA, 1997, p.115).

A perspectiva de observação dessa condição pode ser estendida a pessoas que trabalham com arte e cultura, ou produção cultural como novos intermediários culturais. Fazem parte de um grupo que vem emergindo de acordo com as condições suscitadas, e constituem atividades inovadoras.

Estes já fazem parte de um presente recente, em suas atividades aspiram a se tornarem reconhecidos, seja por meio de um projeto, ou até mesmo de uma ação pontual. Estes pensadores conseguem sair do campo

acadêmico para objetivarem seus anseios no campo real, de maneira que possam ser apreciados por um grande público. Para este grupo só faz sentido a afirmação da emancipação social quando há a aplicação do projeto e nele determinam diversos caminhos.

A conversa é proporcionada pelos intermediários que buscam, através de alternativas, convergir para uma comunicação propondo novas ideias, formas alternativas de construção, além de abrir uma possibilidade de diálogo.

Dentro da esfera artística, há a inversão de estilos, descobertas imprevisíveis, nas quais o próprio modelo cultural está atrelado à vida cotidiana dos intermediários, e também dos participantes. Eles vivem em constantes mudanças a todo instante.

As transformações que ocorrem na divisão de trabalho tanto cultural e artística e uma mudança na avaliação política social das profissões, e têm como consequência uma desestabilização das hierarquias tradicionais de campo que valoriza o papel do coletivo e dos mediadores.

Para Becker (1986), um *art world* reúne os indivíduos e as organizações cujas atividades conduzem à produção de acontecimentos e de objetivos em que o mesmo mundo considera culturais artísticos.

Nessas atividades, eles incluem os que concebem a ideia de obra, os que executam, os que fornecem os materiais, colocando à disposição do público, sob a ótica de mercado e na formação dos mesmos.

Para Becker, esse facilitador regressa ao profissionalismo, exerce sua profissão onde quer que haja espaço para ela, troca o individualismo pelo trabalho em equipe e pelo emprego em macroestrutura, na mira de segurança e subsídio estatais (IDEM, 1997,p.15).

Importante ressaltar que os intermediários convergem de lógicas diferentes, por isso sua atuação é extremamente fortificada, e, tanto no aspecto de informação como no mercado, o mais independente possível da figura política do Estado.

Os atores têm um conhecimento sobre a sociedade que permite de fato uma interlocução com diversos setores desta.

Por sua vez, o poder destes é tão grande que são os novos encarregados de transmitir a cultura, sendo esta entendida como uma nova forma de articulação que permite uma criação de identidade própria. Há dois

caminhos: o contato com o grande público e a utilização da comunicação como fatores preponderantes para estas microações de intermediários.

No campo pós-moderno, a junção de inúmeros fatores é que possibilita a mediação simbólica. Berger e Luckmann (1967) dizem que a linguagem constrói inúmeras representações simbólicas que parecem dominar a realidade cotidiana como presenças gigantescas de outro mundo.

Se colocar que a realidade cotidiana é um argumento de representação no campo simbólico, a produção cultural pode ser constituída como uma forma de linguagem e comunicação.

Interesses materiais e individuais tomam determinada configuração, os intermediários culturais assumem formas, mesmo com as ambivalências e contradições, possibilitando, assim, uma autonomia no jogo da sociabilidade.

Featherstone (1995) reitera, na mediação simbólica, que, além de querer atingir objetivos maiores, eles (facilitadores) têm interesses aparentemente contraditórios de sustentar o prestígio e o capital cultural desses redutos e, ao mesmo tempo, popularizá-los e torná-los acessíveis a públicos maiores.

Quando se trata da mediação simbólica, podem ser notadas diversas maneiras de dialogarem com a sociedade produzindo novos bens simbólicos. Na própria produção, seja ela feita de inúmeras maneiras, como projetos, iniciativas, ações sócias, eles têm interesses aparentemente contraditórios de sustentar o prestígio e o capital cultural. Entretanto, assim existe um foco para o acesso e uma maior comunicação com públicos variados.

Habermas (1981) defende a potencialidade dos intermediários, mesmo com a ambivalência e a contradição inseridas do contexto de mediação, pois abrem grandes horizontes que são passíveis de comunicação.

Há, na mediação que neste cenário, uma grande possibilidade de integração social, tendo em vista que os atores em questão são os protagonistas de conhecimento, de técnicas e que possuem meios de articulação que possibilitam para tal.

Acredita-se que se usa o sistema para reorganizar esta aproximação social. São hábeis e conseguem, dentro da ambivalência, posicionarem-se e, ainda assim, colocar questões e apontar soluções dentro do campo social.

Estes comunicadores são uma grande tendência, pois constroem uma cultura contraditória, plural e ambivalente.

4 O grupo Célula de Transformação (CDT) : um estudo de caso empírico-a metodologia adotada

4.1 Estratégia técnico-metodológica

Para a observação do grupo CDT, a metodologia escolhida foi um estudo de caso, com propósito de compreender contextos, que se entendem como complexos e que estão envolvidos com outros fatores relacionados ao campo das ciências sociais.

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando se procura compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos intrincados, nos quais estão

simultaneamente envolvidos diversos fatores, entre eles os já estudados nos capítulos anteriormente.

Almeja-se indagar “por que” e “como” se dão as ações do CDT em prática. Foi feita uma análise de diversos fatores na qual foi procurado encontrar fatores relevantes e importantes dentro desta pesquisa.

Ao analisar o grupo como estudo de caso como um fenômeno, Coutinho (2003) refere que quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação.

A investigação assume um caráter particular porque estuda um grupo onde se debruça deliberadamente sobre uma situação específica única. Pelo menos em certos aspectos, procura descobrir se há nela algo de mais essencial e característico e, desse modo, a contribuição é essencialmente para a compreensão global de interesses geral (PONTE, 2006, p.2).

A natureza do estudo de caso é qualitativa, pois se valida conforme a interpretação do autor da dissertação.

Chaves (2002) diz que na investigação em geral abundam, especialmente, os estudos de caso de natureza interpretativa, qualitativa. Não menos verdade é admitir que estudos de caso existem e combinam, com toda a legitimidade, métodos qualitativos e quantitativos.

Argumenta-se que é um estudo de caso qualitativo, pois reúne algumas características que validam a escolha. Mencionam-se quatro importantes para este estudo: (a) limitação; (b) foco; (c) complexidade e novidade; (d) fontes de observação. Observe:

a) É um sistema limitado e tem fronteiras. Aqui o que se evidencia são as questões tempo e/ou eventos, em que foi escolhido um grupo com atuação entre os anos de 2007 a 2013, ou seja, desde sua fundação até dias atuais.

b) É o estudo sobre o CDT, o foco inteiro é direcionado para o grupo, para conferir validade à investigação.

c) Na sua complexidade e na novidade, sendo que o grupo nunca foi estudado. Preserva-se o caráter único, específico e diferente.

d) Foram recorridas, durante o processo, inúmeras informações, com observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários e registro de áudio.

O objetivo foi evidenciar como os fatos dentro do CDT aconteceram de modo que comprove ou contraste, analisando com as correntes teóricas estudadas.

Foram escolhidas as recolhas de dados qualitativos como o diário de bordo, a técnica da entrevista e notas de observações feitas durante o trabalho.

O diário de bordo constitui um dos principais instrumentos de estudo de caso. Ele é utilizado para notas. Neste caso, o diário é feito correlacionando uma corrente bibliográfica. O grupo estudado foi entendido como uma possibilidade real de estudo e, após processo de escolha, foi feita uma observação de campo. Foram um total de sete entrevistas semiestruturadas com aprofundamento.

Já a entrevista adquire importância quando, através dela, percebe-se a forma como sujeitos interpretam a realidade evidente. Esta técnica foi usada de modo a conseguirem-se dados descritivos através da linguagem do mediador cultural, elementos que dão a validade da observação.

Dentro das regras metodológicas, o grupo foi estudado nas seguintes partes: primeiramente, a escolha do grupo; na segunda análise, a parte operacional, com observação direta e indireta das ações do grupo no período estudado, acompanhamento e entrevistas indiretas com aprofundamento; além do diário de bordo como suplemento à fundamentação empírica (terceira parte). O grupo se mostrou solícito em disponibilizar todas as informações possíveis.

A temática é atual, sendo que ainda parte do grupo (CDT) demanda uma fase de organização interna, por isso deve ser frisada a dificuldade em reter fontes como inquéritos de atuação, arquivos e dados do grupo. Argumentos estes que fundamentaram a dissertação em criar, recriar fontes primárias para obter a maior informação possível do grupo.

4.2 Escolha do grupo

A linha de pesquisa insere-se no campo da sociologia, onde principalmente a nossa observação atrela um estudo sobre políticas públicas,

subsequente no entendimento de mecanismos inerentes a grupos socio culturais de articulações que se posicionem além das políticas oferecidas pelo Estado.

A decisão em compreender o grupo foi devido a um primeiro contato do pesquisador ainda em Portugal, e, a partir disso, foi feito um estudo de observação a distância. A primeira escolha se deu por grupos que surgem à margem de políticas estatais, grupos esses que oferecem mecanismos de articulações, inserção e projetos dentro da comunidade.

Na segunda etapa, houve um delineamento de campo observando o contexto de região, cidade e país.

Logicamente a opção se deu justo por um grupo que, no início, organizou-se entre si, e conseguiu propor uma dinâmica de mecanismos para sugerir alternativas e tentativas ao modelo social vigente.

O CDT possui um caráter ímpar, tendo, na sua forma de atuar, um modelo de gestão com frentes de coordenação e com atuação em diversos setores periféricos da cidade de São Paulo.

O grupo é observado em sua fase inicial, portanto é um grupo recente, que está em constante transformação. Esse hibridismo foi o grande motivo para um estudo mais detalhado, sustentando as possibilidades que o grupo oferece para trabalhos pontuais em comunidade.

Deve-se ater dentro do mundo acadêmico, sobretudo sobre as novidades, um estudo de caso destes atores sociais é imaculado frente aos estudos da Universidade, tendo em vista as ações sociais promovidas pelo grupo.

Também pelo contato direto do pesquisador frente a políticas culturais, a própria experiência com trabalhos socioculturais no decorrer dos anos, virou motivo para uma aproximação com este tipo de organização.

Em julho de 2013, no Brasil, o observador se propôs a uma atividade oferecida pelo CDT, nesse campo prático, que com uma observação direta se situou de forma a entender todo o mecanismo, envolvendo pessoas, coordenação, pessoas-chave e locais de trabalho. Neste despertar, foi levado a uma imersão profunda próxima para o estudo e a compreensão do CDT.

A escolha do grupo se deu muito pelo pesquisador não conhecer nenhum membro atuante, pois a distância iria permitir um melhor entendimento

e um enquadramento teórico coerente com a atuação do grupo. Toda a parte bibliográfica e de correlacionamento de autores foi escolhida de maneira proposital, tendo em vista as características do grupo.

A parte pessoal de escolha se deve a um tempo de maturidade e reflexão pela qual só foi possível com uma carga de autores que tratam sobre o tema, além de uma compreensão para o referido estudo.

Sabe-se da importância que se tem no distanciamento entre pesquisador e objeto. Durante um ano aproximadamente foi feita observação direta e indireta. Importante salientar que os traços peculiares do CDT motivaram o referido objeto de pesquisa.

Além da novidade que é do tema, as facetas de atuação se revelam a medida que o observador toma contato com o observado e, a partir disso, revela-se uma identidade multicultural do grupo.

4.3 Estrutura e modo de funcionamento do grupo

Foi feita uma análise de como o grupo se apresenta publicamente no *site* procurando delimitar e resumir a atuação do CDT.

Foi realizada uma análise sobre o modo como o CDT está estruturado e se apresenta publicamente.

Devem ser considerados neste estudo os mecanismos de articulação e desenvolvimento do CDT.

A estrutura do grupo Célula de Transformação se baseia, em sua primeira parte institucional: a) quem somos; b) o que fazemos; c) o que pensamos; e d) onde atuamos.

O delineamento da área de atuação se resume a três bairros da zona norte de São Paulo e às cidades de Diadema, Santo André e Ubatuba. A ação se reside no centro de Diadema, no bairro Taioca, em Santo André, e no bairro Sesmária de Ubatuba respectivamente. Os bairros referentes, averiguados da cidade de São Paulo, são: Jardim Peri Alto, Jardim Lidiane e Jardim Guarani.

Na sua estrutura, apresenta os chamados projetos que se subdividem em projetos com os CDT Escolas e a frente na área de agricultura chamada de CDT Agricultura Urbana.

Também como componente essencial, existem os cursos que são: “Yoga para Lideranças”, “Encontrando o *Clown*”, “Corpo Poético”, “*Dragon Dreaming*”, “Captação Empoderada” e “Facilitador de Teatro Social”.

Outro ponto observado é que o CDT possui um mecanismo de doação, produtos e apoio no seu *site* para facilitar o movimento de articulação financeira do grupo.

Nesta estrutura, é definida também a Formação de Multiplicadores, que significa a entrada de possíveis participantes para atuação dentro do projeto aplicado pelo CDT. Nessa formação, há o percurso de protagonismo social, que se constitui como essencial para algum voluntário exercer as atividades propostas pelo CDT.

O último ponto que se afere são as parcerias e contatos. Aqui fica evidente o caráter multidisciplinar em que se enquadra o CDT.

Nesta observação, serão analisados discriminadamente cada aspecto elencado no que se refere ao plano institucional, à área de atuação, aos projetos, aos cursos, à análise do multiplicador no CDT e aos parceiros.

4.3.1 Institucional

A institucional é aquela em que o grupo se apresenta parcialmente, colocam o seu perfil, dando uma definição do que é o grupo.

O CDT se apresenta como uma possibilidade real de desenvolvimento local participativo a partir de processos de empoderamento pessoal e coletivo. Uma proposta que visa à integração, que busca aproximar estudantes universitários, jovens, instituições públicas e privadas, ONGs e comunidades para transformarem suas realidades em conjunto.¹¹

O Células já se apresenta através de palavras chaves como “desenvolvimento”, “participação” e “integração”. O grupo já se posiciona como futuros mediadores, pois se organizam através de diálogo, abrindo e ampliando o leque para a participação.

¹¹ Este texto está no *site* de apresentação do CDT, é por ele que se fez esta análise.

Em 2007, foi premiado pela ONU como proposta inovadora para o desenvolvimento sustentável e, desde abril de 2011, começou a fazer parte da Extensão Universitária da Universidade de São Paulo.¹²

Hoje em dia, O CDT está presente em cinco comunidades e uma escola do Estado de São Paulo, e conta com vinte parceiros internacionais e nacionais para viabilização do projeto.

O que chamou a atenção foi um trabalho de células que não faz para a comunidade e sim junto com a comunidade.

A qualidade de vida das pessoas aumenta à medida em que há o engajamento e a integração de suas próprias capacidades. A lógica é que ocorra o desenvolvimento territorial com ampliação comunitária.

Os próprios protagonistas são os atuantes, com desempenho de interdependência e autonomia.

Nesta parte, também é possível ver a formação de quatro dos sete entrevistados do CDT. Chamado de núcleo dentro do próprio CDT, são os organizadores e mantenedores da ideia do CDT em si. Dentro estes quatro dois são idealizadores e fundadores do projeto.¹³

O objetivo do grupo é mobilizar o potencial criativo e realizador de pessoas e organizações, visando a um processo de empoderamento comunitário.

Aqui o CDT atua em regiões periféricas, já colocando o critério exclusão como fator preponderante para a atuação dentro da comunidade.

¹² Atualmente, há uma extensão universitária da Cidade de São Paulo.

¹³ **Aline Roldan:** idealizadora e gestora do Projeto Células de Transformação, ganhadora do Global Millennium Prize da ONU em 2007.

Denise Mazeto: consultora e Gestora de Sustentabilidade Integrada do projeto Células de Transformação.

Giulio Vanzan: idealizador do projeto Células de Transformação, mestre em desenvolvimento local e Presidente do IIDAC EUROPA; membro do Conselho Diretivo do programa internacional What-IF; consultor do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e da UNICEF, como formador e facilitador de processos.

Tanya Stergiou: possui mais de 10 anos de experiência como consultora e facilitadora na área de Desenvolvimento Organizacional e de Práticas e Ambientes Colaborativos.

O grupo cria uma rede de núcleos protagonistas de desenvolvimento local sustentável em territórios caracterizados por exclusão social, política, econômica.

A ação do CDT se amplia à medida em que há o caráter do empoderamento utilizado pelo grupo.

O Projeto Células de Transformação propõe uma revisão prática no tipo de abordagem utilizada na relação com as comunidades envolvidas e naquilo que conhecemos por ação social.

O projeto em si concebe uma nova forma de desenvolvimento, é por ele que creditamos novas formas sustentáveis de desenvolvimento.

O CDT já se posiciona e acredita ser claro o equívoco contido no conceito de desenvolvimento que vise apenas o avanço econômico. O grupo utiliza de técnicas de metodologia e usufrui da criatividade para pensar numa relação de avanço social. Na sua forma de agir, observa-se que o grupo se distingue por três palavras chaves: “Economia”, “Sociedade” e “Ambiente”.

Na economia, busca-se um crescimento econômico solidário, que é em oposição a uma abordagem individualista, tendo como prioridade satisfazer as necessidades básicas de todos por meio da melhor utilização dos recursos do planeta.

No meio ambiente, traz de volta as diferenças gritantes entre o conceito de tecnologia e faz uma alusão à necessidade de um trabalho correlacionado com o meio ambiente. Aqui pode ser justificado que o grupo trabalha com conceito de permacultura, agricultura urbana e intervenções em praças públicas.

Na sociedade, o CDT reconhece e coloca o homem como essencial dentro da sua perspectiva de empoderamento, vendo-o como elemento fundamental dentro do organismo para a sua atuação com os demais envolvidos dentro da comunidade.

Importante observar como se apresenta o CDT, o que se verifica num grupo multicultural com atenção voltada para diferentes áreas.

Há uma visão holística para resolução dos problemas, evidenciados durante o estudo, de acordo com as nossas observações.

Apesar das atividades possuírem um fio condutor e uma linha sociocultural artística, deve ser observada a particularidade em um grupo que,

através de sua ação, consegue visualizar o todo, possibilitando uma crítica construtiva ao modelo de políticas públicas atual.

Mesmo com um discurso para uma ação cultural local, fica nítido o caráter do grupo e a preocupação com todo o sistema global.

A partir do momento que se parte de uma perspectiva individual, é nítido o resultado do trabalho em grupo. É a vontade de despertar nas pessoas uma vontade de aprender e na forma de se desenvolver.

Ao observar pelo período de um ano as paginas de internet e *Facebook* é analisada a capacidade de gerenciamento do grupo. Nesse contexto de atuação da coletividade é que reside em dar ao homem a noção de possibilidade de intervenção e possibilidades dentro de sua realidade.

4.3.2 Área de atuação

Nesta parte, foi feita uma análise detalhada de cada componente, pois o grupo se apresenta com traços e limitações de novos movimentos sociais.

O CDT não se coloca como uma entidade ligada a uma política de cidade ou Estado, ele funciona como uma autogestão.

No *quem somos* (CDT), fica nítida uma característica que aqui chamamos de multifuncional¹⁴, por uma própria configuração do CDT.

O *que fazemos (como age o CDT)* se resume à atuação do grupo, no modo como ele vai até a comunidade, que é a mediação sociocultural propriamente dita, nela que as atividades são propostas e desenvolvidas. O grupo em si não tem um fechamento, por isso inicialmente há enquadramento dentro de cultura como um grupo aberto e acolhedor.

A área de atuação é onde o grupo se divide e atua, a escolha é conforme o primeiro contato realizado dentro da comunidade¹⁵. Isso é feito como uma opção para operar em regiões mais carentes.

¹⁴ Um grupo que se organiza de acordo com as possibilidades e os instrumentos que tem em mãos, isto também é uma característica, tendo em vista a própria formação dos formadores. O próprio grupo subsiste de maneira criativa, diferente e de cunho inovador para seu autossustento. Se no seu embrião é multifuncional, isto também se revela na atuação das ações sociais.

Não existe uma regra pré-estabelecida entre os membros. O que vale para essa atuação é perceber que diferentes áreas da periferia de São Paulo são atingidas de maneiras diversas, além das cidades de Diadema, Santo André e de um bairro da cidade de Ubatuba.

As atuações em determinados bairros diferem-se uma da outra. O próprio grupo, com seus mecanismos e num processo natural, consegue esta articulação, pois os contatos podem ser diversos, já que, através das relações, humanas conseguem se estabelecer no local.

As atuações são sempre a partir de uma realidade local, a técnica de intervenção que utilizam é pela coordenação de mobilização, traçando estratégias para chegar até o morador local.

A área de atuação está subdividida pelas comunidades: nos bairros do Jardim Peri Alto, Jardim Lidiane, Jardim Guarani, e nas cidades de Diadema, em Ubatuba, no bairro Sesmaria, e no bairro Taioca, localizada na cidade de Santo André.

O bairro do jardim Peri é um bairro da zona norte de São Paulo, pertencente ao distrito de Cachoeirinha. Possuindo algumas igrejas, católicas e evangélicas, bares e pequenos comércios, o Jardim Peri Alto, subdivide-se em duas partes, referentes ao tipo das construções e à condição socioeconômica: o Peri Baixo e o Peri Alto.

O Peri Alto é formado por casas de alvenaria e seus moradores possuem um poder aquisitivo maior que o restante do bairro, já o Peri Baixo está à margem do córrego e apresenta situações de calamidades.

O Peri Alto é um grande ponto de concentração de ações do CDT, nele foram elencados diversos trabalhos e uma atuação constante frente à comunidade, com diversas atividades socioculturais.

A atuação do CDT, neste bairro, vincula-se a uma criação de uma associação de Bairro. Ao público jovem foi oferecido o desenvolvimento de atividades voltadas com tecnologias de comunicação e informação, como oficinas de fotografia e cinema, buscando o fortalecimento de laços e formação

¹⁵ De acordo com o próprio grupo, a variação de escolha vai conforme o contato estabelecido dentro dos bairros ou comunidades.

de identidades, assim como a valorização do patrimônio sociocultural e ambiental do bairro.¹⁶

Também como proposição de projetos teve: formação da associação de moradores do bairro, UMPA (União dos Moradores do Peri Alto), diagnóstico participativo e instalação de oficinas de fotografia e cinema para construção de identidade.

O trabalho do grupo se revelou com um caráter inovador, o grupo ainda não tem dados quantitativos da mudança na referida comunidade. O que se observou foi uma relação de cursos com caráter sociocultural dentro do bairro e teve como consequência a criação da Associação de Moradores.¹⁷

A instalação no grupo houve com uma parceria com a AMURT, organização não governamental. Frisa-se o ponto aqui o diálogo junto a uma ONG.

Outro bairro próximo e localizado na Zona Norte de São Paulo é o jardim Lidiane.

A atuação é diretamente junto ao conjunto habitacional chamado de Lidiane II, que possui 120 apartamentos e cerca de 600 moradores.

As atividades têm caráter rotativo, por isso não há dados quantitativos em relação aos trabalhos realizados.

Já a favela é estruturada a partir de uma única via de acesso, caracterizado por seu vital comércio, frequentado inclusive pelos moradores do bairro.

¹⁶ 2011: foi realizado um processo de diagnóstico participativo, com moradores de todas as idades, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Levantando necessidades e sonhos, os moradores, de modo geral, descreveram o bairro da seguinte maneira: em situação de dependência de outras localidades, não possuindo áreas de lazer, atividades culturais, unidade básica de saúde; saneamento, posto policial, iluminação pública e policiamento inadequados, além de falta de abastecimento de água aos fins de semana e “problemas sérios com a juventude”. Segundo os moradores, o “Jardim Peri Alto não existe”.

¹⁷ Em agosto, foi informalmente constituído um grupo, inicialmente com o objetivo de formar uma associação de moradores para a consolidação de melhorias *in loco* e que fossem reconhecidas perante a própria comunidade e a subprefeitura. Esse grupo era conhecido como a Rede Peri Alto, formado por 30 pessoas residentes no Peri Alto, com idade entre 17 a 73 anos, e composto por 30% de homens e 70% de mulheres. Este grupo reunia-se quinzenalmente para diversas atividades. O foco destes encontros era: criação de empatia e ligação fraterna entre os moradores, atuação conjunta, constituição oral da história do bairro; resolução de conflitos, e organização e preparação de documento para participação no O. P. - Orçamento Participativo

Levando-se tais aspectos urbanísticos em conta e ainda considerando a rica dinâmica social da favela, na qual o conjunto se insere, a comunidade é um lugar plural, com uma grande praça oferecendo aos jovens, lazer e possibilidade da praticas de outras atividades.

A atuação do CDT começou com uma série de atividades lúdicas com crianças, que buscava semear a formação de cidadão empoderado. Nesse trabalho, foram realizadas diversas oficinas voltadas para sustentabilidade e criatividade.

Podem ser incluídas oficina de reutilização de óleo de cozinhas para os moradores, como atividades lúdicas para as crianças.

Se, para crianças, a atividade era lúdica, para os adultos, em sua maioria mulheres, a atividade residia em oficinas de artesanato, como costura, bordado e enfeites.¹⁸

Nesse bairro, não se conta com uma parceria oficial, foi acordada uma parceria com o Urbana Selva Intervenção, grupo organizado pelos estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

O principal objetivo do CDT no conjunto é o empoderamento dos moradores do conjunto habitacional, com a criação de um espaço para programas de educação e oficinas lúdicas para crianças e adultos.

Ainda em trabalho na zona norte de São Paulo, o CDT atua no Jardim Guarani.

O jardim Guarani é um dos subdistritos que compõe a Brasilândia, região grande e populosa com quase 300 mil habitantes em 21km² de extensão. A região é muito precária e sofre com a falta de estrutura vigente, como: falta de transporte, lazer e saneamento.

A atuação do grupo é composta em várias frentes, como o: apoio para a criação de um centro cultural, o “*Espaço Fazê O Quê!?*” no Jd. Carumbé; mais um centro de formação da Associação de Moradores da Vila Brasilândia. Por

¹⁸ Essas atuações revelam um caráter inovador, pois o espaço de discussão e o debate durante essas oficinas se amplia, exemplo disso foram entrevistas durante o mês de 2011, com o intuito de conhecer moradores, foram realizadas entrevistas para diagnóstico participativo dos sonhos da comunidade. O grande questionamento das pessoas foi com relação a ter mais espaços de lazer e cultura, segurança, combate às drogas, cuidado com a sexualidade, união, e o desejo de um futuro melhor para os filhos.

fim, uma realização do diagnóstico participativo e do desenvolvimento de atividades culturais no Conjunto Habitacional Jd. Guarani.

Aqui a parceria se resume a AMURT-AMURTEL, a Associação e Rádio Comunitária Cantareira e o CCA Ana Maria. Foi detectado que o fato de haver uma rádio como parceira dá força para a realização de projetos locais.

Como objetivos, neste respectivo bairro há a realização do diagnóstico participativo e de desenvolvimento de atividades culturais no Conjunto Habitacional; também a criação de trabalho, emprego e geração de renda, juntamente com: Oficinas de Elaboração de *Curriculum* e Realização do curso “Empregos Verdes”, na sede da AMURT-AMURTEL.

Também são desenvolvidas atividades com crianças e adolescentes do Centro da Criança e do Adolescente Ana Maria.

O CDT não se resume a atuações somente em áreas da zona norte da cidade São Paulo, mas também em outras cidades, como Diadema, Santo André e Ubatuba.

Conforme dados adquiridos com o grupo, as atividades são escolhidas conforme os contatos feitos, podendo variar quanto às atividades aplicadas conforme território escolhido.

A cidade de Diadema é município brasileiro do estado de São Paulo, localizado na do país. Pertence à Metropolitana de São Paulo e à região do Grande ABC, estando distante dezessete quilômetros a sudeste do marco zero da capital do estado.

Essa cidade ocupa uma área de 30,796 km² e sua população estimada, em 2013, é de 406.718 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística,⁷ sendo então o décimo quarto mais populoso do estado, e o 55º do Brasil.

Com seis meses de atuação, o CDT se instalou, juntamente com um circo, durante alguns meses, com diversas atividades.

Em Diadema, o curso foi realizado dentro deste circo. No envolvimento local, conseguiram a articulação para a demanda do curso de protagonismo social.

Com atividades lúdicas e criativas procuraram evidenciar o caráter excepcional inovadora, procurando reter algumas pessoas que trabalhavam com arte.¹⁹

Foi percebida a capacidade de articulação do grupo com a possibilidade de aproveitamento dentro de um circo, que contém uma atividade lúdica artística.

Esse tipo de atividade como essa proposta dentro de um circo é uma imersão para avançarem não só dentro do curso em grupo, mas também terem uma sensação estética inesquecível, tanto membros como participantes.

A parceria se deu com o Circo, Cine Eldorado e o Ponto de Cultura Castelinho das Artes, todos situados em Diadema.

O objetivo era um curso de protagonismo social. Esse curso visava à inclusão de mais multiplicadores e a uma fomentação de atividades dentro do contexto local.

Outro local de atuação é a cidade de Ubatuba, que se encontra no litoral norte do Estado de São Paulo.

O bairro de Sesmaria é uma ocupação urbana periférica relativamente recente no município litorâneo de Ubatuba-SP. Está localizado em uma área de preservação ambiental nas proximidades da cadeia montanhosa da Serra do Mar.

O trabalho no bairro Sesmaria foi realizado em Ubatuba no ano de 2012, para melhorar a qualidade de vida no território, aliando educação ambiental a um processo de facilitação de protagonismo comunitário.

Para criar caminhos para tornar o bairro Sesmaria uma vila sustentável, o grupo investiu na capacitação profissional em tecnologias sustentáveis como também, iniciou um trabalho de empoderamento comunitário para que os moradores do bairro se tornassem sujeitos idealizadores e gestores das novas propostas de melhora da qualidade de vida naquele território.

A atuação foi no sentido de empoderar e dar o vínculo comunitário às pessoas inseridas dentro dos processos nas comunidades.

¹⁹ Exemplo citado no *site* é o artista Edmilson de Moraes nos contou que ensina sua arte e desperta a criatividade de crianças. Edmilson ensina mosaico, fuxico, esculturas e das oficinas surgem quadros, muros enfeitados, tudo feito com materiais recicláveis.

As parcerias auferidas neste local foram realizadas em conjunto, neste momento o projeto ganhou um edital, o que possibilitou uma maior aproximação.²⁰

Já a cidade de Santo André, especificamente o bairro Taioca, é palco de atuação para as atividades proporcionadas pelo grupo que estão ainda em andamento, sem um diagnóstico tanto apresentado pelo grupo, quanto nos meios de comunicação utilizado pelo CDT.

4.3.3 Projetos

Os projetos são as atuações diretas do CDT, são as articulações que são divididas em CDT escola (onde atuam e aplicam suas atividades) e CDT Agricultura Urbana, cujo projeto avança por praças, oferece cursos de permacultura, e desenvolve cursos mais permanentes frentes às comunidades.

Nos projetos relacionados à escola busca se diálogo, e é importante ressaltar que, na mediação se vê a possibilidade real de criar uma rede de ligação que facilite o acesso e possibilite também uma atividade diretamente ligada à comunidade.²¹

Já a agricultura urbana é traço fundamental dos novos movimentos sociais, que aliam nossa condição de estar no mundo, como partem para uma possibilidade de atuação pontual no local onde vivemos.

²⁰ O grupo nas entrevistas falou do edital, entretanto foram remunerados posteriormente, pós-atividade local.

²¹ Exemplo é o trabalho realizado na Escola Estadual Professora Amenaíde Braga de Queiroz, na zona norte da cidade de São Paulo, o projeto foi aplicado pela primeira vez no Brasil. E uma experiência com jovens de Ensino Médio, com bons frutos, de ampliação do potencial criativo da escola, como um local de realização de projetos e sonhos pelos educandos e educadores.

No Célula de Transformação, o projeto é fundamentado em PROUT, de desenvolvimento local e global, que propõe a organização social em comunidades – as “células”. As células são núcleos de desenvolvimento local e sustentabilidade que podem ser implantadas nos mais variados contextos, sejam eles urbanos, rurais ou áreas de proteção ambiental. Serve para redirecionar o paradigma de desenvolvimento da localidade, envolvendo a sociedade no entorno a partir de suas necessidades e potencialidades, abordando a sustentabilidade como um processo dinâmico e integrado.²²

Como um movimento novo, procuram um repensar e um realojamento do espaço urbano, possibilitando o participante a repensar todo o cenário ao seu redor. Está intimamente ligado a uma causa pontual, pois o grupo não fala em reforma estrutural, como a reforma agrária, mas propõe atividades em microescala.

Nosso ponto é que inúmeras articulações são feitas de modo que se facilite a horizontalidade das atuações. Percebe-se que, nessa configuração sociocultural, é saliente ressaltar as inúmeras características a que se propõe o grupo. Acredita-se que essa faceta multifuncional acaba por ser um grande atrativo para participantes e mesmo para envolvidos dentro da comunidade.

A dificuldade muitas vezes reside na própria horizontalidade, e as articulações e realizações são feitas à medida que as iniciativas e os primeiros contatos são estabelecidos.

4.3.4 Cursos

Os cursos são as atividades que os atores, dentro do CDT, propõe-se para atrair os voluntários e, ao mesmo tempo, possibilitar o financiamento do projeto.

Os atores se dispõem de suas habilidades e as colocam como oportunidade para outras pessoas. Esse mesmo trajeto é como um percurso para se tornar facilitador, multiplicador ou mediador.

²² Trecho extraído do próprio *site* do CDT.

Através dos cursos, são as maneiras dos membros colocarem diálogo, vivência, empoderamento e participação. O grupo, chamado de núcleo duro, é o grupo que se propõe a efetivar.

Sobre as atividades e cursos, eventualmente, o convite para ministração fica a cargo de pessoas de fora do grupo. Mas a predominância fica com as pessoas do CDT.

Os cursos são base a do CDT e resumem muito de suas atividades dentro das áreas localizadas. São: “Yoga para Liderança”, “Encontrando com o Clown”, “Corpo Poético”, “*Dragon Dreaming*”, “Capacitação Empoderada” e “Facilitador de Teatro Social”.

“Yoga para Lideranças” é um curso da técnica indiana e traz uma novidade, pois possibilita um aprendizado conjunto tanto de passagem para líderes ou pessoas dentro de comunidade.

Nesta observação, é o direcionamento e a possibilidade de imersão individual, por conseguinte em grupo. A Yoga é apresentada como parte fundamental dos membros que atuam. Deve ser levada em consideração a proposição desse curso, que significa também algo que está fora do circuito normal e das atividades geralmente proporcionadas por uma escola, ou por políticas públicas culturais oferecidas pela cidade.

A natureza desse curso é a proposição para um laboratório de transformação pessoal, por meio da abertura de espaços de criação de si mesmo através do corpo, das emoções e dos pensamentos, da postura, do olhar e do ouvir.

Este curso é um espaço de potencialização de transformações pessoais e coletivas.

Neste mesmo sentido, “Encontrando o *Clown*” é uma atividade de sensibilidade artística em que os membros dão ferramentas para as pessoas conhecer a si mesmo e se revelarem através da técnica do *Clown*.

Frisa-se que a metodologia empregada dialoga com diversas áreas de atuação: o método aplicado é o desenvolvido por Giovanni Fusetti, que integra o teatro físico com a bioenergética, a psicologia Gestalt e o estudo da voz e das suas ressonâncias.

É a dimensão de estar presente a si mesmo e aos outros, é maneira otimista de encarar a vida. O clown é fundamentalmente ligado com a arte, por ele podemos exprimir nossos desejos, repulsas e anseios.

Aqui a própria possibilidade de atuação do grupo é um contato com a arte.

“Corpo Poético” é um trabalho profundamente estético, no qual se desenvolve uma relação com o corpo, na maneira de se expressar como formas de atuação.

O facilitador propõe uma atividade inerente que, através dos elementos da natureza, faz a mediação entre os participantes.

O ensino ocorre como uma jornada, colocando os alunos diante de obstáculos que são necessários para usar suas habilidades criativas, ajudando a desenvolver e a escolher seu próprio caminho. O curso promove um núcleo de vivências em colaboração com os movimentos dos alunos ao longo do percurso, a busca é por um teatro da natureza através dos olhos humanos, linguagens e estilos de trabalho diversos.

Trazido da Austrália, “*Dragon Dreaming*” é um curso de origem aborígene em que se exercita um trabalho em grupo para partilhas de sonhos. Nessa técnica, o que se vê é um trabalho em grupo e uma maneira de traçar um diálogo e uma vivência com a comunidade em vigência.

A metodologia *Dragon Dreaming* inspira-se em teorias de desenvolvimento e aprendizagem organizacionais, na Física contemporânea, na teoria de sistemas, na ecologia profunda e na sabedoria aborígene. Ela tem, como princípios, o empoderamento de indivíduos, a construção de comunidades e o serviço à Terra.

O que pode ser observado é o caráter que tem a metodologia em se interligar com outras áreas.

Interessante ressaltar é o acesso dessa atividade e a facilitação de participação para as pessoas envolvidas.

Essa metodologia possui raízes profundas em sólidos conhecimentos que vêm sendo estudados e praticados por agentes de transformação ao redor do mundo.

Elementos como: espiritualidade, consciência, negociações ganha-ganha, comunicação compassiva permeiam essa nova forma de organização,

faz novas prática e novos hábitos de comunicação em que a diversão e o aprendizado sejam constantemente cultivados.

A “Capacitação Empoderada” é a maneira de capacitar indivíduos a trabalharem suas próprias realidades, por esse trabalho se mostram as direções para as pessoas poderem realizar seus sonhos, seus anseios e sua possibilidade de mudança no mundo.

Os recursos técnicos são obtidos para transformar a nossa relação com o capital e o tratamento a respeito deste tema.

Ao tratar dessa lacuna, neste curso, captação empoderada de recursos cria oportunidades para que as pessoas se envolvam com elementos espirituais e conexões que possibilitem um avanço em relação as maneiras e formas de pensar.

Uma das bases do CDT, o curso de “Facilitador de Teatro Social” é um trabalho de vivência. Por ele, os facilitadores fazem uma vivência em que são imersos a se confrontarem em observar a sua própria realidade. De maneira lúdica, fazem os trabalhos entre grupos, possibilitando um contato estético entre os participantes.

O “Teatro Social” é uma realidade cultural, social e profissional muito ampla, que compreende intervenções que respondem a uma óptica de promoção e de desenvolvimento de comunidade, como apoio a processos de empoderamento individuais e coletivos e como formas de pesquisa expressiva e comunicativa, a partir das identidades dos grupos.

O fazer teatro social e de comunidade significa trabalhar por meio de uma modalidade específica, tendo competências variadas tanto de tipo expressivo-artístico, quanto de tipo psicossocial e específicos conhecimentos sobre as dinâmicas institucionais e de comunidade.

É uma forma de renovar a ligação entre arte e real, entre comunidade e teatro, reabrindo uma pesquisa artística a partir de concretos universos relacionais e expressivos.

4.3.5 Protagonista Social: análise do multiplicador dentro do CDT

O protagonista social é de fundamental importância para o estudo, pois é o acolhimento do grupo para a entrada de novos membros.

Aquele que quer se tornar um multiplicador, obrigatoriamente deve passar pelo curso de Protagonismo Social.

São escolhidos trinta multiplicadores, através de entrevistas individuais, sendo que há uma divisão de dez multiplicadores para três comunidades escolhidas.

Aqui, através de entrevistas, o próprio CDT, com o intuito de se autoorganizar, propõe que outras pessoas tenha acesso, e o diálogo é legitimado através do percurso de protagonista social.

A formação de protagonista social é a chave para o ingresso e possivelmente ser um membro dentro do CDT. Membro que começa com um trabalho voluntário, no qual passa por uma série de etapas dentro da comunidade.

É feito um ciclo de potencialização comunitária a partir da perspectiva de empoderamento.²³

O percurso tem seus objetivos claramente definidos como: conhecer a si mesmo, aprendizado de facilitação e trabalho em grupo, desenvolvimento de liderança e noções básicas que envolvem sustentabilidade educação popular, PROUT, economia solidária e a introdução ao teatro social.

O curso de protagonista é dividido em quatro partes: Pedagogia dos Sonhos Possíveis, Semente, Caleidoscópio e Autenticidade.²⁴

²³ Aqui o caráter é como atuante mediador, qualquer pessoa pode participar do processo de multiplicação do CDT.

²⁴ Os trabalhos são ministrados pelos formadores e ministrados em módulos de 8 a 16 horas, em cargas intensivas e extensivas.

O protagonista social é o futuro multiplicador de ações. Mesmo com um núcleo, o CDT possui as frentes de coordenação de articulação, mobilização, finanças, comunicação e internacional.

Todos os coordenadores passaram pelo curso de protagonista ou pelos cursos oferecidos pelo CDT.

O que se observa nesta parte é que o grupo consegue uma atração de jovens para se tornarem protagonistas sociais.

Outra característica fundamental é que se tornou uma extensão universitária dentro da Universidade de São Paulo. O diálogo surge à medida que há a organização do grupo, e este consegue uma rearticulação de locais e pessoas, possibilitando, assim, uma ampliação dos projetos implementados pelo CDT.

4.3.6 Parceiros e Contatos

Aqui são vistos inúmeros parceiros, que variam desde a localidade até empresas públicas e privadas. Considera-se que o grupo se organiza, apresenta proposta, realiza para sequentemente as parcerias irem se fomentando. Destaque para parcerias e articulações com ONGs Internacionais, autarquias e grupos privados.

As parcerias dão o contorno das características do CDT. Dentre os principais parceiros observados estão: Centro do Teatro do Oprimido de Paris, Centro de Serviços para o Voluntariado de Trento (Itália), Instituto Internacional para o Desenvolvimento da Cidadania – IIDAC, Organização WHAT-IF, PROUT Brasil, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares Fundação Getúlio Vargas - ITCP-FGV, Revista Viração e Pró Reitoria USP.

Nos *Contatos* credita-se que é a parte essencial, pois, através dele, as pessoas respondem as demandas em qualquer nível. Ano passado (2013) foi feito um contato com o grupo através do *site* que respondeu rapidamente, o que evidencia o poder articulatório do mesmo.

Uma das características observadas foi a rapidez nas informações.

4.3.7 Nota final sobre o estudo de caso

Nas observações inerentes, o que mais pode se observar foi um grupo multifuncional, por isso, a justificativa de dissecar toda a estrutura organizativa do grupo.

Apesar de um grupo com abertura através do curso de protagonismo social e de multiplicadores, ele é composto por um chamado núcleo duro, onde se dão as direções organizativas, o planejamento e a coordenação do CDT.

Foi procurado abordar, neste capítulo, toda a parte de operação do grupo e suas ações concretas, partindo para apontar as soluções sociais em zonas específicas e locais nas cidades de São Paulo, Diadema e Ubatuba.

Foram analisado o grupo e seus mecanismos, a validade e a legitimidade da ação é conferida através do olhar do grupo, que, dentro dessa pesquisa, são os protagonistas. Entende-se que essa mediação sociocultural é algo cuja visibilidade ainda requer tempo, pois são colocadas sementes de transformações individuais que, substanciadas, são espalhadas dentro de comunidade, bairro ou associações.

Na conclusão, o grupo opera bem dentro de suas possibilidades. Atualmente consegue manter-se, pois, durante este tempo, já participou de alguns editais.

Dentro do contexto metodológico, evidencia-se a importância da parte de operação e articulação do grupo, como também foram evidenciados dados de nossa observação direta e indireta, na qual se apresenta a configuração do grupo CDT.

5 Observação indireta, entrevistas e revisitação do enfoque teórico

No capítulo anterior, foi traçado minuciosamente o grupo no que respeita à sua estrutura normativa e à sua operacionalidade, isto é, as realizações pontuais de ação social do CDT.

Nesta parte, falar-se-á do resultado da pesquisa empírica, no plano das entrevistas realizadas aos membros do grupo.

O questionário foi feito com base em toda pesquisa incidida anteriormente através da observação direta/indireta e do diário de bordo. Foram feitas um total de sete entrevistas semiestruturadas em áudio, com um material recolhido, visto e analisado.

No material bruto de áudio de aproximadamente cinco horas, foi feita uma transcrição por um profissional da área. Foram decampadas e analisadas para estudo da fonte e busca teórica bibliográfica.

Neste momento, devem-se confrontar as entrevistas com as perspectivas teóricas estudadas, para um aprofundamento de estudo do grupo.

É objetivo que o trabalho de campo efetuado contribua para um aprofundamento teórico no campo em que o estudo se insere.

O material estudado foi analisado e, posteriormente, destacadas as falas dos membros como porta-vozes do CDT.

Na fala, procurou-se avaliar e compreender todo o significado do CDT, observando-o minuciosamente, a fim de sustentar o grupo como mediador e facilitador frente a políticas de Estado.

Por opção da pesquisa em si, concentrou-se a atenção no núcleo do grupo, procurando obter uma compreensão dos mecanismos de funcionamento do mesmo.

Nesta parte, será esmiuçada toda a abordagem teórica feita anteriormente, trazendo à reflexão à atuação destes novos atores sociais, e será concluída com alguns apontamentos e diretrizes pelos quais passa o CDT.

5.1 Análise do CDT através da observação indireta e das entrevistas: aspectos culturais e estéticos de um grupo multicultural

Na primeira parte deste trabalho, falou-se sobre cultura, dimensão estética do grupo, e concluiu-se com uma breve definição o grupo como multicultural.

Foram definidas as entrevistas e confrontaram-nas com itens abordados no primeiro capítulo.

A cientista social e política e membro do CDT Aline Mazeto Roldan, em sua entrevista, diz: “Células é um projeto. Só que é um projeto com muitos

subprojetos, cada vez mais, então ele é cada vez mais um programa. Mas a gente não tem uma identidade muito clara, organizacional.”²⁵

Enquadrou-se o grupo dentro de cultura, pois o mesmo apresenta uma série de características como a sua atuação, diversos membros com formações distintas, além de trabalhar diretamente com mediação.

Para a jornalista Bruna Aita, também do grupo, existe dificuldade em defini-lo. Segundo a entrevistada:

“Então, o Células, na minha visão, ele é um projeto e também um grupo, um organismo assim, eu o vejo como um organismo que procura, nossa, é muito difícil definir o Células na verdade...” prossegue: “O Células é um lugar que a gente procura ser mais em grupo também. Ser um grupo, e ser uma comunidade, e ser mais no sentido de se desenvolver individualmente, coletivamente e desenvolver coisas em territórios, desenvolver transformações em territórios.”²⁶

Se o próprio grupo já se revela como multifacetado, pode-se aqui afirmar sua relação direta com cultura, pois na cultura consegue-se observar que uma forma de transmissão de conhecimento. A definição do termo é um conjunto de fatos e fatores ligado como um organismo que é compartilhado e transmitido por pessoas, de acordo com Guy Rocher (1977), isso justifica o enquadramento.

A cultura é a maneira mais vasta de enxergar e se comunicar com o mundo, nítida é a atuação do CDT, que trabalha com diversos tipos de linguagem, associando-se com diversas frentes e tendo como características: formação acadêmica, social e cultural dos atores, conjunção e criatividade na propositura das ações.

Destaca-se, como ponto a ser observado, a constituição cultural do indivíduo sendo proveniente de diferentes classes sociais.

Em termos gerais, o grupo se situa como escolarizado, sendo os membros do núcleo detentores de formação universitária superior.²⁷

²⁵ Primeira entrevista em áudio realizada no dia 20/jun.2014.

²⁶ Segunda entrevista em áudio realizada em 21/jun.2014.

²⁷ Todos os membros tem formação universitária superior.

Observação e análise que se confere ao grupo reside no aspecto cultural. Outro fator importante a considerar são as distintas formações pelas quais os membros estão atrelados, a diferença multicultural é vista, pois há pessoas de diferentes formações, como: ciências sociais, artes cênicas, relações internacionais, engenharia civil e jornalismo.

Aspectos que devem ser levados em consideração, pois reflete diretamente no grupo. O aspecto da conjunção é a situação que se apresenta ao grupo e na disponibilidade dos envolvidos. Segundo a jornalista Bruna:

“ela é pautada bastante a partir disso, a partir do propósito de cada um, a partir do impulso de cada um, o que cada um se sente chamado a fazer né, e hoje em dia ela tem esse núcleo mais duro assim, que é o núcleo que tá mais ativo, assim tipo, que trabalha mais tempo, se dedica com mais energia e tem pessoas que trabalham de uma maneira, tem diferentes compromissos, diferentes comprometimentos.”

Essa conjunção é ponto também de mantimento, harmonia e sequência de trabalho proposto pelos envolvidos.

Evidenciam-se alguns pontos: o primeiro ponto, atrelado à argumentação de acordo com as entrevistas supracitadas, revela um caráter de abertura do grupo, que está em constante mudança. Nesse olhar residem os aspectos relacionados à identidade múltipla do grupo, pois há diferentes tipos de formação (social, cultural e acadêmica) de várias pessoas dentro do CDT.

Remata-se que o próprio pluralismo se dá nos aspectos de organização, formação e conjunção das pessoas inseridas dentro do grupo.

Ao correlacionar-se com cultura, avalia-se o grupo com suas atividades que possuem um condão estético, e isso é percebido quando os próprios envolvidos se identificam com a proposta estabelecida, além de dimensionarem suas atuações frente a outros participantes.

A dimensão estética configura-se como a experiência única, indizível e prazerosa do percurso do indivíduo.

Foi unanimidade todos os entrevistados colocarem as atividades como realizações marcantes e impactantes dentro de suas vidas. Por outro lado, essa observação é importante somente para os membros atuantes, mas

também devem ser considerados com especial destaque para os resultados das atividades propostas pelo grupo em comunidade.

Ao verificar essa dinâmica, efetua-se o CDT, grupo cultural cuja atividade é socioeducativa, como também aquele que, durante o seu trabalho, consegue realizar possibilidades sociais de maneiras criativas.

Na ótica de um formador, por exemplo, quando ele experimenta algo novo, ele vai até um universo desconhecido, mas que lhe possibilita uma reflexão profunda. Esta dimensão é sentida quando há uma troca a qual se referem autores como Duarte Junior (2001), Rubem Alves (1994) e Freire (1976). Assim como a experiência estética é a proporção e o caminho por que são feitas as ações. Considerando assim, essa passagem simbólica é onde se situa a atuação do grupo.

Cita-se aqui a entrevista de Clara Cecília Seguro, formada em Relações Internacionais, que começou como voluntária e hoje atua na frente de coordenação. Ela cita e dá dimensão de atuação, e aqui se correlaciona esta experiência estética com o percurso de protagonista social. De acordo com ela:

“porque este percurso é quando Células meio que entrega, mais ou menos como ele trabalha, como ele pensa, como ele, como ele se desenvolve, como ele acredita. Então é nessa formação, é disso que você vai se identificando com isso, porque tem gente que faz o percurso de três meses e depois já, sei lá, vai fazer outras coisas da vida...”²⁸

O que se avalia no grupo é o impacto que ele tem na vida de cada um e como isso repercute na atuação de cada elemento.

Quando se fala em dimensão estética, é pelo significado que há nessa troca, tanto entre formadores como participantes. Se o grupo consegue reunir em suas atividades possibilidades que aliam inovação e criatividade, achamos importante a observação desta direção.

O grupo em constante transformação, com atividades socioculturais tanto no âmbito interno como no âmbito externo, faz do CDT um grupo de alternâncias e possibilidades.

²⁸ Terceira entrevista em áudio realizada em 28/jun.2014.

Não há uma forma pré-definida de atuação, mas isso varia conforme os membros atuantes em grupo. Estes se organizaram e, em 2011, pode ser destacado um marco importante que foi a parceria com a Universidade de São Paulo. Significou uma abertura em termos de contingente de pessoas. Segundo os dados de recolha e na fala de uma atuante:

“Então como projeto de extensão que a gente ainda é, a gente sempre fez o percurso de protagonismo social, a gente fez seis edições, a gente fez todas elas gratuitas, que foram 180 pessoas atingidas, 180 multiplicadores voluntários que passaram e sempre gratuito. E também foi uma coisa curiosa, *porque existem duas coisas na faculdade, o projeto de extensão e curso de extensão.*”²⁹

Através da teoria de PROUT (teoria progressista utilitarista) conseguem, de uma perspectiva individual, disseminar formas de atuação.

O CDT é devidamente composto e avaliado sob a ótica individual dos formadores e quanto a sua atuação em grupo.

Essa mediação é feita, pois existe um grupo organizado, com reuniões semanais, um grupo aberto a parcerias e uma prévia motivação revelada pelos aspectos sociais de exclusão territorial³⁰.

Conclui-se nesta primeira parte que o grupo é cultural, porque sua identidade ainda está em construção. O CDT tem como características uma série de ligações com diversas atividades e outros ramos de estudo, além de um hibridismo uno como diferencial na forma e maneira de mediar.

Nas palavras de Josie Berezin, uma das coordenadoras do grupo. Segundo ela:

“porque é um nome que a gente vai readequando pra cada contexto que a gente vive, em todos os contextos ele faz sentido, então às vezes é mais células, às vezes é mais transformação. E pensando assim hoje é realmente um grupo em constante transformação.”³¹

²⁹ Primeira entrevista em áudio realizada no dia 20/jun.2014.

³⁰ Dado recolhido durante as entrevistas.

³¹ Última entrevista realizada em áudio no dia 30/jun. 2014.

Entende-se que a cultura é o campo substancial desse grupo e a sua forma de estar perante o mundo.

Quando se fala em arte, a dissertação aponta a arte dentro de um campo cultural que possibilita um estudo metodológico do grupo como também de suas ações, entre as quais se centra a arte como dimensão e possibilidade estética.

No último item, somente, reafirmamos nossa posição de estudo do grupo como sociocultural artístico e facilitador de ações culturais.

A conclusão é que o CDT possui uma direção ampla no aspecto de trabalho, envolvendo-se com diversas atividades culturais e estéticas; outro ponto a ressaltar é que o que estudamos é núcleo duro e que, hoje, encontra-se em fase de organização, sendo que a entrada de outros participantes demanda tempo, comprometimento e identificação com a forma de trabalho.

Ao longo da pesquisa qualitativa, procurou-se compreender diversos aspectos e fazer considerações. Essa mobilização pela qual é vista o CDT evidencia seu caráter pungente de atuação social.

5.2 O CDT enquanto ator social: contornos ideológico, afetivo e circunstancial

Baseia-se aqui a problemática na possibilidade de entendimento do CDT como um grupo que reafirma sua posição à condição de se organizarem entre si, e fomenta novos tipos de iniciativas, projetos e ações dentro de territórios localizados.

A correlação das entrevistas é elencada com os aspectos do ator social, da ação coletiva e, por fim, do conceito de empoderamento.

O ator social é o sujeito que preconiza a mudança social no mundo, por ela é a sua ótica e maneira como ele (sujeito) pretende fazer a mediação entre o que pode ser proposto e a comunidade. Ele se reconhece entre si e se situa como grande sujeito de uma possível transformação social. Avaliamos que esse ator pode ser também vinculado a essas correntes atividades socioculturais.

Na ação social, o sujeito é a pessoa que, à medida que atua, também retoma sua atividade (Touraine, 2007).

Se há sete pessoas que trabalham e assumem diretamente este papel, podemos enquadrá-las como atores sociais.

O ator social é o grande situacionista que, carregado de vontade para a transformação do mundo, cria oportunidades para fazê-lo. Uma das evidências desses atores sociais se revela pela conformidade e aplicação da teoria de PROUT.

Conforme a engenheira civil Denise Mazeto: “E foi nessa época, mais ou menos, que a gente começou com os grupos de estudo de PROUT, na USP. E o PROUT é uma das coisas que dá a base para o Células de Transformação.”³²

Esta teoria é um ponto significativo dentro do grupo e os atores agem conforme suas ideologias.

Do ponto de vista analisado, ideologicamente o CDT se aproxima dessa corrente. Destaca-se aqui esse contato com o grupo de estudo de PROUT, sendo fundamental para o entendimento de atuação do grupo.

Do ponto de vista ideológico, esses atores se aproximam em torno de um ideal. Segundo Denise: “E o Células é um ideal, de um outro mundo. É como o PROUT. É você imaginar, conceber, coisas que não existem. Reorganizar a sociedade.”³³

Outra evidência assinalada é que o projeto iniciou-se em 2007, mas o laço afetivo como um relacionamento entre os membros e a ligação materna de uma das realizadoras, dão forma e característica para o CDT sair da fase embrionária.

Segundo Aline:

“Só que aí o projeto ficou um tempo na gaveta, tipo em 2010 até 2010 mais ou menos, foi quando eu conheci o Giulio. É o de Giulio ele estava há alguns anos trabalhando com Teatro Social, utilizando teatro premier, utilizando várias coisas para criar grupos, ativar grupos de jovens... E aí o que aconteceu é que a gente começou a namorar em 2010, se conheceu um pouco antes e começou em 2010

³² Quarta entrevista em áudio realizada no dia 29/jun.2014.

³³ Quarta entrevista em áudio realizada no dia 29/jun.2014.

a namorar, e aí em 2011 a gente começou a realizar esse projeto, a gente ficou planejando o projeto 2010, buscando formas de captação de recursos.”

Os atores sociais podem ser consubstanciados a agirem em torno de um ideal, mas mencionamos como se dá o processo embrionário que é empático, afetivo e começa por uma ligação.

Entende-se que o projeto inicia-se em 2007 e, em 2010, vai para a parte prática devido a essa ligação. Outro detalhe é que Denise (estudiosa na área de PROUT) é mãe da Aline, primeira idealizadora do projeto.

Substancialmente esses mecanismos são de importância, pois revelam o grupo no seu interior e nas suas formas perspectivas.

Na parte de circunstância, também pode ser correlacionada a idade, o grupo é composto por quatro pessoas com menos de trinta anos e mais de vinte e cinco anos, e três acima dos trinta, sendo que um com mais de quarenta.

Levanta-se a hipótese destes atores estarem inquietos com uma série de problemáticas evidenciadas como uma vontade real de transformação de suas realidades, inquietação com o mundo e assim também um trabalho dedicado à sociedade, entre outros fatores.

Ao analisar a fala de Tanya, seguimos:

“Usamos tecnologias sociais, assim de espaço aberto, investigação apreciativa assim muito tempo atrás, agora que está chegando aqui, isso já faz muito tempo, que a gente estava usando, pensamos em trazer pessoas do mundo inteiro para fazer diálogos, e criar planos de ação, e criar parcerias.”³⁴

Se o grupo já evidenciava seus estudos em PROUT, o que mostra aqui é uma capacidade de improvisação e solução em articulação. O grupo, em sua característica, revela-se como circunstancial, propenso a uma abertura ativa.

Outro atributo aqui apontado é que as circunstâncias, como falta de oportunidades, desejo de mudança, inquietude, são pontos essenciais desses atores sociais (Santos, 1995).

³⁴ Quinta entrevista em áudio realizada no dia 01/jul.2014.

Estes são levados à atuação. Os atores sociais são atuantes e os analisamos sob as óticas ideológica, afetiva e circunstancial.

Já com a ação coletiva, é captação e junção do plano de ideias para execução. Podemos aqui enumerar as atividades propostas em comunidades diversas entre as cidades de São Paulo e Ubatuba. Essa é a articulação desses atores que possibilitam uma tratativa de mediação.

A ação coletiva reside em vários aspectos, entre eles estão a mediação cultural, o diagnóstico participativo e a intervenção em bairros comunitários.

Como exemplo concreto de ação coletiva hoje, dentro do CDT, há o Colab, uma maneira de estudar e atender as demandas na comunidade conforme a atuação dos membros.

De acordo com a Bruna Aita:

“Aí vai um pouco da mediação assim. Tem o Colabe, que é algo novo que se criou esse ano, que é um laboratório onde projetos são criados, muito a partir desse propósito, a partir da relação que cada pessoa criou com um determinado território e aí as pessoas se juntaram em grupos por afinidades e propósitos, dessa coisa com o território e criaram projetos, ideias, sonhos, pensaram em sonhos novos, coisas novas para serem realizadas, mas a longo prazo.”

As ações sociais coletivas conformam um grau de organização dos grupos demandatários, onde se aplica a análise cultural e na movimentação dos atores sociais (Gohn, 1997).

O que ocorre é ação coletiva concebida através da ótica dos atores sociais, na análise do material verificou-se a possibilidade de descentralizar outros projetos partindo da relação de cada ator social com o território. Smelser (1968) enquadra para a teoria funcionalista na qual se pode compreender o grupo como ação de campo não institucionalizada, considerando a ação coletiva como um desejo de mudança e uma significação individual na conduta dos agentes (Gohn, 1997) (Smelser, 1968).

Dois pontos importantes: o primeiro, que a relação com a localidade(ação) se situa num campo não institucional; e o segundo, é que os laboratórios para futuras mediações são formas de mudança de normas e valores.

Sendo a ação coletiva um vetor de mudança, alinha-se aqui o diagnóstico participativo³⁵, que é onde o grupo conversa com a comunidade, fazendo uma interação. Aqui se reforça o caráter de ação interacionista.

Essa participação é medida, e conforme Denise:

“A gente tem um arcabouço de possibilidades que a gente tem que adequar ao tempo, ao lugar e as pessoas. Cada lugar que você vai, as coisas são diferentes, as pessoas são diferentes e o que hoje funciona bem, naquela comunidade, daqui trinta anos pode não funcionar mais. O tempo muda.”

Foram verificadas as formas de interação social coletiva e atuação dos CDT que aplicam os projetos com o intuito da interação, além de ideais culturais e uma representação social respeitando os limites da comunidade.

A intervenção³⁶ é a forma de realocar a ação social, é fazer uma reorganização das possibilidades de interação e inovação, usando táticas de políticas não convencionais.

Segundo a coordenadora de mobilização, Clara, essa intervenção na comunidade é feita da maneira mais simples possível:

“do jeito mais simples possível é batendo na porta, perguntando, indo nos lugares onde as pessoas se encontram, e puxando conversa né, ou, e aí gente tem esse método supersimples, então buscando as organizações da comunidade, aí a gente tem os processos onde a gente usa o mapeamento pela pesquisa, que aí é literalmente bate de porta em porta e aplica as pesquisas.”

Depois deste processo, há uma reflexão das possibilidades de atuação: essa forma de atuar aproxima mais do que cria distância. Se, com quase nada ou pouco, há um esforço do grupo cultural para essa aproximação, fica a nossa observação.

Seguindo Bruna Aita:

“o que a gente faz é se relacionar com pessoas que normalmente estão espalhadas, ou em pequenos grupos. Isso não é um contato com a comunidade como um todo, então, o que acontece, por exemplo, é quando a gente faz a intervenção com um grupo junto com um grupo de moradores específico.”

³⁵ O diagnóstico participativo é a reflexão feita pela comunidade para levantamento das suas próprias necessidades.

³⁶ No capítulo anterior, mostramos a área de atuação do CDT de acordo com o nosso mapeamento.

O grupo se revela como atuante social e, de acordo com o que foi visto, possuem a ação coletiva. Esta ação coletiva não é uma forma pontual, mas um agir do grupo com inúmeras possibilidades de atuação e diálogo com a comunidade.

Habermas (1987) reconhece, na teoria da ação comunicativa, a atuação desses grupos e frisa que o Estado sai da decisão da esfera social onde a atuação e a permanência desses grupos são constantes.

Ao reconhecer a comunidade e, através do diálogo participativo, do contato com a comunidade e de uma articulação com ONGs ou Associações, conclui-se que são formas de atuação dentro do contexto de ação coletiva.

As formas de empoderar são diagnosticadas no grupo como outra característica fundamental na sua própria atuação.

É a forma de despertar no outro a vontade de realizar um sonho, ou partilhar um desejo, trazendo o indivíduo para a sua realidade (Freire, 1986).

Para compreender o empoderamento, ele deve ser encarado na própria ação coletiva do CDT. O empoderamento é maneira pela qual o CDT consegue se aproximar da realidade da pessoa.

De acordo com Bruna Aita: “Se parte dum contexto, o Células, esse se forma como um grupo holográfico, e ele entende a realidade como algo holográfico, como algo holístico, e a gente parte a partir desse contexto holístico e sensível e sutil, a gente parte pra desenvolver coisas mais concretas.”

Essa sensibilidade é a forma como cruzam a fronteira entre o campo das ideias e o fazer, para isso é preciso ouvir. Ao ouvir, um indivíduo trata o outro como solução, começam-se a discutir melhoras dentro de um microcontexto onde podem acontecer as referidas mudanças.

Nas formas de conhecer e se aproximar, desenvolvem-se táticas por parte dos atores para ir a fundo no mundo da comunidade.

Para ouvir o outro, é preciso reconhecer, e o grupo utiliza essa técnica através do empoderamento.

“ a gente não vê a comunidade como mentes vazias, que é o que o Paulo Freire fala da educação bancária, que a gente está indo para depositar informações nas suas mentes. Não é isso. Pelo contrário,

todos nós temos conhecimentos e a gente tem que criar espaços desse compartilhamento. Então, por exemplo, quando a gente chegou no Peri Alto, qual foi o nossa primeira intervenção, assim? Tinha vários talentos no grupo, no Células. Tínhamos jornalistas e tal. Uma menina sabia customizar roupa... Aí, o que a gente fez? A gente foi oferecer atividades gratuitas, para eles viram participar. Porque era o nosso gancho para conhecer.”

A atuação dentro da comunidade começa a fazer sentido quando desperta no indivíduo o anseio para a mudança, e esta é imbuída na sua forma de aproximação.

Você empodera pessoas na qual reconhece que são capazes de transformação de realidade. Faz dos excluídos e de suas organizações uma maneira de transformar as relações de poder que limitam o acesso e as relações em geral com o Estado, o mercado e a sociedade civil. (Romano, 2002). Essa aproximação é consentida e de forma sutil.

Nas palavras de Aline:

“gente desenvolve, a gente busca fazer um processo que faça emergir da própria comunidade, os sonhos as demandas né, e tornar isso uma realidade com eles, a gente não gosta, não atua a partir da lógica de fazer intervenções que não estejam de acordo com o que as pessoas querem”

Mesmo o empoderamento pode ser uma forma de tensionar o debate e, nas palavras de Clara, que fala sobre a metodologia *Dragon Dreaming*:

“ele é aplicado principalmente pra transformar um sonho individual, em um sonho coletivo né, então é fazer com que aquilo tenha um pedaço de cada um, então o sonho que era de uma pessoa de ter um parquinho, você envolve as outras pessoas. Ah, podia ter um parquinho, o que mais podia ter? E aí de repente um negócio que era assim vira um campo de futebol, com tudo que eles querem né, então tem essa característica”

A metodologia utilizada é uma maneira de ouvir as pessoas da comunidade, pois nesta há reconhecimento por parte de algumas pessoas das possíveis melhoras que possam ocorrer.

Na junção de várias possibilidades individuais se esforçam para o sonho coletivo.

Bruna também reforça esse argumento e diz:

“acho que é isso a partir do sonho, a partir do sutil, a partir da história das pessoas, a partir dos aprendizados, num encontro, quando você encontra uma pessoa que você pode trocar tem bastante possibilidade, a partir do sonho comum, quando a gente se conecta e percebe que a gente tem o mesmo sonho e é um sonho que tem muita afinidade ideológica”

Podem ser também mencionadas outras formas de empoderamento de grupo para grupo.

Coloca-se aqui que, após o curso de protagonista social no Peri Alto, foi criada a Associação de Moradores, já com participação na discussão de orçamento participativo junto à secretaria do Estado de São Paulo.

Destaca-se a importância desse fator, pois, a partir disso, a sociedade civil se organiza e consegue traçar um diálogo efetivo e participativo junto ao Estado.

Os atores reivindicam e permitem que direitos constituídos em espaços delimitados passem a influir em novos modos e estilos de vida e, portanto, em novas configurações de reivindicações de direitos em que se entrecruzam lutas por reconhecimento e por redistribuição de recursos materiais.

De acordo com Denise Mazeto, em relação à Associação:

“Eram pessoas que já se conheciam, daquela comunidade, muitos parentes, frequentavam a mesma igreja, só que só depois, que eles começaram a participar de reuniões que a gente estava propondo, das atividades, é que eles falavam: “Puxa...” Eles enxergaram que para eles era importante formar uma associação. Formaram a associação e estão, até hoje.”

Alguns pontos chamam a atenção, como: capacidade em dar possibilidades para os moradores, dentro da comunidade, realizarem seus próprios desejos, inserção e troca entre mediados e mediadores, numa descentralização do ideal do CDT.

Para a pesquisa, há uma dificuldade em obter dados sobre os mediados dentro de comunidades, e o grupo ainda está em fase de mapeamento de dados e trabalhos que já foram realizados.

Valoriza-se e correspondem-se as atividades de potencialização, juntamente com uma série de problemas enfrentados, e confirma-se que existe a possibilidade da integração feita em conjunto e no desenvolvimento de potencialidades locais.

A avaliação, conforme pesquisa e observação, é que o grupo é efetivo, esse mecanismo de empoderamento possibilita uma aproximação junto da comunidade, e destaca-se o papel do CDT frente a estes locais.

Nessa parte, foi estudado e traçado um paralelo do ator social, suas ligações (contorno ideológico, afetivo e circunstancial), na sequência foi estudada a ação coletiva na ótica dos entrevistados das observações diretas sob a mediação cultural, diagnóstico participativo e intervenção em bairros comunitários.

Concluiu-se que houve o empoderamento prático, mostrando exemplos evidentes e claros das possibilidades de ação.

Toda a observação foi residida de acordo com a fala e a análise dos entrevistados, destaque para atividades mencionadas importantes que possibilitam um melhor entendimento sobre o CDT.

Alguns pontos devem ser destacados como a capacidade de articulação, o despojamento do grupo e a velocidade pela qual realizam suas ações.

5.2.1 Traços dos NMSs no CDT

Anteriormente, o que foi exposto, procurou correlacionar à ótica dos membros com as referidas investidas do CDT no campo Social.

Nesta parte, será abordado o CDT e suas respectivas ações através do olhar dos atores sociais inseridos dentro do contexto de articulação na comunidade.

O grupo tem diversas características e, aqui, já traçamos as suas peculiaridades e os seus mecanismos de atuação.

Ainda que seja recente, fica nossa ressalva em considerar esse grupo como parte de um novo movimento na área social. Foi traçado um resquício, observando numa microescala, avaliando e apontando uma perspectiva de estudo na área do campo social.

O que inicialmente conclui que o grupo teoricamente pode ser observado na grelha como atuantes de um Novo Movimento Social.

Este grupo de características particulares está ainda em formação, não há uma característica bem definida, mas já tem um campo de atuação.

Observar-se-á agora o CDT que tem atributos de um NMSs, termo que pode ser aqui utilizado pela dimensão e pelo momento no qual se encontra o grupo. Em três pontos sustentar-se á o argumento. O primeiro é que dentro do grupo há um percurso chamado de protagonismo social. No segundo, falar-se-á de PROUT e, no final, na ação territorial, local como forma prática e efetiva do campo de ação.

O protagonismo social é o percurso dentro do grupo, por ele compete o ingresso dos multiplicadores das ações do CDT. No percurso protagonizado conhecido como protagonismo social pelo CDT, fica clara a ideia de ações descentralizadas.

De acordo com Giulio Vanzan, um dos idealizadores do projeto: “O diálogo com a comunidade é feito pela pesquisa e pela relação contínua dos voluntários com as pessoas da comunidade, em particular com quem participa do projeto e faz parte das células de transformação comunitárias.”³⁷

A pessoa envolvida parte para um curso dentro do grupo voluntário, gratuito, com quatro módulos.

Para Aline, este percurso de protagonismo está ligado à atuação do voluntário e interessado no projeto e no modo de atuação do CDT. Segundo ela:

³⁷ Sexta entrevista via internet realizada no dia 02/jul.2014.

“Então por essa necessidade de formação inicial, a gente fazia o primeiro modo de protagonismo social, e um segundo módulo de pesquisa. Pesquisa participativa. Então eles interpretaram isso como um curso, mas a gente via como necessidade de formação de voluntários. Então a gente chamou de percurso.”

Três pontos aqui chamam a atenção: primeiro, pela articulação e pelo caráter descentralizador, pois dentro deste percurso há a chamada aplicação do projeto, juntamente com a pesquisa ação³⁸.

O segundo, que inicialmente este trabalho começou sem nenhum incentivo e com uma característica de voluntariado; e, terceiro ponto, só recentemente trabalham com verbas de editais.

Aqui, como abordado anteriormente, o grupo se organiza primeiramente com fundamento e perspectiva de uma mudança através de uma ação.

A ação não é legitimada com uma verba de edital, porque esta se dá antes, à medida que o projeto entra em seu vigor e realização, a ação social é legítima. Por isso a consideração aos mecanismos internos do grupo. As pessoas, ao passo que atuam e se envolvem, refletem para o caminho e objetivo do grupo. O (percurso) protagonismo social é chave dentro do CDT, pois ele entrega a todos os multiplicadores a maneira como o CDT pensa e age.

Na segunda observação, atentou-se para a influência de PROUT dentro do CDT. PROUT é uma teoria socioeconômica desenvolvida, em pelo filósofo indiano Prabhat Rainjan Sarkar. PROUT é uma filosofia que sintetiza as dimensões físicas, mentais e espirituais da natureza humana. Delineia uma alternativa aos paradigmas socioeconômicos do capitalismo e do comunismo.

Dentro do grupo, é fundamental o entendimento dessa teoria para adentrar no entendimento dos mecanismos de realização do mesmo.

Atualmente, há vários grupos de poucos atores sociais que trabalham com PROUT, veem-se grupos espalhados por América do Sul e Europa não somente o CDT. Isso nos faz refletir na característica destes atores (CDT), no contexto de um novo movimento social.

³⁸ Nesse termo, utilizado e aplicado de acordo com tema preconizado por Paulo Freire, utilizam-se das técnicas de participação e empoderamento.

Na análise de PROUT, esse grupo se coloca como grande mediador na perspectiva de um mundo melhor. PROUT é a motivação para a atividade econômica é atender às necessidades humanas, acelerar o desenvolvimento dos seres humanos, com o intuito de utilizar progressivamente o potencial dos diferentes recursos, serviços e ideias, visando ao bem-estar coletivo.

Segundo Aline:

“durante 2007 a 2010, o Células tinha um grupo de estudo de PROUT que é uma teoria socioeconômica, que a gente tinha um grupo de estudos reunindo todas as terças, e aí depois que isso trouxe também pessoas para o processo do Células, é aí a partir daí, depois o grupo de estudos acabou e só foi o processo do Células.”

Para o grupo, há possibilidade de transformação quando há uma mudança no plano individual.

Avaliou-se que essa mudança foi a grande chave para uma contextualização, e reforço da perspectiva de grupo. Como resultado, conseguem uma mudança plena de mundo e uma transformação de nossas realidades.

Durante esse trajeto, diversas maneiras são experimentadas, colocadas e refletidas para um mundo melhor.

Munck (1997) trata que qualquer desejo de mudança protagonizada por um grupo ou uma pessoa, pode ser ensejo para uma movimentação social. Neste âmbito, Touraine (2006) e Meluci (2001) também se pronunciam dessa maneira.

Esse desejo de sonho de emancipação individual e depois social é visível na atuação do CDT. Não se posicionam a favor de bandeiras ideológicas, mas travam uma disputa social por melhoras gradativas, individuais e em comunidade.

A luta por esta emancipação é a própria continuidade de trabalho do grupo, que, ao menos, antecipa-se às políticas públicas oferecidas pelo Estado.

Nessa perspectiva individual para sociedade é que ocorre um aprofundamento nos problemas sociais dentro das comunidades, o que se resume colocar em prática o próprio empoderamento, a pesquisa, novos

mecanismos de articulação e participação, e, como efeitos imediatos, há a comunhão, diálogos, partilhas para melhorar um bairro ou comunidade.

Chama a atenção para o conceito de público que tem o grupo, a fomentação começa individualmente para depois uma realização em conjunto. Além de PROUT, pesquisa, metodologia *dragon dreaming* e empoderamento são maneiras que o grupo age e atua, encontrando formas de resgatar o indivíduo e, por conseguinte, a autoestima individual e coletiva, para assim seguir com um trabalho dentro de comunidade.

O apontamento é que um agrupamento de pessoas que tem sonhos individuais e partilhas coletivas em comum pode, de fato, fazer a diferença.

E quando falamos no desempenho, queremos apontar o CDT dentro desta pluralidade e nas possibilidades de atuação Novo Movimento Social, e depois, um diálogo que este vem a efetivas com o Estado.

E o diálogo é firmado por esse grupo quando consegue, na perspectiva de ação de grupo, manter uma parceria com a Universidade de São Paulo, fundamentalmente pós sucessivos estudos e ações, e obtêm verbas de editais para manutenção do grupo, além de parcerias pontuais, como foi feita com a Prefeitura de Santo André na Cidade de São Paulo.

Reforça-se o caráter do grupo superando as limitações e com atuações nas articulações (como Escola, ou casa), mas apontam-se a atuação e a capacidade de improvisação do grupo que faz reuniões nas ruas.

Segundo Denise:

“mas quando a gente começou a atuar com Peri Baixo foi na rua, foi maior na rua, num terreno da EletroPaulo que tinha lá, uma coisa assim. No Limão Lidiane, é um conjunto habitacional, entoa é num salão de festas e no pátio, e Ubatuba era dentro da sede de AMURT”³⁹

Há também um diálogo feito diretamente com a comunidade.

No último ponto, falamos da ação de território local. Aqui foi abordada a dinâmica da recepção e diálogo com a comunidade. Esse diálogo fomenta participação, entrada do grupo e aplicação do projeto.

³⁹ ONG Associação civil de caráter beneficente.

Verificou-se que essa zona parte muito mais para uma mobilização feita após certo conhecimento de algum morador da comunidade. A ação pode ser preconizada pela preconização do ideário do CDT nos bairros e comunidades.

“Ao contrário de uma tolerância positiva que promova um reconhecimento do estranho, poderá brotar a disponibilidade dos sujeitos e grupos para negociarem, de modo autônomo e no respeito por aquilo que os diferencia de maior equidade social e de juízo sobre a sua condição e sua individualidade.” (Sousa Santos, 1996, 2000; Fortuna ,2002).

O que se enfatiza é que esse estranhamento, ele faz parte do contexto de interação e reforça o caráter de trabalho em grupo.

Através da postura dos atores e dos relatos, conclui-se que o CDT tem traços e limitações, e pode ser estudado como partes de um contexto de NMSs.

5.2.3 Os novos intermediários culturais face ao pós- modernidade: a ótica dos novos facilitadores

Aumenta a procura por facilitadores culturais capazes de buscar, em diversas tradições e culturas, novos bens simbólicos e, além disso, fornecer as interpretações necessárias sobre seu uso, verificando, na sua forma de ação, maneiras distintas de atuação.

Featherstone (1996) e Bovone (1997) nomeiam esses agentes como os novos intermediários culturais, aqui nesse trabalho, em termo usam-se esses mesmos facilitadores e mediadores.

Numa observação empírica, de acordo com os dados estabelecidos pelo grupo, foram alguns desses intermediários culturais e como se podem ter números qualitativos de acordo com seus membros.

De acordo com o grupo, todos possuem formação superior, sendo que seis dos sete entrevistados são mulheres.

De todos os entrevistados, quatro estão na faixa de vinte a trinta anos, dois acima dos trinta e uma acima dos 40.

De acordo com a nossa análise de todos os entrevistados, todos os membros são oriundos de pais de classe trabalhadora, em sua maioria, com exceção de dois que têm ensino superior. De acordo com a nossa visão, a classe dos membros é média.

Isso foi observado anteriormente, e colocou-se estes facilitadores como grandes protagonistas no cenário de mudança social.

Nas entrevistas e no diário de bordo, o que mais pode se ver é o desejo por mudança. Desejo este que está na busca por melhores condições para a sociedade.

Além da camada jovem do grupo, analisa-se a fala de Denise, uma das mais experientes e uma das formadoras dentro do CDT. É uma pessoa com busca de sonhos e de realizações.

Nas palavras de Denise: “Mas logo que eu entrei no colégio técnico, eu já comecei a entrar na área de engenharia civil, para trabalhar com projetos. E trabalhei uns quinze anos com isso. Só que aí, começou a me dar um vazio tão grande... E aí, eu comecei a buscar outras coisas.”.

Não é uma característica de uma personagem a inquietação, mas a busca por uma vida mais plena, saudável e com mais cooperativismo faz destes atuantes protagonistas e facilitadores culturais.

Num primeiro plano, que corre entre os anos de 2010 a 2013, a atividade do CDT era secundária, sendo que o grupo tinha outras formas de trabalho e fontes de rentabilidade, tendo a atividade (CDT) num segundo plano.

De dois anos para cá, conforme realizações e trabalhos, em comunidade a demanda de ação aumentou e o trabalho também, por isso uma atuação a partir de verbas oriundas de editais, que atualmente mantêm o financiamento do grupo.

Cinco integrantes deste grupo trabalham somente com o CDT, este trabalho atual só é possível, pois há verbas de editais e estas são divididas de acordo com hora de trabalho e por frente de atuação (coordenação).

Alguns pontos chama a atenção, como um grupo que se organiza e tem um caráter voluntário num primeiro momento, subsequente a isto, estabelece um diálogo com o Estado à medida que ganha um edital para realização de projetos.

Aqui notamos que a organização do grupo antecede, as ações se projetam e, em determinado momento, são colocadas como atividades secundárias, mas há um comprometimento e uma disposição em atuar para uma mudança na sociedade. Outro ponto é que o grupo ainda é plural mas ganha força quando ganha um edital.

Nesse ponto, colocamos estes novos facilitadores como grandes transformadores e catalizadores de novas formas de atuação. Nessa forma de trabalho, eles propõem novos modelos organizativos que possibilitem uma realização de trabalho.

Em face do pós-modernismo são várias as características, mas apontamos aqui: pluralidade nas ações, ações descentralizadas, novas forma de diálogo, uma autonomia para realização das atividades, fluxo de velocidade dos resultados e um dinamismo peculiar próprio.

Dois quesitos apontados dentro dos facilitadores, podemos reforçar a ambivalência e a reflexividade. A ambivalência entende-se no caráter multicultural das realizações, aliado com a condição subjetiva do próprio indivíduo.

Nas palavras de Clara: “Antes de trabalhar no Células, eu trabalhava numa Multinacional Espanhola, como secretária, era Assistente Corporativa, e aí, eu fazia trabalho duplo né, eu trabalhava lá, e trabalhava no Células nos finais de semana, nos projeto e agora que eu estou integral aqui.”

Seguimos com Bruna, que trabalhou também em outro grupo cultural e em paralelo o CDT. Segundo ela: “Eu trabalhei no ‘Outras Palavras’ e também, há um tempo eu trabalho com organizações sociais e eu estou no Células desde o final de 2011. Entrei no final de 2011 e até hoje. E também já trabalhei com outras coisas e tal, enfim.”.

A esta ambivalência que se refere Bauman (1991), Bovone (1997), afirmando que é a busca pela sobrevivência dentro da sociedade atual, como também aliar a realização de sonhos, desejos e projetos.

Nossa observação é que demandou um tempo relativo para conciliar toda a energia investida no CDT, mas também como um grupo consolidado e capaz de manter financeiramente os envolvidos. Percebe-se isso na maioria dos entrevistados do grupo, que dedicam-se integralmente ao CDT.

Reflexividade é que, a cada momento em que esse grupo, em seu momento de reflexão, aponta sua direção para outros caminhos, é quando os atores conseguem ter uma noção das atividades desenvolvidas para que consigam atuar de maneiras distintas, com resultados satisfatórios.

Para comprovar a reflexividade, analisamos forma de atuar do CDT na fala de um dos facilitadores, Denise. Segundo ela:

Eu vejo como horizontal, agora, não sei se todo mundo vê [risos].
Inclusive a gente, até o ano passado, a última turma que a gente fez, a turma seis, teve pessoas que falaram, que sentiam falta de ter alguma coisa, por ser aberto demais. Porque a gente dá total liberdade para as pessoas, claro, com alguma consciência, não é? Também não vai chegar na comunidade oferecendo armas, nem drogas [risos]. Mas dentro de alguns critérios, as pessoas que entram, elas já passam por um processo de ter o discernimento, não é? Coerência e tal.

Aqui se observa o trecho: *“teve pessoas que falaram, que sentiam falta de ter alguma coisa”*. Para este estudo, o grupo, através de seus membros, consegue dialogar com seus interlocutores, e reflete sobre seu caminho. Tanto que a entrevistada afirma o contexto de liberdade que dá para atuação, mas com alguns direcionamentos e ressalvas.

Esta reflexividade é vista na ótica do membro e na forma de estar perante o mundo, e como ele faz a mediação e a constituição um modo de estar do intelectual moderno (Prandstraller, 1990).

Contextualizam-se também esta reflexividade através da abertura e do diálogo que o grupo dá.

Nas falas de Aline:

que a gente viu muito no passado, e a gente fez isso e que o processo, quando a gente começou a ver como muito ineficiente, por que faltava direcionamento para esses grupos se a gente deixasse tudo aberto de decisão, isso se tornava o processo lento e no final a gente tinha um processo bem horizontal, bem de vamos decidir qual é a estratégia da captação, só que isso acabou que a gente no final a realização desse processo foi muito pequena.

Se tivesse mais direcionamento em termos, mais direcionamentos estratégicos, a gente teria atingido mais. Isso elevou a gente a repensar a nossa estratégia de formar grupos, de grupos organizacionais, que isso era uma estratégia de tentar impulsionar o projeto que era muito voluntário, mas também a gente começou a ver que isso era e ineficiente...

Observam-se duas falas, com duas abordagens diferentes e, na contradição e na reflexividade, como fundamentais dentro do processo de ação do grupo. Habermas (1981) defende a potencialidade do intermediários, mesmo com a ambivalência e a contradição.

Esses facilitadores são motivados por algo que está além do seu alcance. Pensar numa transformação é a busca por uma melhora de atuação dentro da sociedade. A forma que estabelecem diálogo com a comunidade é através da realização de projetos.

Aqui a gente vê esta classe descontente se propondo a discutir projetos para realizações em sociedades. Esse grupo é o que pensa em como fazer uma intermediação, ele não está na classe trabalhadora e nem na classe alta, mas se situa como um facilitador.

Os projetos intermediados por esses atores geralmente têm cunho local e conseguem adentrar no campo de políticas públicas, possibilitando um diálogo e uma possibilidade de aplicação de propostas que visam à emancipação social. Aqui já falamos dos projetos ganhos em editais.

Fecha-se essa parte que os intermediários são a possibilidade do presente em mediar situações conflitivas em curso dentro da sociedade.

Procurou-se, neste capítulo, fazer uma conexão com as entrevistas dadas pelos membros, como também cruzar os pontos estudados anteriormente.

É preciso observar o grupo de maneira externa, como também os mecanismos de articulação interna de modo que facilite sua real posição.

Percebe-se a dificuldade de ação no que antecede projetos em editais e organizações em comunidades, como também o campo de solução sociocultural a que se propõe o grupo no cenário social.

No enfrentamento de barreiras, aparecem soluções eficazes e pontuais que minimizam o impacto das dificuldades encontradas no campo social.

Conclusão

Após uma incursão teórica que incidiu sobre a dimensão cultural num contexto teórico de intervenção social, mediação sociocultural do CDT, grupo cultural dentro da concepção de novos movimentos sociais, foi feito um estudo de caso e observação indireta com foco nas entrevistas e revisitação teóricas.

O estudo do CDT se deu sob diversos ângulos. Assim observado como um prisma, os aspectos foram divididos em pontos relevantes conforme pesquisa, para facilitação do estudo de caso.

No primeiro capítulo, ao abordar cultura, foi estudada cultura de maneira ampla, conseguindo enquadrar o CDT depois de um tempo de pesquisa. Essa cultura é o campo geral atrativo em que os atores sociais, na proporção que incorporam sua própria maneira de estar no mundo, também conseguem transmitir a outras pessoas seus ideais, sonhos e potencialidades.

Logo, essa transmissão é a maneira pela qual o grupo, ou os próprios atores, conseguem partilhar algo que acham importante e inerente à formação do indivíduo.

Ao avaliar o CDT, foi observado, sobretudo no estudo desta temática, e aqui se conseguiu realocar a condição do grupo como também ilustrar a possibilidade de observação nesse campo. A opção começou por esse item para ir aprofundando e delimitando o campo de pesquisa. Se o campo cultural de pesquisa foi vasto, colocou-se o grupo sob o ponto de vista artístico.

O estudo no campo da cultura (e dentro dela) e o olhar para a arte abriu a possibilidade de enquadrar o grupo na ótica artística, pois, atualmente, este reúne uma série de atividades ligadas às artes.

Também foi fundamentada a experiência estética como um processo único, em que a atuação do indivíduo está correlacionada com sua própria mediação propriamente dita, em que todos os envolvidos se beneficiam, tanto aqueles que aplicam o projeto quanto os que por ele são mediados.

A ligação ao campo das artes foi uma das observações ao longo da pesquisa. O grupo possui um caráter de formação artística amplo, em que reside uma série de atividades heterogêneas, além de um vasto campo criativo.

Atividades como cinema, dança, permacultura, teatro, yoga, fotografia são apenas itens das inúmeras possibilidades pelas quais o grupo dinamiza suas atividades.

Observou-se que os trabalhos aplicados se dão de forma criativa e ressalta-se que, no próprio percurso social iniciado pelos multiplicadores, fica claro que ideias em potencial também são aceitas para futuro desenvolvimento, ou seja, há um caráter exploratório de ideias embrionárias.

A educação estética é a chave para uma aproximação e uma identificação com o projeto. Nesta educação estética, os membros atuam. Durante o tempo de pesquisa, ficou marcado o quão forte é a experiência e ampla é a dimensão de envolvimento no local de trabalho dos envolvidos.

Quando nas ações culturais atingem-se níveis profundos de emoção, todo o condão de sensibilidade é visto entre os participantes, sendo assim, conclui-se a importância da experiência estética.

Nesta experiência estética, outro ponto a ser observado foi que as aplicações dos projetos fogem dos modelos convencionais, à medida que, aplicada a experiência, esta fica marcada para os participantes e mediados na comunidade.

É possível falar em alguns exemplos desta experiência estética, como no curso de “Teatro Social” na comunidade, em “Yoga em periferia”, cursos de permacultura em locais inóspitos e sem condições. Estes contrastes e particularidades fazem da experiência um momento único, uno e indizível.

Ponto marcante que também foi observado é que não há um fechamento do grupo, ele ainda está em fase inicial, e todas as atividades acabam por ter um cunho experimental, tendo em vista que a localidade e a realidade local são fundamentais para a aplicação do projeto. Por isso, a relevância e a importância deste aprofundamento.

Nesse mesmo capítulo, foi estudado o grupo como um coletivo sociocultural, e decidiu-se aqui ampliar esse entendimento justamente pela formação de diferentes aspectos em que reside o grupo. O estudo foi sob o núcleo do grupo, por isso, na primeira fase, procurou-se entender, através da bibliografia, como atrelam as características desse grupo, também citando a forma como se organizam, assim revelando suas nuances e características. Apesar de um núcleo de organização e coordenação, o grupo é receptivo para o envolvimento de outros participantes.

No primeiro ponto deste item, foi traçado um paralelo com a Unesco e sua resolução com acultura, assim podendo enquadrar grupos que trabalham como atividades socioculturais artísticas.

Já nesta parte, foram evidenciados aspectos positivos dessa organização, sendo citados itens como: inovação, forma de organização, velocidade e criatividade como fundamentais para a articulação do CDT.

Como o tema é relativo a grupos socioculturais artísticos, o que se percebeu foi que ainda está em formação a bibliografia recente. No início, quando foi analisado este grupo, viu-se a possibilidade de compreender essa mediação de um modo genérico, de forma que facilitasse para o leitor uma familiarização com o próprio grupo estudado.

A escolha pelo estudo de caso do CDT procurou, nesta parte, somente, traçar o cunho teórico da referida dissertação, além de aproximar-se da teoria, definindo elementos como parte fundamental para o sustento do ponto de vista discorrido.

Vários pontos podem ser enumerados, como o CDT nunca ter sido estudado anteriormente, a cultura ser ponto de partida para um enquadramento teórico, a dimensão estética ser fundamental para entender o quão significativo é o processo de ação do grupo.

Foram estudados autores clássicos que falassem sobre o tema, mas também foram dadas vozes a autores contemporâneos que discorreram sobre o referido tema (cultura, arte, dimensão estética e grupo sociocultural).

Seguindo a dissertação, tendo em vista uma primeira abordagem teórica, foi atinente a observação para três pontos fundamentais do CDT dentro do estudo de campo social: Ator Social, Ação Social Coletiva e Empoderamento.

Em ator social, foi procurado dissecar o papel desse sujeito tão falado dentro da história contemporânea. Autores com Touraine, Munck, Bourdieu definiram nesse ponto o que são esses atores.

Através de Bourdieu, foi observada a ação propriamente dita trazendo o conceito de *habitus* como a observação fundamental para mudança de cenário.

Foi feita uma linha da atuação desses atores como uma oportunidade e um desejo de transformação, tanto em nível pessoal/individual quanto grupal/coletivo.

Esses atores sociais enquadrados e referidos teoricamente passam a ganhar força para análise e estudo, sendo assim um tema de caráter universal.

O ponto de conclusão estudado foi que os atores sociais, nesse caso, querem uma transformação de realidade pelas quais estão parcialmente inseridos, através de uma ação social coletiva, sendo esta de baixo ou alto impacto na comunidade.

Na ação coletiva, foi feita uma abordagem teórica e histórica, concluindo ser a ação propriamente dita, sendo definida, como a entrada e a atividade do CDT dentro da comunidade. Nessa observação, ficou evidente como atuam os mecanismos para que a aplicação do projeto seja concreta.

Ao tratar os projetos do CDT como mais um mecanismo de ação coletiva, foi observado o diálogo que foi feito com cada propositura de projeto, além de localizar, teoricamente, em que lugar o grupo está inserido.

Falou-se na ação social coletiva interacionista pela interação desta sendo a medida certa para a propositura de diálogo. Também foram distinguidos pontos genéricos de falhas de políticas públicas que possibilitam o surgimento desses atores sociais, fazendo, assim, um apontamento do que possa vir a ser melhorado dentro de sociedade.

Na ação coletiva, acenou-se, com Parlsom e Smelser, da teoria "interacionista", que foi aqui que o CDT se encaixou como grupo que coloca a comunidade como um objeto de suas ações, a partir do momento que adentra na realidade local e também consegue interagir, sendo uma troca dialética. As ações do CDT foram colocadas como uma maneira de estabelecimento de diálogo com o Estado através de iniciativas socioculturais, comprovando, assim, a ação social coletiva.

Atentou-se que as ações do CDT são em locais pontuais, e estas mediações variam de acordo com o contato com cada região. As ações coletivas pontuais têm força a médio e a longo prazo, de acordo com as variáveis da comunidade e da região onde forem aplicadas.

A ação coletiva, então, tem essa característica de mudança no campo social. Quando se falou de um grupo que atua em conformidade com práticas socioculturais, entendeu-se que é fundamental identificar a atuação de cunho social. Mobilidades, proposições, tentativas que envolvem diretamente a vida das pessoas na comunidade.

Acreditou-se que o CDT tem estes traços e peculiaridades o que reafirmou o estudo para a ação coletiva. Foi fundamental verificar dentro de projetos em comunidades este elemento, pois assim pode ser observado através de uma forma holística.

Outro elemento importante é o empoderamento. Propositamente o grupo trabalha com este conceito, para tornar os moradores locais, assim como os envolvidos no projeto, como os grandes transformadores de realidades.

Neste ponto, foram verificados a teoria e os aspectos como poder local, envolvimento, participação e reflexão, concluindo que são fatores fundamentais do CDT.

O empoderamento foi o primeiro dos elementos estudados que se evidenciou no primeiro contato com o CDT. Nas observações diretas e indiretas, este faz parte, atualmente, das dinâmicas de grupo.

Em palestras proferidas, seminários e *workshops*⁴⁰ pelo CDT, fica clara a maneira como leva o conceito de empoderamento para as pessoas.

Assim como o grupo, a dissertação seguiu o conceito de empoderamento com base nos estudos de Paulo Freire. Em todas as atividades é percebido este item, como fundamental dentro das ações do CDT.

Outro ponto visto abordado foi que o grupo utiliza também PROUT, se valendo de elementos fundamentais como: o despertar individual, um processo de autoconsciência, o despertar de sonhos e a descoberta de potencialidades individuais e coletivas. Correlacionando o empoderamento com PROUT, observaram-se algumas semelhanças como aproximação, a paridade de pessoas (envolvidos e aplicadores) em que se aplicam projetos, diálogo, participação, vivência e celebração.

A convergência entre um e outro é devida à relação do próprio CDT, e o seu resultado imediato é o diálogo junto à comunidade.

No terceiro capítulo, após toda a reunião de elementos abordados nos dois primeiros capítulos, foi pertinente o enquadramento teórico na teoria dos NMSs.

Colocou-se o CDT sob três prismas inicialmente: ator social, ação coletiva e empoderamento. O CDT foi observado dentro desses novos enquadramentos, sendo a maneira de estudar um microponto dentro do campo social. Apesar de ações locais pontuais, fica evidente a possível transformação dos moradores locais.

⁴⁰ Acompanhamento do pesquisador. Método de observação direta.

A própria propositura de projetos é amostra de que esses grupos, quando organizados, conseguem se locomover no campo público, oferecendo possibilidades, alternativas e outros modos de participação em sociedade.

Quando Boaventura coloca alguns grupos que podem ser situados e estudados sob esta ótica, concordou-se com o autor. Também ficou marcado que o oportunismo e a situação que envolvem perspectivas de melhoria de vida fazem desses sujeitos grandes atores sociais.

Assim, o CDT é um grupo que surgiu devido às situações preconizadas anteriormente, como falta de políticas do Estado, oportunidade e inovação, como também, posteriormente, traçando um diálogo com o Estado através de editais.

Nessa linha, acaba por adentrar o campo público, o ponto é que o diálogo foi efetivado após a organização do grupo. Não há possibilidade de observar o grupo tão somente com verbas de editais, mas compreende-se esta como uma etapa secundária e fundamental para a manutenção do grupo.

A crítica inserida foi que a própria política pública cultural deve ser desarmada dos aparatos burocráticos e de interesses financeiros, como também inverter a ordem de manutenção de um Estado de promoção de bem estar social. A nova tendência política é a participação, o envolvimento da comunidade nas decisões de esfera pública.

É preciso reconhecer novas formas de organização, pensamento e grupos que proponham solução sociocultural de impacto local.

Essas pessoas que conseguem realizar transformações fazem com comprometimento ímpar, por isso, o argumento na valorização do grupo enquanto organização que atua sem fins lucrativos.

A limitação é pelo impacto que o grupo causa e, sob esta limitação, também ficou evidente que o CDT tem traços com potencialidades e limitações para ser entendido, dentro dos NMSs.

Essas novas atuações valorizam a democracia, a participação, e são molas propulsoras para o desenvolvimento de associações, organizações sem fins lucrativos ou outras formas que envolvam participação local.

Conforme Gohn, o Estado transformou suas relações com a sociedade civil organizada, impulsionando políticas públicas participativas, muitas delas

coordenadas ou com a participação de antigas lideranças oriundas de movimentos sociais.

Foi observado nas atuações e nas reivindicações do CDT, autonomia, independência, democracia de base, autenticidade, espontaneidade, comunitarismo e cidadania. Entretanto, não necessariamente provocando mudanças estruturais na sociedade, mas apresentando uma nova forma de fazer política. Portanto, frisa-se o reconhecimento do grupo, que é autêntico, espontâneo e trabalha diretamente com comunitarismo e cidadania.

Apontou-se a articulação em rede, trabalhou-se nesse item por entender que, na atual conjectura esta articulação é importantíssima para o próprio CDT.

Como o grupo se aglutina, faz todos os mecanismos de convite, participação e eventos que são feitos através da rede. Este argumento foi verificado em Castells, e reconheceu-se o poder que pode ser atribuído ao grupo em tais circunstâncias.

Tal mecanismo, na visão da dissertação, dá força para o grupo que, através da velocidade, também ganha pela troca. Não deve ser considerada uma simples promoção do CDT. Foi objetivo ir um pouco além da perspectiva sociológica, avaliando que o grupo possui a tecnologia, uma ferramenta de grande importância para poder trocar, divulgar e ganhar outros adeptos.

Sob esta ótica, a articulação em rede é um grande poder para o CDT, a observação é não somente para ele, mas para todos que conseguem trabalhar com a rede. O que a gente vê é a potencialização das ideias que, com poucos recursos, ganham contornos e uma dimensão espetacular.

É possível, com o uso criativo da tecnologia, gerar um alcance potencial global, a ação coletiva promovida através de redes sociais concentra sua ação em prol de uma causa sociocultural. Essa causa pode ter um aspecto cultural, social e político.

Arremata-se, como Warren, que o uso da tecnologia anuncia uma nova realidade. Assinalou-se que a falta de credibilidade dos políticos e das instituições são fatores para o avanço de trabalhos sociais em outros campos, como o tecnológico.

A tecnologia é uma arma poderosa nesse sentido, acaba por se tornar um desafio, e a melhor maneira de utilizá-la em favor de um benefício social é

se apropriando dela, sendo assim fundamental a análise do grupo nos meandros tecnológicos.

Foi feita a tentativa de relacionar a ação consciente do grupo com sua movimentação em rede.

Quanto ao campo de atuação, ele (o CDT) não se restringe, passa pelos meios tecnológicos, mudando a visão da realidade, permitindo uma revelação enquanto possibilidade de reestruturação da sociedade.

Sob este ponto, fechou-se a primeira parte, colocando os atores sociais na perspectiva de novos intermediários culturais em face do modernismo e do pós-modernismo.

Vários pontos fizeram reforçar o argumento e muito pelo perfil que o grupo apresentou. Na coleta de dados, foram verificados classe social, o local que se enquadrava o grupo, e, a partir desde o estudo, foram fundamentados todo os questionários subsequentes dos capítulos seguintes.

Teve-se uma perspectiva e um cuidado para enquadrá-lo, definindo-o como grupo composto por poucas pessoas, cuja formação dos componentes é superior e escolarizado.

Identificou-se por tudo o que foi pesquisado que o CDT é parte de um contingente de pensadores que, através da ação, querem ser os grandes mediadores culturais.

A diferença deste e do terceiro item do primeiro capítulo é que, aqui, colocaram-se esses facilitadores no plano individual e não grupal.

Foi feita uma abordagem primeiramente do que é pós-modernismo, contextualizando-se o grupo no campo da sociologia, além de posicionar-se o CDT.

Destaque para os elementos ambivalência e reflexividade que foram verificados no grupo, onde foram evidenciados pontos como multiplicidade, aceitação da diferença e pluralidade aceitas dentro do cenário pós-moderno.

Procurou-se mostrar o reflexo da tensão, evidenciada pelos resquícios sociais e pela falta de ampliação de políticas públicas, concluindo que os novos facilitadores percebem e fazem o caminho inverso, possibilitando, organizando-se para depois travarem um diálogo com o Estado.

É importante ressaltar que o desequilíbrio vigente do sistema, as faltas de políticas públicas e um Estado regulador e atendente dos interesses

econômicos são fatores essenciais para compreender os novos facilitadores culturais e, assim, olhar para o surgimento do CDT.

Nas partes seguintes, fechou-se o estudo com a forma metodológica que utilizou da correlação com as entrevistas e a fala do grupo com todos os itens abordados. Neste primeiro ponto, ficou a observação que o grupo é muito recente, então, ainda está em fase de organização, por isso, a dificuldade em obter material escrito criado pelo grupo.

O aspecto pesquisado utilizou metodologia empírica que visou esmiuçar toda a parte sistemática do grupo, facilitando o entendimento e a futura pesquisa por outros estudiosos.

Esta parte foi organizada detalhadamente, para não haver dúvida de como atua o CDT. A impressão que se teve foi com o caráter criativo e de inovação que foi colocado este grupo. Ainda em fase de movimento, acredita-se que esses tipos de atuações são vanguardas no quesito de desempenho social.

No último item, foram analisadas as entrevistas, dissecaram-se partes essenciais e fundamentais do CDT. Utilizaram-se todos os entrevistados, com declarações e entrevistas, correlacionamos com todo material estudado (bibliografia).

O grupo do CDT vem com o intuito de ações locais, por um desejo de mudança, e aqui foram enumerados diversos pontos e aspectos do referido grupo. O CDT surge muito mais pela necessidade de repensar-se a direção de políticas públicas. Além de serem agentes protagonistas de ações, também são os mediadores junto ao Estado.

Dizer-se á, segundo a ótica proposta, que é grande a oportunidade para reverenciar esses tipos de ações e reconhecer nelas novas formas de cidadania, política e participação em comunidade.

BIBLIOGRAFIA

AIRES, S. **Pequenas Experiências, Grandes Esperanças**. Lisboa: Activar e Participação, 2004.

ANTUNES, M. O caminho do empoderamento: articulando as noções de desenvolvimento, pobreza e empoderamento. In **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Bras, 2002.

ALBERONI, F. **Movement and Institution**. New York: Columbia University Press, 1984.

ALEXANDER, J. **Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil**. Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. Rev. bras. Ci. Soc. vol. 13 n. 37, São Paulo, 1998.

_____, J. **Social Performance**: Symbolic Action, Cultural Pragmatics, and Ritual. Cambridge University Press: Cambridge, 2006.

BANDEIRA, P. **Participação, Articulação de Atores Sociais e Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Ed. São Paulo, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. (1979) São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, A. M. et al. **Arte-educação Como Mediação Cultural e Social**. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

BASTIDE, R. **Problemas da sociologia da arte**. Publicado originalmente como "Les problèmes de la sociologie de l'art", em *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. IV, 3^{ème} année, 1948, pp. 160-171. In Revista Sociológica, tradução: Rosa Maria Ribeiro da Silva. vol. 18 n.2. São Paulo. Nov. 2006.

_____, R. **Arte e Sociedade**, São Paulo: Ed. Nacional, 1971.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar 2001.

_____, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1998.

BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico**: perspectiva y metodo. Barcelona: Ed. Hora. (Trabalho publicado em 1969), 1982.

BOTELHO, I. **A política cultural e o plano das ideias**. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado entre os dias 23 a 25 de maio de 2007, na Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador- Bahia-Brasil.

_____, I. **A política cultural e o plano das ideias**. In: RUBIM, A.; BARBALHO, A. (orgs). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007.

_____, I. **As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas**. In Revista São Paulo em Perspectiva. São Paulo: Editora Fundação SEADE, vol. 15, n. 2, abril/junho 2001. Também disponível no sítio www.centrodametropole.org.br

BOURDIEU, P. **Le Sens Pratique**. Paris: Minuit, 1984.

_____, **Razões Práticas**. Sobre a Teoria da Ação. Campinas: Papirus, 1996

_____, P. **Contrafogos**: Táticas para enfrentar uma invasão neoliberal. Oeiras: Contrafogos, 1998.

BOVONE, L. **Os novos intermediários culturais**. In: FORTUNA, C. (Org) Cidade cultura e globalização. Oeiras, Celta Editora, 2001.

CANCLINI, N. G. **Estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2006.

CARNEIRO, R. **Jovens, Migrantes e Sociedade da Informação e do Conhecimento**. A Escola Perante a Diversidade. Lisboa: Observatório da Imigração, 2009.

CARVALHO, H. M. In Sousa Santos, B (org). **A Emancipação do Movimento no Movimento de Emancipação Social Continuada**. Porto: Edições Afrontamentos, 2004.

CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança. Movimentos Sociais na Era da Internet**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

_____, M et CARDOSO, G. **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Acção Política**. Conferência promovida pelo Presidente da República. Belém: Debates Sociedade em Rede. 2005.

CHERMONT, I. **Interação Social e Evasão Escolar nas favelas do Rio de Janeiro**, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000200001&script=sci_arttext. Acesso em 20 out. 2013

COSTA, A. et al. CAETANO A.P.; FREIRE, I.M. ; MOREIRA, A.; FREIRE, T.; FERREIRA, A.S. **Novos actores no trabalho em educação: os mediadores socioeducativos** .Rev. Port. de Educação v.23. n.2. Braga , 2010.

COHEN, J. L.; ARATO, A. **Civil society and political theory**. Cambridge: MIT Press, 1992.

COUTINHO, C.; CHAVES, J. **O Estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa**. Revista Portuguesa de Educação, 15, Minho: Universidade do Minho, 2002.

CRANE, D. **The production of culture – media and the urban arts**. 4.ed. Londres: Ed.Newbury Park, 1992.

DAOLIO, J. **A superstição no futebol brasileiro**. In: DAOLIO, J. (Org). Futebol, cultura e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 3-19.

DAYRREL, J. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Artigo 2013. Disponível em: http://www.cmjbh.com.br/arq_Artigos/ABA2004.pdf. Acesso em 12 dez. 2013

DEBRUN, M. **A ideia de auto-organização**. In: DEBRUN, M; GONZÁLES, M.E.Q.; PESSOA Jr, O. (Org.) Auto-organização. Estudos Interdisciplinares em

Filosofia, Ciências Naturais e Humanas e Artes. Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência (CLE), Unicamp, 1996.

DUARTE Jr, J. F. **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas. Ed. Papirus, 1988.

_____. **O Sentido dos Sentidos**. Curitiba: Criar Edições, 2004.

_____. **Por que arte-educação?** Campinas, SP: Papirus. (Coleção Ágere), 1991.

FEATHERSTONE, M. **Postmodernism and Consumer Culture**. Londres, Sage, 1991.

_____, M.; LASH, S. **Globalization, Modernity and the Spatialization of Social Theory**. In FEATHERSTONE, M. et al. (orgs.), *Global Modernities*. Londres, Sage, 1995.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____, P. SHOR, I. **Medo e Ousadia: o cotidiano de professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FORTUNA, C. **Cidade, Cultura e globalização**. Oeiras: Editora Celta, 2001.

GADOTTI, M. **Economia Solidária Como Práxis Pedagógica**. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. São Paulo, 2009

GALLICHIO, E. **Empoderamento, teorias de desenvolvimento e desenvolvimento local na América Latina**. Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Bras, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____, C. **The interpretation of culture** New York: Basic Books, 1973.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Ed. Vozes. 2011.

GOHN, M.G. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e Sociedade, v. 13, n. 2, p. 20-31, ago. 2004.

_____, M. G. **Novas Teorias do Movimento Social**. São Paulo: Ed. Loyola, 4.ed., 2012.

_____, M. G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GOULART, D. **As ciências sociais em duas tentativas de análise dos movimentos**. Lutas Sociais. São Paulo, n.23, p.21-31, 2. sem. 2009.

GRAHAN, G. **Filosofia das Artes**. Introdução à Estética. Arte e comunicação. Lisboa. Portugal. Edições 70.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, vol. 1.

_____. A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HABERMAS, J. **Teoria y praxis: estudios de filosofia social**. Madrid: Tecnos, 1987.

_____, J. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 1987.

_____, J. **Teoría de la acción comunicativa**: complementos y estumos previos. Madrid: Catedra, 1989.

_____, J. **Modernity versus postmodernity**. New German Critique. 22, 1981. p.3-14.

_____, J. **Agir comunicativo e razão destrancendentalizada**. Trad. de Lucia Aragão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

_____, J. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. v. 01, Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro.

HADDAD, P. R. **Participação, justiça social e planejamento**. Rio de Janeiro: Zahar Editora; 1980.

HOROCHOVISK, R.; MEIRELES, G. **Problematizando o conceito de empoderamento**. Seminário: Movimentos Sociais, Participação e Democracia. 25 a 27 de abril de 2007, UFSC, Florianópolis, Brasil Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS ISSN 1982-4602 485.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esferas públicas**. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUDT, T. **O século XX Esquecido Lugares e Memórias**. Lisboa: Edições 70, 2010.

_____, T. Um Tratado sobre os Nossos Actuais Descontentamentos. Lisboa: Edições 70, 2010.

KLEBA, M. E. **Empoderamento**: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. São Paulo: Saúde. vol.18. n.4. Out.,2009.

KONESKI, A. P. **A experiência do “impossível”: uma estética do “fracasso”**. In: DA ROS, S. Z.; MAHEIRIE, K.; ZANELLA, A. V. (Orgs) *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.

LARAIA, R. B.. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LANGER, S. K. **Ensaio filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1971.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C.; MARQUES, M. C. C. **"Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização."**. *Cien Saude Colet*, 2009. p.1193-1204.

LOPES, J. R.; MELO, J. L. B. **Democracia, desigualdades e direitos desterritorializados**: um esboço da questão. *Ciências Sociais Unisinos*, vol.44, n.1. 2008.

MACHADO, A. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. *Revista de Sociologia*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n18/n18a12.pdf>. Acesso em 18 mai. 2014.

MADEC, A. MURARD, Numa. **Cidadania e Políticas Sociais**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

MARTINS, C. **A pluralidade dos mundos e das condutas sociais**: a contribuição de Bourdieu para Sociologia da Educação. *Revista Educação e Sociedade*. n. 27, 1987.

MATTELART, A. **Comunicação mundo**: história das ideias e das estratégias. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MATUS, C. **Estratégias políticas**: Chimpanzé, Maquiavel e Gandhi. São Paulo: Edições Fundap, 1996.

MARRA, M. M. **O agente social que transforma: o sociodrama na organização de grupos.** 1.ed. São Paulo: Ágora, 2004.

MELUCCI, A. **Um objetivo para os movimentos sociais.** Lua Nova: Revista de Cultura e Política. Usp: São Paulo, 1989.

_____, A. **Por uma Sociologia Reflexiva.** São Paulo: Editora Vozes, 2011.

_____, A. **Challenging codes.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____, **Juventude, tempo e movimentos sociais.** In: Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. São Paulo: ANPEd, n.5 e 6, 1997.

MITCHELL, J. M. **International Cultural Relations.** London: Allen & Unwin, 1986.

MULLER, G. (Org). **Jogo Social, Governo e excertos de Teoria General de la producion y del juego social.** São Paulo: Fundap/ Egap, 1999.

PARSONS, T.; SHILS, E. **Hacia una Teoria General de la Acción.** Buenos Aires, Kapelusz (originalmente publicado em 1951) 1968.

PONTE, J. P. (1994). **O estudo de caso na investigação em educação matemática.** Disponível em [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte \(Quadrante-Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte%20Quadrante-Estudo%20caso).pdf). Acesso em 05 abr. 2014.

PRUDÊNCIO, K. C. S. **Mídia ativista.** A comunicação dos movimentos por justiça global na internet. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

RATTNER, H. **A Grécia e o Futuro da União Europeia**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico. n.123. Fea, USP, Brasil, 2011.

REMPEL, E. T.; ARRUDA, R. A. ***Da teoria crítica à teoria da ação comunicativa contribuições de Habermas para compreender o mundo da vida e o mundo sistêmico***. In *Revista de Educação e Cultura: Florianópolis, 2011*.

ROCHER, G. **Sociologia Geral**. Presença, 3.ed. Lisboa, 1977.

RODRIGUES, E. S. A construção do projeto artístico pedagógico teatro de grupo. Disponível em: <http://webreitoria.udesc.Seminario 18/18SIC/PDF>. Acesso em 23 jul. 2012.

ROMANO, J.; NUMES, M. Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

RUBIM, A. A. C. **Organização e Produção da Cultura**. Salvador: Edufba, 2005.

_____, A. A.C.; RUBIM, I. ; VIEIRA, M. P. **Políticas e redes de intercâmbio e cooperação em cultura no âmbito ibero-americano**. Siete cátedras para la integración. Bogotá: Convênio Andrés Bello, 2005.

SABOURIN, E. **Desenvolvimento territorial e abordagem territorial – conceitos, estratégias e atores**. In: SABOURIN, E.; TEIXEIRA, O. A. (Eds.). Planejamento e desenvolvimento dos territórios rurais – conceitos, controvérsias, experiências. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2002.

SANTOS, B. S. (org.). **Globalização: Fatalidade ou Utopia?** 3.ed. Porto: Afrontamento, 2005.

_____, B. S. **A gramática do Tempo. Para uma nova cultura política. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e política na transição paradigmática.** Volume IV. 4.ed. Edições Afrontamentos: Porto, 2006.

_____, B. S. et al. **O Estado e a Sociedade Civil:** A criação de actores sociais num período de Reconstituição do Estado. Coimbra: Oficina do Centro de Estudos Sociais, 1998.

_____, B. S. **A Reinvenção Solidária e Participativa do Estado.** Coimbra: Oficina do Centro de Estudos Sociais, 1999.

_____, B. S. **Produzir para viver, os caminhos da produção não capitalista.** Porto: Edições Afrontamentos, 2004.

_____, B. S. **A Gramática do Tempo. Para uma nova cultura política.** Porto: Edições Afrontamentos, 2006.

_____, B. S. **Pela Mão de Alice.** 12.ed. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

SARBIN, R. T.; KITSUSE, J. **Constructing The Social.** London: Sage Publications, 1994.

SCHAWANKA, J. **Educação, Arte e Formação Humana:** Reflexões sobre a educação estética na escola. In Anais 18º Encontro Nacional da ANPAP, Salvador. BA, 2009.

SCHIAVO, M.; MOREIRA, E. **Glossário Social.** Rio de Janeiro: Comunicarte, 2005.

SEKEFF, M. L. **Arte e Cultura e estudos disciplinares.** São Paulo: Annablume, 2001.

SOUZA, H. J. **Como se faz análise de conjuntura.** 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SMELSER, N. J. **Theory of Collective Behavior**. London: Routledge and Kegan Paul and New York: The Free Press of Glencoe, 1962.

SILVA, A. S. **Cultura e Desenvolvimento**. Estudos sobre a Relação entre Ser e Agir. Lisboa: Editora Celta, 1999.

SOUSA, F. **Portugal e a União Europeia**. Revista Política Internacional Brasileira. Rev. bras. polít. int. vol.43. n.2. Brasília. July/Dec. 2000.

SWIDLER, A. **Cultural power and social movements**. In JONHSON, H.; KLANDERMANS B. (eds.). Culture and social movements. Minneapolis: University of Minnesota Press. (1996)

TILLY, C. **Regimes and Repertoires**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

TYLOR, E. B. **A ciência da cultura** (1871). In: CASTRO, C. (org.). Evolucionismo cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, Vozes, 1994.

_____, A. **O retorno do actor**: ensaio sobre sociologia. Lisboa: Instituto Piaget, 1984.

_____, A. **Podemos viver juntos? Iguais e diferentes**. CLASEN, J. A.; ALVES, E. F. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____, A. **The Falmer Press**. Jonh Street: London, 1996.

_____, A. **O que é a democracia?** Petrópolis: Vozes, 1996.

_____, A. **The voice and the eye**: an analysis of social movements. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

_____. A. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. A. **Um novo paradigma para compreender o mundo hoje**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

VILACORTA, A. E.; RODRIGUEZ, M. **Metodologias e ferramentas para implementar estratégias de empoderamento. Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

WARREN, I. S. **Sociedade e Estado**. Brasília, v. 21, n.1, jan./abr. 2006.

_____, I. S. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Revista Sociedade Estado vol.21. n.1. Brasília. Jan./Apr. 2006.

Referências eletrônicas:

Um problema de identificação. Artigo em <http://www.anpec.org.br/encontro2006/artigos/A06A090.pdf>. Acesso em 12 jan. 2014.

Entrevista <http://www.diarioliberalidade.org/mundo/batalha-de-ideias/24452-entrevista-com-boaventura-de-sousa-santos-sobre-neoliberalismo-e-o-sequestro-do-direito.html>. Acesso em 24 abr. 2014.

Entrevista <http://oglobo.globo.com/brasil/manuel-castells-povo-nao-vai-se-cansar-de-protestar-8860333>. Acesso em 20/mar.2014.

<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a03.pdf>. Acesso em 10 ago.2012.

www.unesco.org. Acesso em 04 em out.2013

Apêndice

Entrevista- Tese- Procedimento

Tipo de entrevista não padronizada e com aprofundamento.

Justificativa: tendo em vista a dimensão do tema que visa estudar algumas hipóteses optamos por utilizar o método de aprofundamento através de

entrevistas orais, afim de que possamos minuciosamente analisar o material e confrontar com as hipóteses e problemáticas estabelecidas. A partir de uma análise através de site, mídia social e contato com alguns membros foram desenvolvidos as perguntas para entrevista junto ao grupo Célula de Transformação(CDT).

1) Fale um pouco sobre si:

a)nome

b) idade

c)cidade

d)formação

e)origem social

f)níveis de habilitação dos pais

g)projeto profissional do próprio

2) O que é o Célula de Transformação?

a)cidade onde foi criado

b)ano

c)local de encontro

d)se tem sede

3) Como se deu o encontro entre os formadores?

4) Como os formadores se conheceram?

5) Quais foram as circunstâncias para este encontro?

6) Como é pautada a organização sistemática do grupo?

a)comunidade

b)projeto

c)curso

d)Formação

e)parceria e multiplicadores

7) Como é feita a divisão de tarefas e se há isto entre os membros?

8) Há um critério para o desenvolvimento deste?

9) Como se mantém a organização financeira do projeto?

- 10) Como é feito o dialogo com as parcerias públicas e privadas?
- 11) A parceria pública ela foi feita antes ou depois do inicio cdt?
- 12) Em relação a alguns trabalhos dentro de comunidade, o ano de 2011 foi um ano chave? Pode contar um pouco mais sobre..
- 13) Como se deu o dialogo por exemplo com a prefeitura ou USP(Universidade de São Paulo)?
- 14) Como se deu a parceria com as entidades internacionais e qual a inferência deste órgão dentro do projeto?
- atuação
 - acompanhamento
 - financiamento
- 15) O CDT desenvolve um projeto a partir da realidade local?
- Há uma característica na forma de intervenção: Empoderamento, Participação, Dialogo e Vivência. Como seria o dialogo com a comunidade?
- 16) Há resistência por parte da comunidade nas formas de intervenção?
- 17) Como se da a escolha do território e das pessoas participantes do projeto. Como é o desenvolvimento?
- a) pessoas(idade,sexo,formação)
 - b) local de aplicação da mediação
- 18) Nas ações sociais há continuidade de trabalho?
- a) se tem relatório:
 - b) entrevistas
 - c) mapeamento de dados
- 19) Poderia falar da atuação em cidades distintas como Ubatuba e Diadema. Há um contraste em realização a localização?
- 20) Qual o critério para a escolha do território?
- 21) O que seriam os multiplicadores?
- 22) O que seria metodologia dragom dreamming e a maneira como ela é aplicada entre os multiplicadores ?
- 23) O projeto atua com verbas de editais?
- 24) O projeto participa de crowndfunding ou outra forma de angariar fundos?
- como se da a remuneração dos formadores?

25) Há o CDT agricultura urbana. Como foi a junção destes outros membros?